

Livro de resumos | Abstract book

CIEG | 1 CONGRESSO INTERNACIONAL INTERNATIONAL CONGRESS

Estudos de género em debate:
percursos, desafios e olhares interdisciplinares

Gender studies in debate:
pathways, challenges and interdisciplinary perspectives

25-27 MAIO | MAY 2016

Centro Interdisciplinar de Estudos de Género (CIEG), ISCSP-ULisboa | Lisboa
Interdisciplinary Centre for Gender Studies (CIEG), ISCSP-ULisboa | Lisbon
Portugal

ciegcongress2016.admeus.net

organização / organised by



com o apoio de / supported by



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
AGÊNCIA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Secretariado / Secretariat

Leading Your Congress Organiser | E. secretariatciegcongress2016@leading.pt | T: + 351 217 712 634

Programa das Sessões Paralelas | Parallel Session's Program

Quinta-feira, 26 de Maio | Thursday, May 26th

Linha de Investigação 1 | Research Line 1

Género, feminismos e estudos sobre as mulheres | Gender, feminisms and women studies

9h30-11h	Feminismos: trajetórias Moderador Chair: Helena Sant'Ana
	Sala 2, Piso 2 Room 2, Floor 2
	A trajetória das (in)visíveis: o movimento feminista em Cabo Verde , Carla Carvalho <p>Em Cabo Verde, a promoção da igualdade de género tem ganhado acentuada visibilidade, com resultados notáveis, devido, em grande medida, ao trabalho de várias organizações da sociedade civil comprometidas com a igualdade de género, assim como a um manancial de políticas públicas implementadas. Essa visibilidade e os resultados associados devem-se à história e trajetória do movimento feminista em Cabo Verde. Assim, esta comunicação tem como objectivo apresentar a história e a trajetória do movimento de mulheres e do movimento feminista em Cabo Verde e analisar a actuação desse movimento na luta pelos direitos das mulheres. A história e toda a trajetória do movimento feminista cabo-verdiano emergem ligadas à própria história política recente do país – a independência e o multipartidarismo – que convém esmiuçar para se compreender os ganhos e os desafios existentes. Porque a história do movimento feminista em Cabo Verde permite-nos concluir que as mulheres, lentamente, foram adquirindo direitos e construíram uma agenda de igualdade que iniciou com uma abordagem voltada para os direitos das mulheres e passou para uma abordagem voltada para a igualdade de género.</p> Descolonizando Género: perspectivas a partir de África , Catarina Martins, FLUC/CES – Coimbra <p>A teoria pós-colonial parte da ideia de que a modernidade ocidental e o colonialismo criaram linhas abissais que invisibilizaram modos de vida e conhecimentos Outros, provocando epistemicídios. Trata-se, pois, de recuperar as epistemologias de um Sul (Boaventura Sousa Santos) entendido como metáfora daqueles/as cujas subjetividades, mundivisão e práticas sociais foram produzidos/as como inexistentes pela epistemologia hegemónica do Norte.</p> <p>Esta comunicação responde ao apelo de feministas do Sul no sentido da descolonização dos feminismos. Não se trata somente da crítica pós-colonial ao eurocentrismo de alguma teoria feminista do Norte, moldada sobre um conceito de mulher europeia, branca, cristã, bem como sobre uma representação redutora da mulher do “Terceiro Mundo” que anula as subjetividades das mulheres do Sul. Parto, sobretudo, da ideia de que os feminismos do Norte participam na colonialidade do poder que gerou os referidos epistemicídios. Pretendo interrogar os pilares teórico-conceptuais dos feminismos hegemónicos, no sentido de desconstruir a sua filiação na modernidade ocidental. O mais central destes pilares – o conceito de género – tem sido desmontado quer por teóricas do Norte, quer por teóricas do Sul, porém por motivos diferentes. Se, no Norte, “desfazer género” se deveu sobretudo à teoria queer e a razões associadas à sexualidade, no Sul, a desconstrução do conceito teve motivações de ordem cultural, a partir de estruturas sociais e políticas não ocidentais.</p> <p>Esta comunicação pretende refletir sobre propostas teóricas feministas de África, nomeadamente sobre formas de pensamento e intervenção até aqui invisibilizadas pelas epistemologias feministas hegemónicas. Para além de um breve percurso sobre algumas tendências dominantes dos feminismos africanos, serão apresentados resultados de um estudo em curso sobre movimentos de mulheres africanas subsaarianas e muçulmanas, como o pioneiro Yewu Yewi, do Senegal, importantes para a compreensão das lutas feministas na África ocidental e no contexto do islamismo.</p> Mulheres brasileiras: histórias por contar e considerar na formação das novas gerações , Ana Wuensch, Univ. de Brasília <p>A Educação Superior de profissionais, em diversas áreas do conhecimento e atuação social, especialmente na formação docente para a Educação Básica, necessita entrar em um “círculo virtuoso” de pesquisa, formação e extensão, agregando saberes e práticas, pedagógicas e políticas.</p>

	<p>Precisamos aprender a contar outras histórias em sala de aula: histórias de mulheres brasileiras, no plural, em suas identidades singulares, nas diversas áreas.</p> <p>Estamos, como de costume, em meio a uma reforma educacional que busca unificar o currículo escolar nacional obrigatório pelo mínimo. Certamente verificamos avanços na consideração das referências culturais, sociais, econômicas e políticas na formação do “povo brasileiro”, para as próximas gerações. Especialmente pelas modificações introduzidas no Artigo 26-A da Lei da Educação Nacional nº 9.394 de 1996, a partir das Leis nº 10.639 de 2003, e nº 11.645, de 2008, que tornam obrigatórios e transversais estudos da história Africana, afro-brasileira e indígena no currículo da Educação Básica. Temas essenciais para o entendimento de nossa identidade nacional em sua relação diversificada com os povos autóctones, os colonizadores e os “migrantes”.</p> <p>Em que pese tal orientação curricular para uma autocompreensão mais alargada de nossa história, incluindo referências que nos permite enfrentar preconceitos racistas e classistas ainda arraigados, não há um aporte de gênero igualmente conjugado aos novos temas curriculares nacionais que nos capacite a enfrentar o “sexismo”. O “povo brasileiro” de múltiplas ascendências, étnicas e culturais, ainda é representado como masculino/neutro nas paisagens históricas que (re)contamos nas escolas - em todas as disciplinas.</p> <p>Na formação docente superior, uma história brasileira no feminino, matizada pelas referências étnicas, sociais e econômicas, precisa emergir das lendas, chistes e exceções. Cabe reunir saberes que subsidiem currículos e materiais didáticos mais inclusivos e multidisciplinares, destacando protagonismos femininos exemplares mínimos, mas não excepcionais, entre nós.</p> <p>O movimento Fémen e as suas disrupções no movimento feminista, Luísa Rego, CIES-IUL</p> <p>Neste artigo procuramos compreender o feminismo das Femen questionando também as razões que limitam a implantação em Portugal desta organização. Apresenta-se o enquadramento na história e nas teorias feministas de um movimento com cinco anos de atividade, algumas centenas de militantes, forte presença nos media, e cujas ações de protesto conseguem perturbar chefes de Estado e de governo, parlamentos e Igrejas.</p> <p>Levanta-se muitas vezes a dúvida sobre se as Femen devem ser consideradas como parte do movimento feminista internacional e sobre a legitimidade dos seus princípios, tendo por base a crítica à forma como as ativistas utilizam o seu próprio corpo nos protestos, ou pelo modo como usam os media, ou ainda através do questionamento do tipo e financiamento da organização, ou da sua atitude iconoclasta face a qualquer religião.</p> <p>Se o fato das Femen evocarem reivindicações feministas poderá ser condição suficiente para serem reconhecidas como parte do movimento feminista internacional, também há quem as desclassifique simplesmente por protestarem de tronco nu, onde pintam as palavras de ordem enquanto gritam slogans radicais, atraindo - como nenhuma outra organização - a cobertura dos media e disseminando uma atitude de combate radical nas redes sociais.</p> <p>Este artigo cruza a investigação empírica e científica em curso, na qual a autora questiona também, pelo método de entrevista, o posicionamento de várias feministas portuguesas face a esta organização (Femen) fundada em 2008 na Ucrânia e hoje com implantação internacional. Trata-se de uma oportunidade de conhecer melhor estas ativistas e um feminismo que marca já a segunda década do século XXI.</p> <p>PALAVRAS-CHAVE: Femen, ativismo feminista, corpo, media(tiza)ção, Portugal</p>
--	---

<p>9h30-11h</p>	<p>Bodies, Power and Feminisms Moderador Chair: Maria do Mar Pereira</p> <p>Sala 4, Piso 2 Room 4, Floor 2</p> <p>Prefixing as performance; rewriting as revolution, Helen Palmer, Kingston Univ.</p> <p>The emergent interdisciplinary field of new materialism has much to say about the ways matter can be foregrounded, but the way that it speaks to theories of gender has not yet been made explicit. Similarly, its relationship to poststructuralist understandings of the materiality of the signifier requires more examination. This paper therefore looks at a number of linguistic operators in order to develop new ways of perceiving language as a gendered material enactment, using the prefix as an example. As a grammatical operator, the prefix operates before the remainder of the word in order to colour it in a certain way. Amongst others, the morphemes ‘de’ and ‘re’ operate as prefixes in English and are all particularly resonant in the thinking of gender. I argue that a ‘re-’invigoration of ‘de-’familiarisation is an important methodological tool here for examining precisely the proximity between critical distance and creative proximity in the thinking of defamiliarisation as a political and aesthetic strategy. I draw together Shklovsky’s original provocations on defamiliarisation as a</p>
------------------------	---

methodology for perception (1917) and Braidotti's positing of defamiliarisation in her thinking of the posthuman (2013) to propose ways that we might reinvigorate, politicise and queer this term in contemporary thought. Ultimately I argue that there is an important reciprocity between the seemingly dichotomous spatiotemporal and gendered operations of 'pre-'of prefixing and the 're-' of rewriting.

A dissensual approach to feminist aesthetics, Tina Chanter, Kingston Univ.

This paper embraces a dissensual model of feminist aesthetics, in which a world that passed itself off as the objective fact of the matter or just the way things are, as common sense, comes into conflict with another world. Through this clash of worlds, new ways of construing the way things appeared become possible. Interpretations that appeared to be unquestionable, now shift, becoming capable of contestation, precisely because a new perspective opens up, splitting off from the implacable way things seemed. A way of seeing things that was not there before, now becomes visible, or acquires an intelligibility it lacked before. Things shift, or dislocate, and through such a process, there is a redistribution of the sensible: the landscape of what seemed possible is redrawn. Art provides a new way of construing the world, opening up possibilities that were not evident before. Art is seen as capable of rearranging, reordering that which previously passed itself off as fixed knowledge.

Those who dictate the terms of intelligibility, who control the discourses according to which aesthetic judgments qualify as meaningful, claim to speak for all, but in fact systematically not only ignore those who have no part but also fail to notice that they have done so, that they have left some unaccounted for in their stipulations of the "all," that they have miscounted. When sensibility undergoes a new division, when it is shared out, distributed, partitioned, or framed in a new way, the miscount becomes visible. When dissensus is staged, the invisibility of those who previously did not count comes into view, such that they can be counted.

The paper draws on the work of Jacques Rancière in order to articulate a dissensual model of feminist aesthetics. Dissensus can provide a way of thinking the history of feminist aesthetics.

How to make bodies with words, Carmen Marín, Carlos III Univ.

I would like to discuss one possible anomalous turn in the framework of one of the most problematic topics in gender studies, namely the tension biology - construction (sex-gender, nature-culture etc) Although in many respects it is common to think that this kind of tension has been already resolved, in queer theory or in posthumanist approaches, it is still alive. So I will present a very simple argument, that no doubt allows counter-arguments, in two levels. First, in an epistemological level, I will analyze the real possibilities to overlook nature, when we approach the body; and second in a political level, trying to show how a hidden ontological commitment forces such ignorance of nature. Through these double analysis I will try to lay the foundations for a new naturalism, that does not generate inequality and injustice.

Why western women join to ISIS?, Zehra Yilmaz, Van Yuzuncuyil Univ.

In last days 'why western women join to ISIS' is very critique question among people who interest in gender studies. As is known Muslim women's join to ISIS is subvert some arguments of western feminism. Because these women 'prefer' to join ISIS and its gender segregate life instead of 'western freedom opportunities'. This issue forces us, as feminists, to rethink in which sense the ethnic or religious identities forge ahead gender identity. Because of this, first of all with this paper it is planned to analyze the reasons of women's preference to join ISIS. But till today, European Muslim women's participation to ISIS has been argued with a dichotomy that mentioned how women leave "modern" and "progressive" west and prefer to live "tyrannizer" and "unprogressive" ISIS domination. If we do not think that ISIS has convinced women by using "kittens" and "nuthella" photos on twitter like CNN's Newsroom anchor, we should rethink ISIS women policy and the reasons why western women join to ISIS beyond orientalist perspective. Because opposite site of this perspective does not any mean more than repeating the common cliché that emphasizes "ISIS is a barbarian terrorist organization". However, I consider that we have bitty information about ISIS's women policy because very few women have separated from ISIS comparing with men and also women are minimizing their internet using after joining ISIS. Therefore, our information regarding to ISIS women policy bases on only their manifesto named "Women of the Islamic State: A Manifesto on Women by the Al-Khanssaa Brigade" which published at 25 January 2015. Therefore, while I analyze the reasons of western Muslim women's participation to ISIS, at the same time I plan to review the manifesto of ISIS for understanding basic points of ISIS gender policy.

Women's Activism in Conflict Contexts: Beyond Mainstream Theoretical Approaches and Political

	<p>Practices, Giulia Daniele, Univ. of East London/ISCTE-IUL</p> <p>The paper I submit for your consideration is founded on the theoretical analysis and the fieldwork evaluation reported on in my Ph.D. dissertation, which has been published by Routledge in the form of a book entitled <i>Women, Reconciliation and the Israeli-Palestinian Conflict: The Road Not Yet Taken</i>. One of the main objectives of my research has been to analyse the most significant Palestinian and Israeli women's political initiatives that have been influenced by and, in the majority of cases, prevented by obstacles associated with the Israeli military occupation in the last decade. Despite most of such women's political proposals have been relegated to the margins of the mainstream arena, a few of them have succeeded in finding alternative politics and approaches that have assisted them in their struggles. In such a framework, by working with diverse discipline areas and research fields since the earliest stage of my academic career, my contribution is related to the current debate on gender studies dealing with academic theories and political practices in a perspective that could lead scholars and activists to seriously rethink the closer connection of their analytical approaches. This is a problematic issue not only in relation to the Israeli-Palestinian conflict, but also globally in further conflict contexts in the way it is concerned with the importance of understanding the variety of fissures within such studies, using conflicting narratives based on class, ethnicity, nationality, locality, gender, and age, by means of the intersectionality approach.</p>
--	--

<p>16h-17h30</p>	<p>Reflexivity on Intersectionality Moderador Chair: Maria do Mar Pereira</p> <p>Sala 2, Piso 2 Room 2, Floor 2</p> <p>Intersectionality and the ontological, epistemological and political status of categories, Lena Gunnarsson, Örebro Univ.</p> <p>The paper addresses the ontological, epistemological and political status of intersectional categories, in a general context of categorial destabilization combined with a continued need for addressing collectivities, such as women. Drawing on the meta-theoretical tools of critical realism, I delineate a way of conceptualizing the ontology of intersectional categories which honours their ontological irreducibility and distinctness while avoiding homogenization and fixity. I centre the issue of the separateness versus inseparability of intersectional categories, suggesting that many conflicts in debates about intersectionality could be solved if we become clearer about what we mean by 'separate' or 'inseparable'. The paper offers a (dialectical) critical realist solution to the in/separability tension, pivoting around the claim that things can be both separate and inseparable, at the same time.</p> <p>Fear, Privilege and Reflexivity: Accountable Institutional Ethnography as a Feminist Approach to Research, Órla Murray, Univ. of Edinburgh</p> <p>This presentation will reflection on feminist epistemology and methodology, exploring the ideas of reflexivity, representation, and accountability for the feminist researcher with reference to institutional ethnography, an alternative feminist approach to research developed by Dorothy Smith. As a feminist researcher I am often filled with fear; fear that I will misrepresent others, get it wrong, and not be sufficiently 'reflexive'. Much of this is based on a particular kind of personal reflexivity that forefronts the identity of the researcher and engages with the structural privileges and oppressions she faces vis-à-vis those of her participants. The underlying assumptions being that sharing identity categories, and by extension experiences of privilege and oppression mean the researcher is better able to represent or understand 'her own' rather than 'others'. A simplistic engagement with this sort of personal reflexivity can easily become a tokenistic and limited exercise whereby researchers discuss their privilege or positionality in a limited single statement rather than reflecting on the actual impact of her positionality on her work and those she interacts with in the research process.</p> <p>A more complex and holistic understanding of reflexivity is essential in order to engage with the positionality of the researcher as not just a collection of abstract privileges and oppressions, but rather a person whose situated and relational identity categories impact her knowledge production alongside other research decisions. In this presentation I will explore a complex, holistic understanding of reflexivity and discussions of accountable knowledge by Liz Stanley & Sue Wise as two strategies for feminist researchers to employ when trying to make text-focused institutional ethnography more accountable.</p>
-------------------------	---

	<p>How should we as feminist researchers operationalize intersectionality?, Michelle Larkins and Dr. Wynne Wright, Michigan State Univ.</p> <p>Central to the framework of intersectionality, is the concept that subjective identities create interlocking categories through which the inequalities of power are experienced. This simultaneity of gender, race, class, and sexual orientation to name just a few, make this a rich theoretical ground yet difficult to examine empirically. Collins (2000; 1989) has referred to this as intersectionality's ampersand problem, wherein these identities are treated as discrete rather than woven subjectivities. Regardless, the popularity of intersectional frameworks in gender and feminist studies has continued, as scholars have sought to distance themselves from earlier work that problematically assumed a universal experience of women and men; neglecting to include the standpoints of women and men of color, different classes, and other social locations.</p> <p>Within this paper, I will draw on women's accounting of experiences of exclusion based on the accumulation of their gender, femininity, and place. These experiences are drawn from a larger oral history project that examined how women's congruence or contestation of localized hegemonic femininities and masculinities determined the distribution of environmental, social, political, and economic resources (power) to their community activism organizations in two regions of the United States. I will demonstrate how oral life histories as a method can be used to address the specter of absence of women's voice (the mutedness of women), and accomplish DeVault's call to be researchers who can listen 'around' and 'beyond' words (1990). Moreover, I will discuss how the use of oral history can create the relational space between researcher and respondent to elicit new vocabularies for women (DeVault, 1994), by allowing actors across identities to name their lived realities and construct a discourse of experience. By doing so intersectional analysis can clearly elucidate the presence and absence of voices across geographies and subjectivities, and further link this work to praxis and policy.</p> <p>Gender & Women's Studies at Minnesota State University, Mankato, USA: Bridging theory & practice, Laura Harrison and Maria Bevacqua, Minnesota State Univ.</p> <p>This paper will explore the past, present, and future of the field of academic Women's Studies through an analysis of the Gender & Women's Studies Department at Minnesota State University, Mankato. The authors, both faculty within this department, will situate the successes and challenges of the department's programs within the current debates and critiques of the field.</p> <p>The birth of Women's Studies at MSU parallels the development of the field in colleges and universities across the United States and internationally. The first women's studies course at MSU was offered in 1970, and the Women's Studies Program was established in 1975. The undergraduate minor was approved in 1976, the program became a department in 1978, and the undergraduate major came about in 1980. In 1986, the Master of Science in Women's Studies was established, the first such degree in the United States. In 2009, the Department was renamed Gender & Women's Studies. This paper will contextualize MSU's GWS department within the broader institutionalization of Women's Studies in the United States.</p> <p>A longstanding commitment of GWS department programs is the bridging of theory and practice—a commitment that, nationally, has come in and out of fashion over the past four decades. Given the resurgence of social justice activism broadly in society—and on university campuses in the US—we would like to discuss what we see as the reasons for the success of this department in maintaining the link between feminist theory, activism, and practice. To illustrate this commitment we will discuss a particular course that unites activism and theory by training students as sexual assault advocates.</p>
--	---

<p>16h-17h30</p>	<p>Re-thinking Feminisms Moderador Chair: Adriana Bebiano</p> <p>Sala 4, Piso 2 Room 4, Floor 2</p> <p>Should we save the Woman? Practical possibilities of Rosi Braidotti's concept of a nomadic subject, Marzena Adamiak, Polish Academy of Sciences</p> <p>Ideas embedded in enlightenment concepts of subjectivity, understood as a coherent and rational identity, have established a universal perspective for a long time. Today, this outlook is being questioned by the experience of difference. Voices of minorities demanding acceptance and representation, both in social practice as well as theory, have become more audible. But while a theory allows for radical mental conclusions, the social and existential practices require positive theoretical solutions. Therefore, the very big challenge for feminist theory today is to find a form for the social subjectivity and, at the same time, avoid an oppressive and reductive category. In</p>
-------------------------	--

	<p>particular, is there still a place for the category of Woman? Rosi Braidotti, in her work <i>Nomadic Subjects: Embodiment and Sexual Difference in Contemporary Feminist Theory</i>, employed the Deleuzian figure of a nomad, and proposed a concept of a subject being resistant to postmodern fragmentation. Attempting to construct a clearly positive conception of subject, Braidotti proposes “a nomadic political project”. The question is: is it possible to put this idea into a social reality or we have just another sophisticated theoretical concept?</p> <p>'Re-thinking Feminist Subjectivities', Laura Branciforte and Virginia Fusco, Univ. Carlos III de Madrid</p> <p>A new ‘political imaginary’ that revolves around a complex set of notions such as identity, gender, difference, cultural domination is challenging the historical commitment of liberal democracies with equality. The fight for the recognition of gender identities and their political representation seems to remain a pending task as much as the need to create a common front against the virulent outbreak of gender violence in different European locations. What to do? How to react? Can feminism still offer an answer and represent an alternative form of power? Can it offer a counter-narrative and envision horizons of freedom? New subjectivities rebel against the withering of History and of contemporary theories. Is it possible to disrupt the binary oppositions of private/a-political, public/political that have been so harmful and still constitutes ‘false’ social representations? We wish to explore some of these complex issues providing a genealogy of feminist groups that have articulated their discourses and political practices in Spain and have attempted to create forms of counter-power locally. On the other hand, we will illuminate how militant feminist groups organize themselves in the metropolitan area of Madrid nowadays –through ethnographic fieldwork- and which issues are central to their political activism and social mobilization. We hope that these two perspectives on our militant history and on current feminist practices will provide a meaningful insight on our present condition as postfeminist subjects and will illuminate trajectories and options for the near future.</p> <p>Sister founders in sociology - Feminism and sociology, Lejla Music, Sarajevo Univ.</p> <p>Sister’s founders in sociology as a coin term are formed by Mary Jo Deegan, in order to explain, demarginalisation of female stream sociological theory. Even though there are more than 52 women considered to be founders of sociology, they are still not recognized in sociology, especially in Bosnia and Herzegovina. Aristotle’s distinction between male/female, according to authoress Shipley, represents the key moment to ideological foundation of the women exclusion from academia and public life, because their identification with natural and irrational. Results of Wars, global ecological movements, and movements for the rights of the minorities were joined together in creation of significant subversion and counterpart of male stream patriarchal ordained theories in eco feminist movement. The women and nature in male stream theories are considered to be the insignificant Other, formed as counterpart for male principal which is culture, reason and activity. Logic of dominance with its objectification, imperialism, colonialism, patriarchy and European West racism must be rendered with the logic of nurturing as the prevailing concept of successful bioregional cooperation and interpersonal relationships, pacification and peace agreements. Research objectives are focused to investigation of contemporary sociological sources and literature on female founders in sociology as well as the student opinions on number and function of female sociologists in general. Proposed methodology is content analyses, questionnaires and interviews. Expected outcomes will show what is the real position on female sociologists? As a result strategies will be offered and in conclusion, the recommendations will be given and set the foreground for new investigation in the same field.</p> <p>Key terms: logic of dominance, logic of care, malestream / femalestream, independent man vs. Independent women, Aristotle's mysogeny.</p>
--	--

Linha de Investigação 2 | Research Line 2
Políticas, instituições e cidadania | Policies, institutions and citizenship

9h30-11h	<p>Gendering development and social protection systems Moderador Chair: Paula Campos Pinto</p> <p>Sala 5, Piso 2 Room 5, Floor 2</p> <p>The language of policy: An analysis of turkish 5-year development plans and gender issues in the agro-rural sector, Tulay Atay-Avsar, Mustafa Kemal Univ.</p> <p>Development plans comprise the entirety of policies promoting and accelerating the economic, cultural and social advancement that is to respond to the needs and demands of society. Following</p>
-----------------	--

the 1929 world economic crisis, Turkey abandoned its mere regulatory stance in the state's economic life, with its decision to participate directly in economic life as an entrepreneur. It thus resolved to pursue planned economic policies with a view to realising industrialisation. The one-and-a-half-year Industrial Plan for the years 1934-1939 is an outcome of this decision; the two-and-a-half year Industrial Plan spanning the years 1939-1943 could not be implemented during World War II conditions. While the need for planned development was emphasised throughout the 1950s, planned development was actually undertaken in 1960, with the establishment of the State Planning Organisation. The 1961 Constitution also provided the legal backdrop of the planned development. The First Five-Year Development Plan covers the period 1963-1967. The last and ongoing Fifth Five-Year Development Plan covers the period 2014-2018.

The importance of the connection between social gender equality and development plans has been highlighted in the two documents, which came to be known as the "Beijing Declaration and Platform for Action," after the Fourth World Conference on Women held in Beijing on 4-15 September 1995. The overriding emphasis in these documents is the unrealistic nature of state rhetoric and promises aimed at gender equality without the prior formation of an appropriate economic structure, and without recognition of the need for a more equitable distribution of public resources to both women and men. While the need for recourse to women's views is important in the process of creating development plans, the visibility of the contribution of women in the development effort is also of import. The issue of women's employment becomes crucial at precisely such a juncture. In developing countries, men make up the majority of those working in the city, while the majority of workers in the agro-rural sector are women. Such a situation thus requires the increased visibility of women working in the rural and agricultural milieu, within the framework of development plans. This study aims to evaluate development plans in Turkey in an economic and gender context, especially from the perspective of their view of women working in the agricultural sector.

Key Terms: Development Plans of Turkish Republic, Gender Equality, Women's Status in Agro-Rural Sector.

Invisible identities: A critical analysis of intersections of gender, disability and social protection in the Maghreb, Teresa Pinto, Paula Campos Pinto, ODDH/ CAPP/ ISCSP

Women with disabilities face multiple layers of discrimination - they are discriminated against based on their disability, as well as on their gender. In addition, women with disabilities constitute a diverse and heterogeneous group – many of whom may also face additional prejudice and stigma due to their race, ethnicity, sexual preference, age and other aspects of who they are and how they live. This multiple discrimination is explicitly recognized in the UN Convention on the Rights of People with Disabilities which in its article 6 obligates State parties to “take all appropriate measures to ensure the full development, advancement and empowerment of women.” This presentation will examine intersections of gender, disability and culture, drawing from 75 interviews with girls and women with disabilities 12-45 years-old, living in urban, suburban and rural settings in Algeria, Morocco and Tunisia, to identify sociocultural barriers faced by women with disabilities in the Maghreb region and their impact on the enjoyment of basic human rights, particularly the right to social protection and an adequate standard of living. The intersection of these positionalities entails particular challenges, struggles and expectations that cannot be fully understood as the result of one-directional or cumulative processes of inequality and oppression and should therefore be seen as a new reality that may compound and deepen social exclusion . Yet the narratives collected also reveal multiple strategies of resistance that must be identified and understood in order to renew, deconstruct and reconstruct our knowledge about women with disabilities in the Maghreb in light of the intersections between gender, disability and culture.

Gender, social support, and perceived health status amongst oahu's homeless, Vijaya Perumal, Univ. Of Hawaii Manoa

Homelessness is a critical social issue in the Hawaiian isles. There are approximately 14, 282 homeless people in Hawaii. This number is on the rise due to high cost of living, high rents, poverty, unemployment, and migration from Micronesia, and the Marshall Island. Native Hawaiians are over-represented in the homeless rate. Men, women, and children are sleeping in encampments on the streets throughout the island. It is known that homeless people have physical and mental health problems. This paper will look at the social support availability and its effect on health issues.

This research will explore the impact of gender on social support and health status. Homeless people have a high prevalence of illness and are at greater risk for mortality than the general population. Surprisingly, few studies have explored gender, social support and health of homeless persons. There is also little information on health status of homeless persons in Hawaii. The purpose of this study is

	to see whether health status differs based on gender and social support using a sample of homeless people in Oahu, Hawaii. The study surveyed a convenience sample of approximately 151 individuals living in homeless shelters on Oahu. The cross-sectional, quantitative study included survey questions exploring length of homelessness, interpersonal support, and perceived health status. The results would show whether there is gender impact on social support and health status.
--	---

9h30-11h	<p>Democracia e instituições públicas: Interseções de gênero Moderador Chair: Helena Pereira de Melo</p> <p>Sala 6, Piso 2 Room 6, Floor 2</p>
	<p>Um retrato luso-brasileiro da representatividade política das mulheres em órgãos de poder, Paloma Paes</p> <p>Dentro da análise do tema "Democracia e instituições políticas", debater a representatividade das mulheres no Parlamento sob uma perspectiva Brasil e Portugal é relevante dentro da atual conjuntura jurídico-política.</p> <p>Isso porque a questão relativa a desigualdade de gêneros no âmbito político é um tema controverso e que ainda gera muitas discussões, principalmente em nossa sociedade e no ambiente acadêmico. No entanto, apesar dos avanços e conquistas dos direitos das mulheres, atualmente, ainda faz-se necessário criar mecanismos para inserção da mulher no seio da sociedade, retirando-a da marginalização e do silêncio reprimido.</p> <p>Na década de 90 foi criada no Brasil a denominada política de quotas, no qual estabeleceu-se que cada partido ou coligação deverá reservar o mínimo de 30% (trinta por cento) e o máximo de 70% (setenta por cento) para candidaturas de cada sexo, dentro do número de vagas resultantes das regras fixadas pela lei, ocorrendo uma alteração de texto em 2009.</p> <p>Por outro lado, em Portugal somente trinta anos após a promulgação da Constituição Portuguesa, em 21 de agosto de 2006 foi implementada uma política de fomento para a participação política das mulheres no Parlamento, através da denominada Lei da Paridade.</p> <p>Todavia, embora estes Estados tenham passado por processos históricos e emancipatórios completamente distintos, não conseguiram ainda introduzir uma efetiva participação feminina no cenário político, refletindo-se no âmbito legislativo a ausência de pluralidade da sociedade, posto que apesar das mulheres numericamente ocuparem mais de cinquenta por cento do eleitorado, não alcançaram a paridade tão almejada.</p> <p>Assim, em países onde encontra-se presente a democracia-representativa, constata-se que a desigualdade entre os gêneros não é um tema superado, devendo ser objeto de estudo científico e debate acadêmico.</p> <p>Palavras-chave: mulheres, representação, quotas, Parlamento.</p> <p>“Nós somos diferentes, mas a intervenção tem de ser igual para todos”: Resultados de um projeto sobre a importância da intervenção gender-responsive no sistema de justiça juvenil, Ana Guerreiro e Vera Duarte, ISMAI</p> <p>O propósito desta comunicação é apresentar e discutir alguns dos resultados (preliminares) de um projeto de investigação em curso, sobre “Delinquência juvenil feminina: padrões, necessidades e intervenção”. Este projeto tem como principal objetivo explorar e compreender a necessidade de uma intervenção focada no gênero (gender-responsive) no sistema de justiça juvenil português. Usando métodos qualitativos, particularmente o focus group, pretende-se dar voz às jovens em cumprimento de medida de internamento em centro educativo e aos/as profissionais que com elas trabalham, de forma a compreender e aprofundar as práticas, as necessidades e as áreas-críticas e prioritárias de intervenção com raparigas delinquentes. Apesar de a delinquência feminina e os programas/ serviços/ políticas sensíveis e focados no gênero serem um tópico de interesse junto de investigadores/as e profissionais no contexto internacional, havendo já ideias e propostas estruturadas do que significa providenciar uma intervenção gender-responsive no sistema de justiça juvenil (Bloom & Covington, 2001, 2006; Zahn et al., 2009), a expressão deste tópico na agenda nacional é ainda escassa (Duarte & Vieites-Rodrigues, 2015); apesar das evidências que apontam para a necessidade de uma agenda de investigação, de política e de intervenção (CFCE, 2012; Duarte, 2012) sobre esta matéria. Providenciar serviços orientados para as especificidades de gênero não significa desenvolver uma intervenção orientada para o gênero.</p> <p>Democracia, Direito e Gênero: o papel da Procuradoria Regional Eleitoral para a inclusão das mulheres na política em São Paulo, Surrailly Youssef e Clio Radomysler, Univ. de São Paulo</p> <p>A aprovação da política de cotas eleitorais de gênero no Brasil, a partir da Lei 9100/1995, alterada</p>

pelas Leis 9504/1997 e 12034/2009, visa aumentar o percentual de candidaturas de mulheres para o mínimo de 30% nas eleições proporcionais. A Lei de 2009 também garantiu 5% do fundo partidário e 10% do tempo de propaganda gratuita para difundir a participação política feminina.

Apesar dos dispositivos legais a sub-representação política das mulheres permanece. Em 2014, as mulheres compuseram 9,94% da Câmara e 13,58% do Senado Federal. O Brasil ocupa o 156o lugar entre 188 países com maior participação da mulher na política, conforme levantamento da União Interparlamentar.

O objetivo desse artigo é analisar as possibilidades e limites da atuação da Procuradoria Regional Eleitoral de São Paulo (PRE-SP) para assegurar a observância das cotas eleitorais de gênero. Assim, a pesquisa insere-se na segunda linha de investigação refletindo sobre democracia e instituições políticas.

A PRE-SP é o órgão responsável por fiscalizar o cumprimento das cotas pelos partidos políticos e garantir um processo eleitoral democrático. A primeira ação judicial no Brasil exigindo a difusão da participação feminina na propaganda partidária foi realizada pela PRE-SP em 2012.

Foram analisadas as diferentes estratégias realizadas pela PRE-SP desde 2012 para concretizar as cotas eleitorais de gênero: audiências públicas, recomendações aos partidos políticos e promotores eleitorais, ações judiciais e extrajudiciais, publicação de notícias, e realização de relatórios. A metodologia utilizada foi a realização de entrevistas semiestruturadas com atores sociais (movimentos feministas, promotores e procuradores eleitorais e juízes e desembargadores eleitorais) e o estudo dos documentos envolvidos nas estratégias.

Foi possível concluir que a PRE-SP realiza iniciativas importantes para a inclusão das mulheres nos processos de decisão política, servindo de parâmetro para outros Estados do Brasil, mas ainda enfrenta desafios para combater a desigualdade de gênero na esfera pública.

Feminização da Pobreza e Acesso à Justiça Federal: a situação de famílias requerentes do BPC, Joselia Reis

Este trabalho se constitui em uma reflexão sobre a realidade de famílias chefiadas por mulheres que requerem o benefício de prestação continuada (BPC/LOAS) por via judicial. Reconhece-se nestas trajetórias um caminho marcado por duas margens estreitas: de um lado, a volta ao ambiente doméstico motivado pela necessidade de cuidado ao familiar com deficiência ou doença crônica; e, por outro lado, a necessidade de recorrer ao Poder Judiciário para garantir o direito à renda.

Em comum nas suas histórias, há a chefia do grupo familiar, a falta de suporte, e a busca pelo reconhecimento do estado de miséria, pelo Poder Judiciário, para que se garanta a renda de um salário mínimo. Embora se parta de casos reais, para ancoragem das reflexões, a proposta é estruturada por meio de uma breve comparação com os textos trabalhados na disciplina Pobreza e Desigualdades Sociais no Brasil cursada no Programa de Pós Graduação em Política Social da Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense.

Comparamos os casos concretos e as questões que permeiam o reconhecimento da pobreza, observando sua feminização, além de destacar que, as mulheres que representam os autores dos processos, na maioria das situações, abandonaram o mercado de trabalho, para assumir as funções de cuidados com os familiares com deficiência.

É necessário problematizar a necessidade de configuração do “estado de miséria” para que se constitua o perfil ideal de acesso a serviços e benefícios da Política de Assistência Social e o quanto esta necessidade confronta agressivamente o conceito de dignidade humana previsto na Constituição Federal Brasileira.

A Teoria Interseccionalidade: sua contribuição na transformação das políticas e sistemas de saúde, Joana Topa, ISMAI/CIEG

A Teoria da Interseccionalidade é considerada a abordagem feminista mais importante no que concerne à análise da opressão (Nash, 2008). Esta permite a análise integrada de diferentes fenômenos multideterminados que acabam muitas vezes por interagir suplantando as desigualdades criadas pelo gênero (La Barbera, 2012; Nogueira, 2011). Vários estudos feministas recentes têm destacado a necessidade de se ter em consideração a interseccionalidade na diversidade, quebrando com as perspectivas mais tradicionais na qual a diversidade se resume a apenas uma ou duas categorias identitárias (e.g. Fish, 2009). Sendo as migrações pautadas por uma polifonia de vivências, nesta comunicação apresenta-se uma reflexão sobre a importância desta teoria na conceptualização e implementação das políticas de saúde (Hankivsky, 2011; Hankivsky et al., 2010; Hankivsky & Cormier, 2009).

Palavras-chave: Teoria da Interseccionalidade, Imigração feminina, Cuidados de saúde, Poder

<p>16h-17h30</p>	<p>Gender equality policies: International perspectives Moderador Chair: Paula Campos Pinto</p> <p>Sala 5, Piso 2 Room 5, Floor 2</p>
	<p>Gender equality and gender rights in the European fathers' rights movement(s) discourses, Katarzyna Wojnicka</p> <p>The main goal of my presentation is to present and analyze the discourses on gender equality and gender rights in the European fathers' rights movement(s) belonging to the wider group of men's social movements. Fathers' rights groups, networks and organisations exist in all European countries and are the most recognisable and "powerful" phenomena among all European men's movements. However, in spite of its meaning in creating politics and discourse on men, masculinities and gender equality, there is a lack of comprehensive, comparative research on the European dimension of the movement. Therefore, there is a need to conduct analysis on the movement(s) discourses in regard to the concept of gender equality.</p> <p>The analysis will be developed on the basis of a) desk research and b) qualitative research (in-depth interviews and participant observations) on the contemporary European father's rights movements conducted between 2009 and 2011 with 16 members of dozen father's rights groups in Poland as well as on the ongoing research on European father's rights movements which has been conducted since Fall 2014 in Sweden and United Kingdom. All of the countries represent 3 different European gender regimes and regime this classification to a large extent corresponds to the regional diversification of Europe (Nordic, Eastern and Western European regions) and therefore, can be used in the analysis of multi – country European research projects.</p> <p>Gender Equality Policies and their Implementation in the German Democratic Republic, Susanne Kranz, Zayed Univ.</p> <p>This paper sheds light on how women were politically, socially and economically mobilized and represented under the banner of state socialism in the German Democratic Republic (GDR). Women were essential in the nation-building process while clear patriarchal hierarchies and boundaries were maintained and even strengthened throughout the existence of the country that proclaimed "real existing socialism." State's women's policies were characterized by the realization of legal equality between men and women, the promotion of working women, and the special protection of mothers and children. Gender-based policies had been contradictory since it was becoming increasingly difficult to combine paid employment, household labor and motherhood. Women's policies morphed into mommy-policies with specific laws for mothers, further emphasizing the state as a clearly gendered institution. Men were completely disregarded, reinforcing stereotypical perceptions of masculinity and femininity in the GDR. The contradictions became clear when examining the gender-segregated labor market where women were given the opportunity to train in typical male professions but men were firmly kept outside female professions. Women's performance was constantly measured against men's, emphasizing the confusing gender policies and issues with their implementation. Emancipation of women and the equality of the sexes were realized from above; according to the Marxist understanding of emancipation, it was the state's task which had been successfully completed in 1972. Any discussion about women's rights or gender equality hereafter became obsolete, yet women remained a crucial element in the state's rhetoric about strengthening the socialist nation. Women policies were progressive in some fields, such as the right to abortion or the right to work, but the socialist regime maintained and even hardened traditional gender roles and spheres; women remained underrepresented in leadership positions despite the existence of gender equality policies which stood in stark contradiction to the state's rhetoric on equality.</p>
<p>16h-17h30</p>	<p>Sexual citizenship: In quest for rights Moderador Chair: Helena Pereira de Melo</p> <p>Sala 6, Piso 2 Room 6, Floor 2</p> <p>Hate speech: gender and freedom of religion, Beatriz Galván, Univ. de Alicante</p> <p>The management of cultural and religious diversity is one of the most important challenges to democratic countries, particularly in relation to women.</p> <p>In Spain the Criminal Code's reform (2015) has introduced the gendered hate speech. This reform has introduced important amendments to Article 510, which criminalizes the conduct of incitement to hatred, hostility, violence and discrimination. This study examines the limits which can be imposed by</p>

the criminal law to the spreading of sexist stereotypes or even provocation to violence against women that is motivated by religious/cultural believes relating to gender.

Las políticas públicas reguladoras de la salud sexual y reproductiva en México durante el gobierno conservador, Citlalin Ulloa Pizarro, Univ. Iberoamericana

Durante los sexenios en los que gobernó la derecha en México (2000 a 2012) las políticas reguladoras de la salud sexual y reproductiva fueron abordadas de tal forma que la institucionalización de la perspectiva de género se percibió débil e inestable, debido a la tensión entre dos posiciones políticas opuestas: derechas y feministas. A través de un análisis del marco normativo de esta política, se muestran las características principales que distinguieron a esa política durante ese periodo y las consecuencias que tuvo integrar el principio de equidad en las políticas públicas de género de una manera precaria.

Abstract: During the conservative party in which it governed the right in Mexico (2000-2012) the regulatory policies of the sexual and reproductive health were approached in such a way that the gender mainstreaming was perceived weakly and unstably, due to the tension between two political opposite positions: rights and feminists. Across an analysis of the normative frame of this politics, there appear the principal characteristics that distinguished to this politics during this period and the consequences that the beginning of equity had to integrate in the gender public policies of a precarious way.

Palavras Chave: Políticas públicas; Saúde sexual e reprodutiva; Conservadores; México; Equidade e igualdade de gênero.

Secular State and Voluntary Interruption of Pregnancy in Spain, Nieves Montesinos Sánchez, Univ. de Alicante

As in different European countries, abortion in Spain has been subject to different legislative reforms. Law 2-2010 of 3 March of sexual and reproductive health and the voluntary interruption of pregnancy, was approved at the ninth legislature during the Government of José Luis Rodríguez Zapatero, being the first lets treat abortion as a so-called decriminalized, and - among other matters - extended the ability to grant consent for voluntary interruption of pregnancy to the minors 16 and 17 years old, comparing them to the general regime applicable to adult women. After the triumph of the popular party in the general election on November 20, 2011, the issue returned to be a subject of controversy. The Council of Ministers approved the draft organic law for the protection of the life of the designed and the rights of the pregnant woman on December 20, 2013. Even if the project was removed and there was the resignation of the Minister, the popular Party approved a reform of the law, the organic law 11/2015, 21 September, to strengthen the protection of women and minors with capacity as judicially amended voluntary pregnancy interruption, so already they could not have abortions without parental consent. At this time, and before the general elections that will take place on 20 December next, the subject is again in election manifestos of various parties. It is a question not closed, with a great political, legal and social debate that directly affects the rights of women.

Key Words: voluntary interruption of pregnancy, abortion

LGBT activism in the police: Sexual citizenship and authority belonging?, Verena Molitor and Tatjana Zimenkova, Bielefeld Univ.

Since some decades LGBT-police officers in different countries enter the field of LGBT activism as they organise in unions, fighting discrimination and changing the image of police as a homophobic institution. Research so far concentrated on the questions of discrimination, perceptions of gender within the "police culture", and exclusions LGBT-officers are confronted with. Some important questions regarding the specifics of LGBT-police activism are not articulated within the research so far. The activities of the LGBT-police organizations are to be (partly) seen as political activities of sexual citizens for they promote rights and protect themselves as minority. These activities are political in the sense of influencing power relations in the society, and hence they are an articulation of state-individual relationship, the citizenship. Simultaneously, these unions originate from within an executive authority, and the work of the LGBT officers confronts them as authority members with the problems and conflicts they as sexual citizens (Richardson 2000) try to solve. The question of the possible tensions between these two political identities is relevant from the standing point of theory of citizenship (Gallagher 2008) and of theory on identity and minorities due to specific interconnection of identities (Tajfel/Turner 1986). Especially in case of Trans*officers the gender identity is being constantly coordinated with the professional identity as police member. Analysing interviews with LGBT-police officers/activists in Germany, the contribution discusses the visibility of these tensions between citizenship activities of the LGBT-police officers and their membership in the

	<p>executive authority, and demonstrates how the belonging to minority is being handled with respect to the policing. Based on theories of citizenship and identities (Díez Medrano/Gutiérrez 2001), the contribution demonstrates the specifics of the LGBT-police organizations comparing to other LGBT-unions and positions LGBT-policing as a specific form of political sexual citizenship.</p> <p>Keywords: LGBT-policing; sexual identities, sexual citizenship; citizenship theories; identity and Belonging.</p>
--	---

Linha de Investigação 3 | Research Line 3

Gênero e a construção das sociedades contemporâneas | Gender and the construction of contemporary societies

9h30-11h	Estratégias de resistência de gênero Moderador Chair: Carla Martins
	Sala 2, Piso 3 Room 2, Floor 3
	Relações de gênero, violência e estratégias de resistência , António Oliveira e Luciana Moreira de Araújo, Pontifícia Univ. Católica do Rio de Janeiro
	<p>Análise de estratégias de resistência de mulheres moradoras de uma favela da Baixada Fluminense/RJ/Brasil frente às situações de violência de gênero presentes em seus relacionamentos afetivossexuais com seus companheiros/parceiros íntimos. Trata-se de resultados de uma pesquisa com abordagem qualitativa, cujos instrumentos utilizados para produção de dados foram o diário de campo e a entrevista narrativa, realizadas no primeiro semestre de 2015, com objetivo de conhecer como mulheres pobres, alijadas do mercado de trabalho formal, com grau de escolaridade situado no nível fundamental ou abaixo deste, e moradoras de um território vulnerabilizado e atravessado pela violência estrutural, percebem e significam suas experiências e histórias. Os recursos teórico-metodológicos para a análise de dados fundamentam-se no sistema teórico desenvolvido por Pierre Bourdieu, formado pelos conceitos de habitus – capital cultural – campo, em composição com estudos da antropologia, da sociologia, de gênero, de violência e famílias. Os resultados apontam para a existência de formas de enfrentamento à violência de gênero por parte das mulheres, a partir de estratégias por elas construídas no contexto sociocultural do qual fazem parte, possibilitando o questionamento de explicações essencialistas, binárias e judicializantes.</p> <p>Palavras-Chave: violência de gênero, estratégias de resistência, mulheres, favela.</p>
	Sexualidades dissidentes e posições Queer no continente africano: um primeiro mapeamento , Caterina Rea, Ícaro Santos Amancio e Thais Lago, UNILAB
	<p>Com base na pesquisa de Iniciação Científica do Grupo Pós-colonialidade, Feminismos e Epistemologias Anti-hegemônicas da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), esta apresentação pretende conduzir um primeiro mapeamento do campo de estudo sobre sexualidades e teoria queer, em contextos africanos. Do ponto de vista teórico, nos fundamentamos nas contribuições da primeira coletânea de teoria Queer africana, o Queer African Reader, publicada, em inglês, em 2013, que reúne contribuições de estudios@s e militantes de vários países do continente. O maior aporte destas reflexões consiste em romper com a imagem de uma África homogênea, do ponto de vista cultural, mas também das práticas sexuais, colocando, contra o muro, tanto a representação da África “obsessivamente” homofóbica, perpetuada pelos países ocidentais e pelas agendas LGBT globais, quanto a representação do caráter supostamente não-africano da homossexualidade, disseminada pelos discursos essencialistas e fundamentalistas de grupos religiosos locais. Desta forma, é para além destes discursos homogeneizantes e redutivos que as construções de sexualidades e identidades de gênero não-hegemônicas proliferam, no continente africano. Nesta linha, também traremos à tona as críticas desenvolvidas, em nível internacional, pel@s Queer of Color (QOC) e, particularmente, pela Black Queer Theory, centrada numa compreensão interseccional, anticapitalista e anticolonialista das sexualidades dissidentes. Esta apresentação introduz também alguns elementos derivados de um breve trabalho de campo, realizado, por um de seus autor@s, em Cabo Verde, entrevistando os voluntários de uma ONG, dedicada à luta contra o HIV na comunidade de MHSM e @s residentes da casa da “Rainha”, moradia autogestada por gays e lésbicas, na periferia da cidade de Praia. Intenta-se, com esta pesquisa, compreender como essas pessoas enfrentam o cotidiano da homoafetividade e como elas se deparam com os diferentes discursos que, no contexto cabo-verdiano, negam e ocultam a experiência e a prática política da dissidência sexual.</p>
	Subversões feministas e rádios livres: ativismos e análise crítica das experiências em produções radiofônicas contemporâneas , Júlia Araújo, Univ. de València
	<p>As atuais tecnologias comunicacionais possibilitaram uma maior abertura da prática da comunicação social, favorecendo coletivos de ativismos autônomos, afastados das esferas institucionais e comprometidos com uma prática de proximidade às comunidades nas quais estão inseridos. Este é o caso das rádios livres, que apostam por uma comunicação feita por e para as comunidades, sem fins lucrativos, sem publicidade partidária, religiosa ou comercial. Dentro delas, surgem práticas com</p>

	<p>perspectivas feministas, de gênero e feitas por mulheres. São iniciativas críticas com os meios de comunicação mainstream e também com os discursos heteropatriarcais, racistas e classistas que subjazem as nossas culturas. Assim mesmo, antes de que as transmissões por streaming e os podcasts fossem possíveis, ditas rádios já sustentavam a comunicação como um direito fundamental que implicasse a apropriação dos meios de produção pelas comunidades, em um exercício de micropolítica. Entre as décadas de 1970 e 1980 surgiram, em alguns países europeus, as primeiras rádios denominadas “livres”, Espanha sendo um deles. Não demoraram muitos anos para que começassem a aparecer as primeiras experiências similares no Brasil. Até o final do século, as rádios livres e, posteriormente, comunitárias se multiplicaram em ambos países. Cenários que, junto às restrições legais implantadas pelos governos dos respectivos países, nos fazem seguir pensando, e cada vez mais criticamente, sobre os agentes e desafios da comunicação livre. A presente proposta nasce de um trabalho de imersão em uma experiência radiofônica feminista, assim como de recuperação de experiências similares através de narrativas pessoais. Pretende, com isso, através da análise crítica de experiências de produções radiofônicas feministas, por um lado, realizar uma aproximação reflexiva ao problema das relações político-sociais, os feminismos e a prática da comunicação livre no âmbito da sociedade-rede. Por outro, colocar em tensão o fazer investigação feminista e comprometida com os ativismos, suas possibilidades e seus desafios.</p> <p>Palavras-chave: epistemologias feministas, rádios livres, micropolíticas</p> <p>Participação feminina no ensino técnico de nível médio brasileiro: 2000 a 2015, Sabrina Lopes e Raquel Quirino, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG</p> <p>Um levantamento bibliográfico teórico-documental evidencia que é crescente a participação feminina na educação e no trabalho tecnológico brasileiro, porém esse fenômeno não acontece de forma proporcional à diminuição do sexismo. Nas áreas mais tecnologicadas a representatividade feminina é bastante baixa e parte da explicação para o fenômeno está na reprodução social de papéis sexuais. Assim, as mulheres tendem a se considerar mais aptas a desempenhar determinadas atividades em detrimento de outras e, a partir daí, traçam estratégias de vida mais compatíveis com o que consideram (ou são levadas a considerar), como mais adequado para elas. O ensino profissional técnico de nível médio ilustra essa realidade, pois nos anos recentes as matrículas de mulheres tornaram-se maioria, porém concentram-se em áreas hegemonicamente consideradas femininas. Resultados parciais da pesquisa de Mestrado em Educação Tecnológica, realizada no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais CEFET-MG com orientação crítica dialética, que discute como tem se dado a participação feminina nos cursos técnicos de nível médio nos anos compreendidos entre 2000 e 2015, demonstram que é clara divisão entre as áreas de atuação tradicionalmente impostas às mulheres, sendo essas aquelas que mais se aproximam da imagem feminina no lar, relacionadas ao cuidado e à garantia do bem-estar de terceiros. Evidencia-se também uma maior valorização social e econômica das ocupações tradicionalmente masculinas.</p> <p>Palavras-chave: Relações de Gênero, Educação Tecnológica, Relações de Gênero e Educação.</p> <p>Femicídio na intimidade: do conceito político à narrativa mediática, Sofia Neves, Sílvia Gomes e Dirceleena Martins, Instituto Univ. da Maia</p> <p>A presente comunicação desenvolver-se-á a partir da problematização do conceito de femicídio na intimidade, enquadrando-o do ponto de vista histórico e político. Será caracterizado o fenômeno em Portugal, recorrendo a elementos estatísticos e a evidências empíricas, bem como serão analisadas as narrativas mediáticas a ele subjacentes, tomando como referência as cerca de 200 peças jornalísticas diariamente publicadas, entre os anos de 2011 e 2014, pelo jornal com maior tiragem a nível nacional – o Jornal Correio da Manhã.</p> <p>Será discutido o impacto da (re)produção de discursos sociais legitimadoras da culpa das vítimas, bem como a necessidade de enformar culturalmente o crime de femicídio na intimidade, com vista a resignificá-lo.</p> <p>Palavras-chave: Femicídio; Violência de Gênero; Narrativas Mediáticas.</p>
9h30-11h	<p>Identity, class and gender inequalities Moderador Chair: Fátima Assunção</p> <p>Sala 3, Piso 3 Room 3, Floor 3</p> <p>'Identity Politics' Backlash: Interrogating Disciplinary Engagement with Marginalized 'Identities' within Canadian Social Sciences, Nicole Bernhardt and Laura Pin, York Univ.</p> <p>As asserted, by Kathy Davis the concept of intersectionality has had “remarkable success in contemporary feminist scholarship” (2008: 68). Yet despite the wide interdisciplinary popularity of</p>

intersectionality within feminist scholarship; engagement with intersectional analyses within traditional disciplinary boundaries continues to be marginalized. We focus our critique on the deployment of the term 'identity politics' within Canadian Political Science and Sociology, which has become a strategy for deflection away from arguments that attend to uneven power relations and social divisions. The Canadian context offers a potentially rich case study, given its ostensible commitment to promoting diversity and the significance of multiculturalism to Canada's national identity.

We perform a discourse analysis of the term 'identity politics' by reviewing the use of term within two preeminent discipline-based journals within Canadian Social Sciences: Canadian Journal of Political Science and Canadian Journal of Sociology. We draw on Debra Thompson's methodological approach of viewing academic "journals as gate-keepers" (2008: 535), which offer important insights into the circulation and meaning of concepts. We argue that this deployment of 'identity politics' often serves as a deflection strategy: an empty signifier that precludes serious engagement with intersectional analyses and serves to perpetuate the marginalization of approaches that foreground gender, race, ability, and other lines of oppression and domination. This marginalization happens through the use of identity politics as a pejorative; a failure to precisely define 'identity politics'; and a failure to engage directly with, or even cite examples of, research that purportedly constitute identity politics. Whereas 'intersectionality' has become a "buzzword" (Davis, 2008) marking a turn towards analyses which engage with multiple oppressions, the circulation of the term 'identity politics' within the traditional disciplines of Canadian Social Sciences serves to turn away from genuine engagement with critiques attentive to historically marginalized groups.

The Intersex Spectre, Celeste Orr, Univ. of Ottawa

Historically, intersex bodies have been treated as something to repair and cure (Kessler 1998; Dreger 1999; Fausto-Sterling 2000). In the name of fixing the deviant, however, imposed treatments have left countless intersex people with long and short term physical and psychological disabilities (Chase 1998, 2002; Preves 2003; Karkazis 2008). That said, the intersex body is often regarded as that which cannot be fully repaired. Even when one's intersex anatomy is "fixed," the intersex subject is forever a queer (Roen 2005) suspect. In O'Rourke and Giffney's terms, "the intersex body, both pre- and post-surgical inscription, is still, always already, a site of contested being [...]. The intersex body is not ontological, but rather hauntological" (2009: x). One's intersex status lingers, haunts. I suggest, however, that the "intersex spectre" (Sparrow 2013: 29) haunts all bodies. All bodies are contested (Butler 1990, 1999) and, given that intersex anatomy does not always show up at birth and one can discover that she has intersex traits at any stage in her life (ISNA), suggests that intersex haunts all bodies. Therefore, I consider the cogency and usefulness of the statement, one is only ever temporarily non-intersex or "normate" (Hall 2011: 3; Wilkerson 2012: 183; Clare 1999).

Even though the intersex spectre haunts all bodies, certain mainstream representations suggest that intersex haunts some bodies more than others. The ongoing media fascination with the (supposed) intersex female athlete of colour from the Global South (e.g. Caster Semenya from South Africa and Dutee Chand from India) tells us that the the dominant interphobic (Costello 2010), white supremacist, colonial, and sexist imaginary assumes that intersex primarily haunts these racialized bodies. Hence, I also aim to examine how intersex is constructed and imagined across colonial, racist, sexist, and geographical lines because, as Magubane explains, feminist and intersex studies scholars are not paying enough attention to the "role of race and nation in determining which bodies are marked as intersex and what is done about those bodies" (2014: 761).

Beauty, Consumer Citizenship and Neo-colonial Racial Formations, Meeta Jha, Univ. of Winchester

Beauty pageants are platforms for global beauty corporations to create new markets, but, paradoxically, they are also deployed by anti-globalization protests to challenge hegemonic control of a society. The simultaneous rise of consumer capitalism and the beauty pageant industry in India and China, in the last three decades, has meant that women (more than men) are being targeted by the multinational million dollar beauty industries such as the skin lightening (bleaching) and cosmetic surgery industry. The global circulation of Eurocentric beauty ideals has resulted in valorization of whiteness as a prevalent civil discourse of modern citizenship. This paper will explore case study of two beauty industries, skin-lightening in India and cosmetic surgery in China, to analyze the ways in which contemporary changes related to globalization and capitalism may have consolidated Eurocentric white beauty norms in embodiment, facial features, and skin color as aspects of modern citizenship, thus conflating progress with consumption of whiteness and westernism.

Drawing on an intersectional frame practiced by Black, third world, postcolonial, and transnational feminists, this paper investigates the ways which beauty industries have consolidated a neo-colonial beauty ideal. It highlights the role of mediated beauty pageants in formation of gendered nationalism

	<p>and neoliberal consumer cultures. It also traces the global travel of beauty protests (globalization from below) of the 1960s Black Power and Civil Rights social movement “Black is Beautiful” to a feminist anti-colourism campaign “Dark is Beautiful” in India. The “Black is Beautiful” social movement awakened a black and third world cultural identity which was inextricably tied up in decolonizing minds and consciousness and continues to inspire and influence feminist activism around the world.</p> <p>The Paradox of Leaving to Love: Transnational Labour and Feminist Re-Orientations to Childhood Innocence, Hannah Dyer and Casey Mecija, Carleton Univ.</p> <p>Administered by the Canadian government, the Live In Caregiver Program (LIC) is a federal initiative through which foreign care providers (those charged with the care of children, elderly and people with disabilities) enter Canada. Primarily, it is women from the Philippines who are employed through this program and after two years working in this program, they are eligible to apply for Permanent Residency in Canada. The program has been criticized for its exploitative features and labour practices. This paper’s address of the program takes another angle: The authors are interested in the affective communities of sentiment that form through the program and raise questions about the emotional lives of the children who are left in the Philippines so that their mothers can care for Canadian children.</p> <p>We read the program via Donald Winnicott, the child psychoanalyst’s theory of the ‘good enough’ mother, and suggest that the painful separation of these Filipino women from their own children and families complicates traditional notions of mothering, childhood and ‘growing-up’. Methodologically, we mobilize formulations of queer kinship to produce a critical examination of how notions of childhood innocence mask the differential treatment of racialized children.</p> <p>How female refugees from ex-Yugoslavia narratively construct and reflect gender consequences of the forced migration, Petra Ezzeddine, Charles Univ.</p> <p>The paper will focus on ageing in migration. Former female refugees from ex-Yugoslavia are the first generation of settled female migrants after the transformation of Czech society, which is experiencing vulnerability in the labour market (derived from factors of gender, age and migration experience) and experiencing social and economic problems associated with entry into the pension system, which is not set for them. This concrete refugee group is still perceived as a successful example of integration programmes in the Czech Republic, without reflection on the problems that float to the surface. In my paper, I will analyze how female refugees from ex-Yugoslavia narratively construct and reflect gender consequences of the forced migration, status of migrant, “citizens” and transnational care practices for their parents in the country of origin.</p>
--	---

<p>9h30-11h</p>	<p>Gender in arts and culture Moderador Chair: Cláudia Vaz</p> <p>Sala 4, Piso 3 Room 4, Floor 3</p> <p>Sarah Kane's 'Blasted' (1995): Dismembering the Body (Politic) - Re-membering Female Identity (Psychic)?, Peter Billingham, Univ. of Winchester</p> <p>In this short paper I propose to offer a cultural materialist & psychoanalytical reading of Sarah Kane's controversial and iconic play 'Blasted' (1995). This play on its premiered production twenty years ago incurred unparalleled critical hostility in terms of its themes and images of sexual violence and acts of dismemberment and other forms of physical abuse. Written in traumatised response to the Bosnian War (1995 was the year of the massacre at Srebrenica) and simultaneously exploring Kane's own experience of sexual abuse & subsequent psychological breakdown; this paper will argue that through the journey of the character of Cate and her relationship with her abusive and exploitative partner Ian, Kane interrogates with anger, power and ultimately transfiguring redemption Cate's harrowing self-empowerment of 're-membering': of her identity and autonomy as a woman.</p> <p>Challenging Femininity? The female characters in R. M. Ballantyne's Arctic adventure stories, Ingeborg Høvik, UiT The Arctic Univ. of Norway</p> <p>Adventure stories for boys, published his fourth book, Ungava: A Tale of Adventure. Like his preceding works, the setting for this story was the Canadian Arctic, where Ballantyne had spent six years as an employee of the Hudson Bay Company in his early adulthood between 1841 and 1847. Ungava's storyline concerns a group of Hudson Bay Company employees, who in an attempt to expand the Company's trading network, travel northwards to Ungava Bay to establish an outpost that</p>
------------------------	--

would reach the Inuit. Drawing on his personal experience and a text written by an unnamed explorer and employee of the Company who had in fact carried out such a mission, Ballantyne presented *Ungava* as a truthful novel that, as he wrote in his Introduction to the book, employed fiction "chiefly for the purpose of weaving [...] facts into readable form".

Described by Eric Quayle (1967) as "a pioneer of the straightforward adventure story set in a factual background", this blending of fact and fiction became Ballantyne's working method for the writing and drawing of illustrations for his continued production of novels that, like *Ungava*, was marketed at a male juvenile readership. What proved to be more unique with *Ungava*, however, was Ballantyne's inclusion of female characters – in the form of the expedition leader's wife, Jessie, and daughter, Edith – as active participants in an Arctic adventure. With Edith, a ten year old girl, serving as his protagonist in a space that was strongly associated with men and masculinity, Ballantyne may have challenged ideas about what women were and could be at the time. Analysing Ballantyne's text and the illustrations he produced for *Ungava*, my paper examines the degree to which his Arctic may have provided an alternative and expanded sphere of action and participation for girls and women.

Bárbara Virgínia, a forerunner filmmaker: from Portugal to Brazil, Paula Sequeiros and Luísa Sequeira, Univ. de Coimbra/Univ. do Porto

Bárbara Virgínia (1923-2015), born Maria de Lourdes Costa, deceased in São Paulo, was the first woman author in the Portuguese film industry and an international pioneer filmmaker. She was the first Portuguese female director, the creator of a feature film and a documentary, both premiered when aged twenty-two in Lisbon in 1946, both expressing some advanced aesthetic options. She is credited with the sole female presence in the inaugural Cannes Festival of the same year, encouraged by Leitão de Barros, the other Portuguese who competed with a nationalist epic attuned with the fascist propaganda of the National Information Secretariat (SNI).

Bárbara Virgínia had, from her adolescence, a multifaceted activity reading in recitals and radio shows, writing pieces for a feminine magazine, books – including a manual of feminine etiquette –, recording two musical records, directing, scriptwriting and acting in her films, writing a plot for another, eventually refused by the SNI.

She leaves the country for Angola, Mozambique, and finally for Brazil, where she makes her new family, looking for an environment unconstrained by the moral conventions of her extended family who disapprove of her artistic performances as unsuitable for her gender.

She eventually abandons her artistic practices, while maintaining a network of social and artistic connections in the Brazilian art context.

Born to a middle-class wealthy family, Bárbara Virgínia's intellectual work is infused with the contradictory aspects of a bold attitude, trespassing the frontiers of gender roles in her work field and exploring innovative keys in film making, and the expression of conservative values through words and images along with a concealed sympathy for political progressive ideas, at least in her youth.

The crossing of culture and gender studies and the contributions of history shall ground the questioning of those tensions and, together with the author's biography and cinema research, an initial presentation of results and conclusions about this unresearched and forgotten intellectual.

Interrupting Masculinity at the Arctic crime scene, Cathrine Bjerknes, UiT The Arctic Univ. of Norway

With the landscape was marked by heroic masculinity. In such heroic discourses the Arctic landscape has often been perceived as something feminine to be conquered by the male heroes. But what happens when the hero is a woman? This paper focuses on the crime novel *White Heat* (2011), British travel writer Melanie McGrath's first crime novel, which takes place in a small fictional village in the Canadian Arctic. The novel's main character Edie Kiglatuk is an untraditional female figure; she is a former polar bear hunter and a dried-out alcoholic now working as a teacher at the local school in addition to taking tourists (mostly white men) out on guided trips. Not only is she a minority as a female guide in a usually male-dominated field, she is also a minority operating as a female detective in the hard boiled crime genre. Being part Inuit and part white also makes her an outsider in her own community. Reviews on *White Heat* often designate the Arctic as a character itself, emphasising the vivid descriptions of the place and the Arctic landscape. The High North has often been perceived as an ancient world lagging behind the race of modernity, characterised by traditional gender roles. However, since the novel put a highly modern female character in an inhabited Arctic landscape, it challenges traditional gender discourses and paves the way for new formations of identity. This paper explores the roles gender and indigeneity play in solving the crimes committed and discusses how a gendered perspective places the Arctic in a contemporary context.

Family, sexuality and intimate relationships

9h30-11h	<p>Moderador Chair: Cláudia Casimiro</p> <p>Sala 5, Piso 3 Room 5, Floor 3</p>
	<p>Utopia or another cage : a study of Taiwanese womens’ transnational marriage, Hsueh-Hung Cheng</p> <p>While the “foreign brides” (coined by local Taiwanese media mainly referring to the south east Asian women who married to Taiwanese men) who are to a high percentage introduced to their husbands through special agency’s match-making, most Taiwanese women who married to non-Taiwanese men meet their spouses during the time of studying, working outside Taiwan or while participating in urban social activities. These women who married to non-Taiwanese men (to a high percentage not from south east Asian countries, rather from Europe, US and Japan) generally have higher education, professional qualification, and socioeconomic status than average Taiwanese women, thus the degree of these women’s control over their marital decisions and choice of mate is assumed to be higher.</p> <p>Do these Taiwanese women who choose transnational marriage identify themselves with their non-Taiwanese husbands country’s gender norms or are they dissatisfied with Taiwan’s gender roles or what are the reasons or factors? Does this kind of transnational cross-cultural marriage emancipate Taiwanese women or put Taiwanese women into another culture norms conflicts dilemma?</p> <p>This study plans to interview 8-12 Taiwanese women who marry with non-Taiwanese men and through in-depth interviews to answer the above-mentioned questions. The author also wishes to explore which kind of problem these Taiwanese women face in terms of the gender norms/values conflicts with their previous generation; and how they handle them in daily lives; how to deal with issues especially in the realm of housework and reproduction. Scholarship on cross-border/culture marriages in Asia has been vigorous in recent years. However, few are done with centering Taiwanese women, this study hopes to contribute to this scholarship.</p> <p>Gender and individual life courses: Between reproduction and defiance, Diana Maciel, CIEG/ISCSP – Ullisboa</p> <p>This communication aims to look at the preliminary results of my PhD thesis, supervised by Professor Anália Torres, which aims to understand the way in which an individual develops and experiences her or his life course in a heteronormative and patriarchal society and the ways in which gender shapes this process.</p> <p>This research is underpinned by an understanding of gender in which the individual is considered as an active agent (West e Zimmerman, 1987 e 2009; Butler, 1990), without however neglecting the constraining effects of social structures (Connell, 2009; Martin, 2003; Messner, 2000).</p> <p>Thus, and to understand the influence of gender on the life course, not only in terms of decisions and actions but also in terms of opportunities, resources and constraints that are structurally assigned to the gendered individual, I am conducting biographical interviews with men and women , from 30 to 60 years old, living in couple.</p> <p>Although the research is still in the final stages of interviews and in the preliminary stages of analysis, there are already some trends, heavily influenced by individuals’ social position and situation. There are individuals, men and women, who conduct their lives with an agency that reproduces gender representations, norms and practices that were internalized throughout the life course. There are other individuals guided by an agency that challenges or disrupts the gender representations, norms and practices in which they have lived and interacted. Finally, there are individuals with a life course marked by individual actions, rituals and social practices that are just pragmatic, not always conscious and reflective, acting without questioning gender representations, practices and norms internalized throughout the life course.</p> <p>Between Polarization and Opposition - contexts of constructing female and male sexuality in sexual education textbooks in Poland, Emilia Paprzycka and Joanna Dec-Pietrowska, University of Zielona Góra</p> <p>The manner in which femininity and masculinity are designed in individual dimension depends mostly on the patterns presented in the process of education and socialization. Understanding and experiencing sexuality is similar as sexuality is a natural consequence of the world of two genders. This pronouncement shall concern the contexts of constructing sexuality of women and men in the contents of Polish sexual education textbooks. We will present the findings of the all-Polish research project "Gender in Textbooks". The researchers attempted to find out how women and men are presented in sexual education textbooks in the context of sexuality, and whether or not the textbooks take into account the variety of the manners of being a woman and a</p>

	<p>man, which is a characteristic feature of life in contemporary societies. The research was focused upon the following research issues:</p> <p>1) What expectations are presented in sexual education textbooks as for playing social roles related to gender within the areas of intimate life? 2) What meanings are related in sexual education textbooks with sexuality, and in what contexts the sexual behaviors defined as feminine and masculine are depicted? The research was of a complex nature, i.e. the analysis included all the sexual education textbooks approved for teaching process by the Ministry of National Education in the years 2013-15. Quantitative and qualitative strategies were applied in the research. The quantitative analysis covered visual material and the qualitative analysis pertained to the contents presented in the textbooks and workbooks for sexual education. All together 1113 visual forms and 11 books were analyzed. The analyses of the publications showed polarization of views on sexual needs and behaviors of women and men, and specific opposition of the presented image of sexual life. The traditionally understood femininity and masculinity, and sexuality are valued positively and presented in opposition to the so-called liberal image - identified as contemporary one - depicted negatively. The contents of the textbooks builds the opinion that women definitely differ from men and that it is conditioned biologically and, thus, determines functioning of women and men in the sphere of intimate relationships and sexual life.</p> <p>CENAS.LOVE – Desconstrução da Violência de Género através da Arte, Maria José Magalhães, Ana Guerreiro, Cátia Pontedeira e Patrícia Ribeiro, UMAR</p> <p>Vários estudos têm apontado as ferramentas artísticas como essenciais na desconstrução da violência já que são fontes de autorrebelação e de autotransformação (Seixas, Magalhães & Gradíssimo, 2010). A UMAR – União de mulheres Alternativa e Resposta, nos seus projetos de prevenção primária da violência de género recorre também ao uso da arte como metodologia central do programa. Os resultados são evidentes, comprovando-se que as mudanças discursivas, atitudinais e comportamentais que se observam nos/as jovens que integram os projetos, são mais eficazes recorrendo ao uso da metodologia artística. No caso do Projeto Artways - Políticas Educativas e de Formação contra a Violência e Delinquência Juvenil., do qual fizeram parte cerca de 600 jovens, verificou-se uma melhoria de conhecimentos e atitudes cerca de 11% apenas no primeiro ano letivo. CENAS.LOVE – Representações do Amor, Namoro e Violência no Namoro foi um dos trabalhos elaborados no decorrer do projeto Artways. Esta atividade consistiu na elaboração de uma exposição fotográfica em que os/as jovens foram os protagonistas da ação, transpondo as suas próprias representações do Amor, Namoro e Violência no Namoro para a fotografia. Estas representações deram origem a uma exposição fotográfica onde ainda são bem visíveis as diferenças de género e o papel da mulher na relação violenta. Mais tarde através do produto final, discutiram-se estas representações, quebrando mitos e refletindo sobre a igualdade de género. O propósito desta comunicação é apresentar o trabalho de prevenção da violência de género nas escolas que a UMAR desenvolve e desconstruir a atividade fotográfica desenvolvida, percebendo ainda as ideologias de género, e os próprios papéis, que os/as jovens possuem.</p>
--	---

<p>9h30-11h</p>	<p>Masculinities Moderador Chair: Bernardo Coelho</p> <p>Sala 6, Piso 3 Room 6, Floor 3</p> <p>The use of parental leaves by fathers in Italy: a push towards a new form of fatherhood?, Maddalena Cannito, Univ. of Turin</p> <p>The debate around the so-called ‘new fatherhood’ and its features is very strong inside and outside the academic world. This debate is strictly interwoven with the one concerning the new forms of masculinities and the changes men are experiencing in their personal and relational lives, also influenced by the evolution in social policies, such as parental leaves.</p> <p>Adopting a performative conception of masculinity, the aim of the paper is to investigate if and how the use of parental leaves by fathers in Italy could represent a feature of a new form of fatherhood and a shift in the traditional male breadwinner model. The study is qualitative and based on twenty interviews conducted with fathers employed in the private sector who took parental leave. Since in Italy the use of leaves among fathers is very low, especially by those working in the private sector, this subjects seemed the most interesting in order to answer the research question.</p> <p>Preliminary findings suggest that the time spent on leave makes men more involved in the care of their children and produces also a redefinition of their relationship with work. Therefore, a transition</p>
-----------------	---

towards a 'new fatherhood' and new forms of masculinity is going on and it seems encouraged by policies meant to rebalance gender inequalities such as parental leaves. However, some traditional features and values about gender roles, maternity and masculinity are still present and we are far from an equal sharing of care duties between mothers and fathers. Consequently, this transition is still a contradictory and nonlinear process, especially in a country like Italy where traditional gender roles and traditional models of masculinity and femininity are very strong and often encouraged by the structure of welfare state and social policies.

The role of men's engagement in care work in the reconstruction of masculinity model, Katarzyna Suwada, Nicolaus Copernicus Univ.

The aim of this paper is to analyse the transformative experience of fathering on men in Polish and Swedish societies. The birth of a child has a great impact on newly parents' everyday life as well as on their identities. The birth of a child should be thus seen as a rite of passage that introduces an individual into a clearly distinctive social role. The research on parenthood shows that becoming a parent means a serious reorganisation of life, yet this reorganisation is different for women and for men. This process of change is strictly connected to the cultural patterns of fathering and mothering, as well as models of masculinities and femininities. In this paper, I seek to answer a question how becoming a father affects male identity. In particular I am interested what role is played by involvement in care work in the process of rebuilding men's identity, and how overtaking traditionally female obligations affects men's attitudes to masculinity and femininity models and gender roles. I assume that the experience of being an involved father helps men to reconstruct their male identity, and as a result it is crucial for the broader process of the reconstruction of hegemonic masculinity model and patriarchal gender order. My analysis is based on 52 in-depth interviews conducted with fathers in Poland and Sweden in 2012 and 2013. All interviewed men were heterosexual and middle-class who lived with their children and shared a common household with their partners. Such homogenous group helps to conduct the comparative analysis of fatherhood experiences in Poland and Sweden. The focus on heterosexual and partnered men allows to analyse men's experience in the context of traditional family, in which the reproduction of gender roles occurs.

Changing masculine roles in care and household work and its consequences: progressing towards gender equality?, Amaia Miguélez, Matxalen Legarreta Iza and Marina Sagastizabal Emilio, Univ. of the Basque Country

Data from Time-Use Surveys carried out by the Basque Statistics Institute-Eustat (1993-2013) has recently shown that there are some remarkable changes in the distribution of time devoted to care and household activities by women and men in the Basque Country (Spain). One of the most interesting changes is that the gender gap is now smaller than ever. This might be due to different reasons. On the one hand, it might be closely linked to the social mindset change regarding gender equality. On the other hand, we should not overlook the consequences of the economic crisis and its repercussion in the organization of the family work. In this way, one of the positive consequences of the elevated unemployment rate might be the higher involvement of men in these tasks. However, this reality can be ambivalent and might have further consequences: being this reorientation of the sexual division of labor (SDL) confronted to the idea of masculinity (Tobío, 2012), men might seek the reinforcement of the traditional identity in other spheres. Using data from quantitative and qualitative researches carried out in the Basque context, in this work, we try to trace how this reinforcement might be developed. Evidence from the Basque region will be presented based on specific characteristics of the Mediterranean countries to provide a better understanding of the evolution of gender inequalities in the domestic sphere.

Key words: economic crisis, care and household work, equality, gender gap, gender role, masculinity.

Re-imagining Work and Masculinity in a Postindustrial Society, Åsa Andersson and Anita Beckman, Institutionen för kulturvetenskaper

This paper discusses the narratives of young working-class men, living in a small town in Sweden that is located outside the regions with economic growth. As in many other European countries, the rate of unemployment among Swedish youth is disproportionately high. Based upon material consisting of in-depth interviews with unemployed young men, the paper will analyze the changed meaning of masculinity in relation to work in a postindustrial society. Since working-class masculinity has traditionally been closely connected to wage labor and to the ability to provide for oneself as well as being the breadwinner of the family, the lack of resources that unemployment implies, means that masculinity and its relational implications must be re-imagined. The young men's narratives can

	<p>thereby be seen to reflect social and cultural changes that have taken place on a structural level related to the labor market, the educational system, as well as the changed conditions for the formation of social identities. The intergenerational working-class culture on the one hand and neoliberal ideas permeating activities for the unemployed, such as training- and coaching-programs, on the other – serve as reference points for the young men’s experience of subordination. In many ways the situation described was marked by deficiency and vulnerability, an effect of the social division of today, where the long-term unemployed are depicted as ‘abject others’ and even more so if placed in subordinated categories such as (non)working-class males, living in the back country. But what also can be traced in the young men’s own narratives are some critical reflections and possible alternative ways of forming social identities and masculinities. This is furthermore related to different kinds of work ethics than the familiar one they have been socialized into when growing up and the other one that they have met as jobseekers.</p> <p>New representations of masculinity in male press advertisements, Vitor Marques e Maria João Cunha, CIEG/ ISCSP-ULisboa</p> <p>Since late 1970’s the social and cultural construction of masculinity has been analysed with a focus on man as a consumer and on his concern with body image, against male hegemonic definitions. However, developments on new forms of masculinity as social practices and expectations together with the publication of new lifestyle media designed for the male audience has opened this research field to new perspectives (e.g., Connell 2012, Salzman, Matathia & O'Reilly 2005).</p> <p>Masculinity and issues concerning male body image are seen as social and historically constructed, designed and reinforced by social expectations based on shared meanings, but especially by gender display in the media (Tan, Shaw, Cheng, & Kim, 2013). Media have been considered one of the most powerful and growing influences in masculinity construction, but this area is in mutation and still lacks empirical approaches.</p> <p>Therefore, by crossing gender studies with audience research, the purpose of this study is both to characterize how masculinity is being represented in male press ads and to understand the impact of these representations in male image construction.</p> <p>Within a mixed methodology strategy, to characterize masculinity types we content analysed ads and fashion editorial from two international male magazines – Dsection and Vogue Hommes - for a one year period (2014). A semiotic analysis was also conducted to magazine covers. In order to understand media impact on male image construction we interviewed 16 male readers.</p> <p>Main conclusions point to media images being translated into a form of influence on male readers of men's lifestyle magazines, causing them to rethink their image and consumer choices in favour of male representations. In turn, these do not correspond to a homogeneous masculinity typology, but to various forms of masculine competitors.</p>
--	---

<p>9h30-11h</p>	<p>Women and femininities across the world Moderador Chair: Stella Bettencourt da Câmara</p> <p>Sala 7, Piso 3 Room 7, Floor 3</p> <p>Development Narratives, Women and Media in Pakistan : Sites of Continuity and Change, Shirin Zubair, Centre for Gender Research, Univ. of Oslo</p> <p>The rise of electronic media such as internet, cable channels, have given Pakistani women unprecedented access to new worldviews, cultures and new ways of being thus posing new challenges to women’s socio-political and religious identities in their indigenous Pakistani context. The advent of such globalizing influences across the world , spreading new ideas about gender development and empowerment narratives with regard to women’s social , political and economic positioning shifts the impact on the local realities.</p> <p>Focussing on the development narratives with regard to women’s empowerment, their social and political positioning, this paper aims to capture the competing discourses of femininities offered on the cable channels in Pakistan by looking at the visual and linguistic representations, images and portrayals of women. For instance, a drama like Uraan (i.e. flight)-- shown on the most popular channel Geo -- with its female-centric worldview and representations, may depict an independent career woman exercising her autonomy and freedom in decision-making, showing a clear departure from patriarchal structures. However, simultaneously, it may offer ambivalent or competing discourses on femininities. Similarly, the advertisements shown in the breaks during such dramas often focus , discursively , on young girls’ socialization into traditional , domesticated roles giving out mixed signals regarding women’s social roles. For instance, the portrayal of a ten year old girl making her first perfectly round rotis (traditional Pakistani bread)—being applauded by her family while her</p>
------------------------	---

brother looks on-- is a discursive socialization of girls into the traditional roles of home-makers as these and similar images and idioms effectively reposition women back into the domestic sphere.

Representation and Memorializing of Gendered Experiences of Genocide at War Museum, Azra Rashid, Concordia Univ.

A war museum is not simply a site of memorialization, but the photographs and other relics on display seek to conjure up a specific view of struggle and victimization. Similar to Jacques Derrida's articulation of archive as a site of consignment, centered on the ordering and gathering of signs to present a unified and homogenous whole, the photographs on display at the Liberation War Museum of Bangladesh offer a crystallizing moment in the national memory; they invoke the resilience and survival of the nation. These iconic images act as intermediaries, providing us with an opening into an event from the past and carrying meaning from the past into the present. The tropes of photographs at the war museum show anonymous images of women who were either raped and killed, or took up arms to fight for the nation. The images on display offer an opening into the dominant constructs of gender and womanhood in Bangladesh that seek erasure of any other kind of experiences women might have gone through before the war, during the war, and especially after the war. The general tone of the exhibit, while celebratory towards the nation's victory and survival, portrays an incomplete picture of women's experiences in genocide. Rather than a general silencing of women's experiences in the 1971 genocide in Bangladesh, the exhibit appropriates their stories to foster a sense of sacrifice in the struggle for nationhood. Examining the archives of the Liberation War Museum, specifically the photographs of women on display, this paper explores the selective remembering in representation of gendered violence in the 1971 genocide in Bangladesh.

How students negotiate emphasized femininities in a progressive secondary school environment in Scotland, Jennifer Roberts, Univ. of Edinburgh

It has been said we develop an understanding of our placement in the culture that surrounds us by developing the social knowledge of what it means to take on identities including cultural expectations and boundaries (Wenger, 1998). This research looks at schools as potential sites of normalization for the production and reproduction of dominant gender discourses and the practices of masculinity and femininity that impact and incorporate particular power relations. (Paechter, 2007). Utilizing gender as an implicit system of organization through the acknowledged legitimacy and sanctioning of participation in varied social behaviours and relationships, educational institutions shape how boys and girls can be, what they can be seen to succeed at, and what they can study (Connell, 1995).

In this paper I argue that the limitations of dominant discourses or 'normative' concepts of femininities undermine the possibility of girl's power and agency in the school environment and potentially their future. This large ethnographic study seeks to investigate how girls are forging their identities and power in relation to their experience of dominant gender discourses in a secondary, mixed-sex, comprehensive Scottish school, and how they may be attempting to broaden the spectrum of alternative positions and the impact of the invisible and seductive system-sustaining power of neoliberal ideologies, potentially creating new knowledge that could allow additional positions in girlhood. Utilizing observational field notes, student focus groups and interviews as well as teacher interviews, I endeavour to locate this process in language and the hierarchical network of relations which constitute socially sanctioned versions of femininity and the power they provide. This research intends to deconstruct gender discourses and locate opportunities to support girls in creating new and more authentic positions for themselves in their lives.

Being "Out" as a Young Feminist within the Culture of the Turkish Academy, Selda Tuncer, Yuzuncu Yil Univ.

For young feminist women, both entering the academy and working as a feminist scholar are very difficult and challenging processes, especially during their early careers. Although women's and gender studies have gained recognition in the Turkish academy from the late 1980s, this has not changed the fact that feminist women have to exist in male-dominated institutions. Feminist women have to engage in struggle and resistance against male-domination and marginalization within the academy. Being a young woman as an early career academic adds another layer to this situation because the age as well as feminist identity is decisive in the processes of inclusion and exclusion, i.e. who gets heard and whose voice carries legitimacy. This becomes more critical and apparent in the public sphere of the academy like conferences and meetings. Young feminist women are expected not to be so assertive and not to claim her feminist identity in political terms. They make themselves vulnerable by being "out" as a feminist in the academy. This also implies the contours of how to

maintain young women academics' feminist identity in universities. Thus, academy as a patriarchal organization does not define only one's academic identity but also her political stance, along with everyday mechanisms of marginalization and approval.

In this study, based on the oral narratives of early career feminist women academics, I will aim to examine the difficulties and pressures they have encountered in the public sphere of the academy when they are "out" as a feminist. Such attempt will reveal how young feminist academics have to struggle with various discriminatory acts in the academy when they claim their feminist identity in public; and also the contours of an ideal feminist scholar approved by the Turkish academy.

<p>Escolhas linguísticas, práticas da saúde e carreira profissional - o papel do gênero Moderador Chair: Ana Fernandes</p> <p>Sala 8, Piso 3 Room 8, Floor 3</p>
<p>Reflexões sobre as Desigualdades de Gênero nas Práticas das/os Profissionais de Saúde: O caso da Medicina, Helena Santos e Célia Soares, CIS-IUL</p> <p>Nas últimas décadas, tem-se registado uma evolução positiva, em termos da equidade de gênero, no contexto da medicina. A percentagem de mulheres na medicina portuguesa aumentou 12% nos últimos 20 anos, passando de 40%, em 1991, para 52%, em 2013 (PORDATA, 2014). Contudo, persistem desigualdades (Santos, Amâncio, & Roux, 2015), nomeadamente quanto à segregação de gênero, continuando as mulheres sobre-representadas em especialidades como psiquiatria da infância e da adolescência, anestesiologia, pediatria e ginecologia e sub-representadas em urologia, ortopedia, medicina desportiva e cirurgias (Ordem dos Médicos, 2009). Na verdade, o setor da saúde é uma estrutura organizacional genderizada (Doyal 2001; Riska 1993), como a investigação internacional (Rosende 2008; Williams 1995a) e nacional (Fernandes, Perelman, & Mateus, 2010; Laranjeira, Marques, Soares, & Prazeres, 2008; Marques 2011) tem mostrado na medicina, podendo afetar as escolhas da especialidade, as oportunidades de carreira, bem como a relação entre as/os profissionais de saúde. A investigação também tem considerado o gênero na análise das práticas da saúde (Fernandes et al., 2010; Laranjeira et al., 2008), nomeadamente, para explicar as diferenças ao nível dos diagnósticos e prescrições de terapêuticas da parte das/os profissionais de saúde; e das suas representações sobre o papel do sexo e do gênero na prática clínica. Partindo dos resultados de um estudo realizado em 2007, a investigação apresentada nesta comunicação teve o objetivo de analisar a evolução da consciência de gênero nas relações e nas práticas profissionais médicas. Para o efeito, comparou-se o material de 8 entrevistas semiestruturadas realizadas a médicas/os, no primeiro estudo, e o material de 18 entrevistas semiestruturadas realizadas em 2013/2014, no segundo estudo. Todas/os as/os participantes exerciam a sua atividade na área da Grande Lisboa na altura em que a entrevista foi realizada. Os resultados desta análise serão apresentados e discutidos à luz da literatura.</p> <p>Etnografias em hospital: "urgências" e "emergências" sobre a saúde sexual e reprodutiva das mulheres em casos de aborto no Rio Grande do Norte - Brasil, Rozeli Porto, Univ. Federal do Rio Grande do Norte</p> <p>A comunicação analisa as representações sociais de profissionais de saúde em maternidades situadas em Natal/RN acerca do aborto, considerando o fato de que estes figuram como elementos centrais no drama vivido por mulheres que interrompem uma gestação pelas mais variadas motivações. O cerne da investigação é construir uma reflexão sobre como se dá o atendimento a esses casos no dia-a-dia dos sujeitos pesquisados a partir de suas práticas e discursos, e como esses sujeitos lidam com diversas situações envolvendo abortos que demandam atendimento específico em meio ao que classificam como "urgências" e "emergências" em seu cotidiano. A problemática central busca dissecar o entendimento que os profissionais têm sobre a prática do aborto, como a percebem levando em consideração elementos como crenças de ordem religiosa, gênero, feminismo, preceitos morais, emoções e noções de ética laboral. Do mesmo modo, a partir da perspectiva das mulheres, discute-se os itinerários abortivos, as técnicas utilizadas e mais procuradas, assim como as razões pelas quais recorrem ao abortamento. Apreende-se que a autonomia individual, subjetiva e hedonista destas sujeitas acaba por incomodar os mais conservadores acostumados a demarcar diferentemente autonomias e hierarquias de gênero, desrespeitando seus direitos sexuais e reprodutivos, onde a objeção de consciência é acionada por boa parte dos profissionais de saúde mesmo nos casos em que o aborto é considerado legal no Brasil (ocorrências de estupro, risco de vida da mulher e anencefalia). A pesquisa foi realizada em viés qualitativo, através de observação participante e entrevistas semiestruturadas entre os anos de 2012/2015.</p> <p>La vanidad impuesta: Autoayuda, autoimagen y éxito, Helena Sutachan, Univ. Central</p>

	<p>Norbert Elias en “El proceso de la civilización”, haciendo uso de los manuales de buenas maneras y los libros de consejos, rastrea las diferentes fases del proceso civilizador en occidente entre la Edad Media y el siglo XVI. De acuerdo con Elias, estos manuales tenían como objetivo “modelar” el comportamiento público y privado a través del autocontrol sobre el cuerpo y el dominio consciente de los impulsos. Algunos autores contemporáneos sugieren que la llamada “literatura de autoayuda” responde a los mismos propósitos que aquellos manuales consultados por Elias, sin embargo, más que en el control del cuerpo y los impulsos, la literatura de autoayuda estaría poniendo el acento en el control de las emociones y los afectos a través de una forma de “racionalismo emocional”.</p> <p>Por otro lado, buena parte de la literatura de autoayuda está dirigida a las mujeres, haciendo énfasis en temáticas como la belleza y la autoimagen; el amor, las relaciones de pareja y la sexualidad; la maternidad y la vida familiar; el éxito laboral, entre otras, que dan cuenta de cómo “debe” ser la mujer en el mundo contemporáneo y, a la vez, evidenciando cuáles habrían de ser “desechadas” en caso de no cumplir con ciertos estándares físicos, emocionales y sociales. Teniendo en cuenta lo anterior, el presente trabajo busca indagar acerca del modelo de mujer “profesional” que buscan difundir ciertos manuales de vestimenta y estilo, los cuales suelen tener como premisa la importancia de la imagen y el cuidado personal en la consecución del éxito personal y, fundamentalmente, laboral y profesional.</p> <p>Palabras clave: Autoayuda, autoimagen, éxito, mujer profesional, manual de vestimenta.</p>
--	--

<p>9h30-11h</p>	<p>Igualdade de género no trabalho Moderador Chair: Pedro Goulart</p> <p>Sala 9, Piso 3 Room 9, Floor 3</p> <p>As (des)igualdades entre mulheres e homens no mercado de trabalho e a performance dos países da União Europeia, Carina Jordão, FEUC/CES</p> <p>Nas últimas décadas alcançaram-se progressos notáveis em matéria de igualdade entre mulheres e homens. No entanto os obstáculos a uma real igualdade permanecem e parece haver ainda um longo caminho a percorrer, inclusive nos 28 países da União Europeia (UE-28), considerados dos mais desenvolvidos do mundo.</p> <p>No mercado de trabalho são as mulheres que continuam mais sujeitas a situações de desvantagem e isso é facilmente perceptível em diversos indicadores estatísticos. Todavia, na generalidade dos países que integram a UE-28, são elas quem tem mais êxito nos respetivos percursos escolares e que representam a maioria dos diplomados do ensino superior – o que torna difícil compreender que não obtenham melhores condições no mercado de trabalho e que a sua capacidade produtiva não seja mais bem aproveitada. Por outro lado, sabemos também que a UE-28 é um conjunto de nações cada vez mais desiguais onde continua a não ser fácil explicar porque é que alguns países crescem e se desenvolvem enquanto outros estagnam ou regridem. Assim, no momento em que se questiona o projeto europeu e o modelo de desenvolvimento seguido nos últimos anos, o nosso estudo procura colocar no centro do debate esta problemática, mostrando que, considerando simultaneamente indicadores económicos e sociais, o nível de desenvolvimento dos 28 Estados-Membros da União Europeia está relacionado com a (des)igualdade entre mulheres e homens no mercado de trabalho.</p> <p>O objetivo central deste projeto é averiguar, através de uma análise comparativa, qual o impacto que a (des)igualdade entre mulheres e homens no mercado de trabalho pode ter na performance económica e social dos estados-membros da UE-28. Numa primeira fase, partindo da discussão sobre o que é a (des)igualdade entre homens e mulheres na esfera laboral, serão analisados os diferentes indicadores usados pelos organismos internacionais para aferir o fenómeno. Posteriormente, através de uma análise comparativa com base no Data Envelopment Analysis (DEA), será estudada a relação entre as (des)igualdades entre mulheres e homens na esfera laboral e o nível de desenvolvimento socioeconómico dos 28 Estados-Membros. Considerando o período 2008-2012, procuraremos responder a questões como: será que os países com menores desigualdades entre mulheres e homens no mercado de trabalho apresentam melhores níveis de performance? E será que os países podem melhorar a sua performance tornando o mercado de trabalho mais igualitário em termos de “género”?.</p> <p>Os usos do tempo de mulheres e de homens em Portugal: um olhar genderizado sobre o trabalho pago e o trabalho não pago de cuidado, Heloísa Perista, CESIS</p> <p>Partindo de um estudo de caracterização dos usos do tempo de homens e de mulheres em Portugal, no que respeita em particular ao trabalho pago e ao trabalho não pago de cuidado, esta comunicação</p>
------------------------	---

apresentará resultados preliminares de um inquérito dirigido a 10.000 mulheres e homens, em todo o território nacional. Estes resultados serão discutidos à luz da necessidade de promover a distribuição equilibrada do trabalho não pago de cuidado entre mulheres e homens, como instrumento para a igualdade de género.

O inquérito foi realizado no âmbito do projeto Inquérito Nacional aos Usos do Tempo de Homens e de Mulheres, que conta com o apoio financeiro do EEA Grants, Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu 2009-2014, através da Área de Programa PT07 'Integração da Igualdade de Género e Promoção do Equilíbrio entre o Trabalho e a Vida Privada'. O projeto é promovido pelo CESIS - Centro de Estudos para a Intervenção Social, em parceria com a CITE – Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

Estudos Contemporâneos sobre as Mulheres entre o Trabalho, a Família e o Digital, Sílvia Di Giuseppe, ICS-ULisboa

O projecto de doutoramento "Entre Online e Offline: Biografias de Mulheres Italianas e Portuguesas na Sociedade Digital" tem como objectivo descrever e compreender como as mulheres italianas e portuguesas organizam as suas actividades quotidianas entre o espaço online e offline, considerando que vivemos em sociedades caracterizadas por uma difusão massiva das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC). Em particular, o objectivo específico é explorar a construção dos percursos móveis de autonomia, individualização e reflexividade das mulheres entre o espaço online e offline, indo além da ideia tradicional de "conciliação" entre o trabalho e a vida privada, no contexto de enfraquecimento das fronteiras entre a esfera pública e privada.

Hoje em dia, o quotidiano das mulheres é ainda marcado por significativas desigualdades de género tanto no trabalho como na vida privada. Alguns estudos sugerem que o ambiente digital exponencia este problema, enquanto outros argumentam que através dos novos media é plausível uma mudança social concreta. A fim de enquadrar o problema da desigualdade de género na sociedade digital e partir dos contributos dos estudos sobre o tema, a primeira parte do projecto é dedicada à revisão da literatura existente mais recente sobre as mulheres em relação ao trabalho, à família e ao uso das novas TIC, quer no âmbito interacional quer nacional, ou seja em Itália e Portugal, com a premissa maior de que os Países do Sul da Europa não se encaixam em um único modelo.

A minha apresentação no Congresso Internacional de Estudos de Género irá basear-se na revisão da literatura mais recente dos estudos sobre a mulher em relação a cinco questões contemporâneas: 1) família, trabalho e divisão das tarefas domésticas; 2) vida quotidiana; 3) mobilidade de informação e comunicação; 4) género e uso das TIC; 5) fragmentação das imagens da mulher nos diversos media.

A investigação-ação e a promoção da igualdade de género nas empresas: uma abordagem metodológica compreensiva e de cocriação, Sara Falcão Casaca, Heloísa Perista, Anália Torres, Catarina Correia, Eudelina Quintal e Patrícia São João, ISEG-ULisboa/ CESIS/CIEG/ISCSP-ULisboa

A partir de um projeto de investigação-ação que procurou promover a igualdade de género em empresas em Portugal, a nossa comunicação propõe-se apresentar a abordagem metodológica seguida e as suas potencialidades, tanto na perspetiva da equipa de investigação como das pessoas interlocutoras das sete empresas-âncora do projeto. A abordagem de intervenção afigura-se inovadora na medida em que, além de seguir experiências anteriores bem-sucedidas neste domínio por via do envolvimento das empresas, procurou-se agora estimular a sua cocriação na conceção dos instrumentos de apoio. Além disso, procedeu-se a um diagnóstico exaustivo e compreensivo (auditoria de género) de forma a apoiar o desenho e a implementação de planos para a igualdade efetivamente ajustados às necessidades e aos desafios de cada realidade empresarial. Para o efeito, a equipa recorreu a vários métodos e técnicas de investigação e de apoio à intervenção. O projeto "Igualdade de Género nas Empresas – Break even" resultou de uma candidatura específica para o Desenvolvimento de instrumentos e métodos promotores de igualdade de género nas empresas, no quadro de um concurso promovido pela Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG) enquanto entidade operadora do programa PT07 Integração da Igualdade de Género e Promoção do Equilíbrio entre o Trabalho e a Vida Privada (EEA Grants, Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu 2009-2014). O projeto envolveu sete empresas-âncora de dimensões, setores de atividade e estatutos legais distintos. Contou com a coordenação do ISEG-ULisboa e foi desenvolvido em parceria com o CESIS (Centro de Estudos para a Intervenção Social), o CIEG (Centro Interdisciplinar de Estudos de Género, do ISCSP, ULisboa), e o Centro de Investigação em Género (Centre for Gender Research), da Universidade de Oslo.

Assédio sexual em Portugal: 25 anos depois, Dália Costa, Anália Torres, Helena Sant'Ana, Bernardo Coelho e Isabel Sousa, CIEG/ISCSP-ULisboa

O estudo sobre Assédio Sexual e Moral no Local de Trabalho, realizado pelo Centro Interdisciplinar de Estudos de Género (CIEG), do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa foi desenvolvido em 2015 (promovido pela Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, CITE, com financiamento do mecanismo financeiro do espaço económico Europeu 2009-2014, no âmbito dos European Economic Area Grants, EEAgants). Este estudo, de âmbito nacional permitiu uma análise comparada com os resultados do, até então, único estudo sobre assédio sexual sobre as mulheres, realizado em 1989 (Amâncio e Lima, 1994) revelando as enormes transformações ocorridas nestes últimos 25 anos na sociedade portuguesa, quer nas relações de trabalho, quer nas relações de género. O inquérito, aplicado a uma amostra representativa da população ativa de Portugal continental, excluindo o sector primário, com a dimensão de 1801 pessoas (558 homens e 1243 mulheres) revelou uma frequência de assédio sexual sobre mulheres no local de trabalho de 14%, quando em 1989 a frequência era 34%. Este resultado é analisado tendo como referência: o contexto social atual, com crescente preocupação social e política com a igualdade, em particular com a igualdade de género; transformações sociais expressivas, com uma tendência sólida e consistente para a maior escolarização das mulheres e para a sua maior presença no mercado de trabalho, principalmente no setor terciário da economia; transformações nos modos de viver a sexualidade. A análise dos resultados contextualizando-os, nos anos 80 do século XX e em 2015, situa o debate na importância da interrelação entre três dimensões: o poder, as relações sociais de género e os contextos organizacionais.

<p>9h30-11h</p>	<p>LGBT and the construction of Trans identities Moderador Chair: Maria João Cunha</p> <p>Sala 10, Piso 3 Room 10, Floor 3</p> <p>Is old age always already heterosexual (and cisgender)? The LGBT Gerontology and the formation of the “LGBT elders”, Carlos Henning, Univ. Federal de Goiás</p> <p>This paper seeks to present an anthropological and critical view of the development of a thriving field (especially in the US) which for some decades has investigated the aging processes among lesbians, gays, bisexual and transgender people. This field, still relatively unknown outside of North America and the United Kingdom, has been named "LGBT Gerontology". Thus my interest lies in critically and systematically presenting and contextualizing the main trends, controversies and theoretical debates in this field, as well as their recent implications on the complex constitution, legitimation and creation of public policies concerning the new social actors, who rise concomitantly - the "LGBT seniors."</p> <p>Translocal Subjects: Narratives of Education among “Dependent” Indian Immigrant women in the U.S., Himabindu Timiri, Univ. of Minnesota</p> <p>Despite education and skills that match their partners, scores of immigrant women, primarily from India, become trailing spouses of high-skilled guest workers in the United States. These women enter and reside in the U.S. as “dependents” of male guest workers employed in the American high-tech sector. A decade of advocacy efforts and lobbying interests ensured that a limited number of these women now have the right to work in the U.S., but only once they are on a path to permanent residence. For all recent arrivals of dependent immigrant women, a cascading effect of socio-economic isolation ensues their initial, uncertain dependent condition. This feminized dependence is largely symbolic of a neoliberal knowledge economy that sidelines women in favor of its ideal worker – the mobile, high-skilled and male knowledge worker. Equally undeniable are the intersections of the matrix that produce these gendered dependent subjects: the specific politics of diasporic Indian middle class families that seek to accommodate the demands of global high-tech capital. Yet, despite the nexus of transnational capital with diasporic gender norms in their lives, these women are able to lay claims to being educated immigrant subjects in their daily lives.</p> <p>This paper is based on data from an ethnographic study of a community of new immigrant high-tech workers from India in the city of Atlanta in the southern U.S. Through in-depth interviews, the study explored specific subject-making processes at play for dependent immigrant women. Preliminary analysis suggests that the dual location of these women in the global high-tech economy, as both privileged and marginalized subjects, emerges through their translocal constructions of education. Oral narratives of “dependent” women in the study signal their creative strategies of negotiation as educated, albeit dependent, subjects across gendered transnational social spaces.</p> <p>Heteronormative discourses of LGBTIQ Italian activists about parenting, Diego Lasio, Francesco Serri and João Manuel de Oliveira, Univ. of Cagliari</p>
------------------------	---

Over the past decades research on homosexual parenting has consistently shown that concerns about difficulties among children of lesbian and gay parents are unwarranted. However, heteronormativity still leads heterosexuality to interpret itself as society (Warner, 1991) and the heterosexual married couple is constructed as the only normal, natural, taken-for-granted context for parenting. Heterosexual kinship is the current episteme of intelligibility (Butler, 2002) and homosexual parents and their children are subject to stigmatization and to institutionalized forms of discrimination, as in the case of Italy where no recognition or protection are settled for children of same-sex parents. General politics and “regimes of truth”, established by scientific discourses and institutions, are at the origins of the dynamics of power between the heterosexual majority and sexual minority groups (Foucault, 1978). The relations of dominance are often consensual because they are continuously reproduced as natural (Gramsci, 1975a). As Gramsci (1975a; 1975b) highlighted, cultural hegemony is a process of moral and intellectual leadership through which subordinated classes give their “spontaneous” consent to the worldview of the ruling classes, thus agreeing to their domination, with no need of forcing or coercion for accepting their inferior positions.

Starting from these premises, this paper analysis whether and how Italian LGBTIQ activists support or challenge the heteronormative ideology of parenting when they talk about homosexual parenting. After examining the historical conditions that led the heteronormative view of parenting to become hegemonic in Italy, the paper presents a Critical Discourse Analysis (Fairclough, 2001) of the discourses of three groups of LGBTIQ Italian activists about parenting. The contribution of this study consists on showing how hegemonic ideologies on sexualities and parenting permeate the discourses of subaltern groups, even in the case of groups that have committed themselves politically to defending the rights of LGBTIQ persons. The role of the research on contributing to social emancipation is discussed.

Representations of LGBT in the news, Maria João Cunha e Carla Cruz ISCSP-Ulisboa

In contemporary societies media have become increasingly important in their potential for changing mentalities at least by setting the agenda. This capacity provides an agency role in all affairs, not only traditionally public matters but increasingly in the so called private spheres, where sexual issues and movements used to be included. For example growing LGBT movements openly assume that sexual orientation and gender identity are more than private life issues, as they potentially cause social and cultural changes against a dominant majority seen as the normative heterosexuality.

In order to analyse this phenomenon and understand to which extent and how sexual minorities, especially LGBT issues are being represented in the news, it is our purpose to analyse print media news in Portugal. The corpus comprehends covering major national print media in Portugal, including daily newspapers (Diário de Notícias, Jornal de Notícias, Correio da Manhã and Público), weekly newspapers (Expresso and Sol) and information magazines (Sábado and Visão) over a one year period (2014). Drawing from the idea that representation is a normative function of a language that reveals or distorts what is taken as true about gender issues, our approach combines a quantitative content analysis with qualitative discourse analysis. Content analysis is designed so as to characterize the relevance and highlight of news on Sexual issues, but also the gender, protagonists, sources, voices and direction and discourse analysis focuses on major arguments for a positive or negative direction in the news.

A deeper knowledge of media representations as social outputs on sexual issues may contribute to rethink activist strategies and academic stances.

LGBT subjectivities in grassroots movements in the Basque Country: methodological approaches to an ongoing investigation, Jokin Carballo, Univ. of the Basque Country UPV/EHU

Many feminist activists and scholars have stated that when doing research that addresses oppression on women, LGTB people or other subaltern people we can easily end up committing some form of symbolic violence by the way the subjects are included or excluded from the research. To solve the fact to be talking about other people (therefore falling for the problem of delving in some already existing “othering” processes) the insider/outsider debate can prove useless since our positions can not be so easily defined by one unique category (gender, sexuality, race, class...) and even if, those positions change in the time and space axes, so we may be insiders here/today but outsiders there/tomorrow.

Doing research on violence with people in subaltern positions, therefore, implies to reflect critically on the research processes, opening the door to everyone involved to have a voice and some agency. Moreover, after some decades of action research some experience has been already gathered, and new dilemmas have been opened, such as the difficulties to combine action research with the demands of academic research in terms of goals, time, dissemination or publication needs.

	<p>This paper deals with those methodological concerns in the setting of a PHD research on lesbian, gay, trans* and bisexual people in the context of the Basque Country, centered on young people who are or have been active in grassroots social movements (student and worker unions, ecologists, anarchists, socialists, pro-independence...). It will also draw some initial conclusions provided by the first situational analysis of the data produced.</p> <p>Keywords: LGBT, activism, methodology, Situational Analysis.</p>
--	---

<p>16h-17h30</p>	<p>Women and Labour across cultures Moderador Chair: Fátima Assunção</p> <p>Sala 2, Piso 3 Room 2, Floor 3</p> <p>Can women have gold collars? Work life for female knowledge workers in Turkey, Meltem Sener, Istanbul Bilgi Univ.</p> <p>At a time when brainpower plays a central role in the economic success of companies, increasing numbers of men and women are having higher education at prestigious universities to prepare themselves for their future careers. By getting higher levels of education, they are trained to be gold-collar knowledge workers who can work independently, control their own work, and engage in complex problem solving. This study focuses on the work experience of those educated women in Turkey who have been trained to work as gold-collar knowledge workers. Depending on in-depth interviews with twenty knowledge workers, it is argued that as these women advance in their careers, they face pressures to shift from qualified gold-collar work to routine white-collar work. These pressures come in forms of both responsibilities related to child-care and also company cultures that favor men especially for qualified knowledge work. Therefore, although they were educated and prepared for gold-collar, competitive careers in the same way with their male counterparts, working under corporate cultures which are hostile to women, and facing the challenges of especially motherhood responsibilities, these women are under pressure to be content with less than they deserve.</p> <p>Keywords: gold collar; knowledge work; glass ceiling; Turkey; educated women; intensive mothering.</p> <p>High Female Enrollment at Universities but Low Participation in Labor Force Market in Pakistan: A Socio-cultural and Political Analysis of Paradox, Muhammad Tahir, Philipps Univ. Marburg</p> <p>Gender and Development is an emerging debate in the current era. At the Beijing Women Conference (1995), it was realized that development is not possible without equal participation of females in all spheres of life through equal share in social, economic and political decision making. The Millennium Development Goals also emphasized 'Gender Equality and Women Empowerment' as a main goal. The participant nations of both forums are supposed to ensure gender equality in all segments of their societies through effective public policies. However, a number of obstacles still exist in the way to achieve prescribed goals for gender equality and women's empowerment in societies. Thus, it is essential to scientifically identify the gaps and constraints which are hindering the process. The proposed study is a move in this direction by aiming to identify the work-related barriers faced by university-graduate females in Pakistan. In Pakistan, there has been a significant increase of females in higher education institutions over the last decade but their representation in the workplace is still low. Prior research indicates there is a gap between education policies designed for gender equality at higher education institutions and policies to encourage entry into the work market. However, socio-cultural values and practices can also influence the decision of females to strive for professional careers after studies. The proposed study aimed to obtain the answer of a main question "Why educated females are not participating in labor market after completion of university education"? Triangular research methods were used to investigate the phenomenon by using cluster sampling techniques to ensure the generalizability of the sample. Data was collected from primary and secondary resources by using structured interview schedules, in-depth interviews and consulting public records. Mainly logistic regression analysis was employed to analyze quantitative data and textual analysis was done for qualitative results. Findings infer that specific trends of getting higher education, cultural norms and values, religiosity and structural barriers affect university-graduate female's decisions to participate in the labor market. Those who had market oriented education, had brought up in a gender-conducive familial environment, belonged to less religious families, and experienced relatively less structural barriers in the labor market had higher propensity to participate in the labor market.</p> <p>Keywords: Gender, Education, Public Policies, Culture, Religiosity, Labor Market</p>
-------------------------	--

The Female Labor Force Participation: the case of the Philippines, Ronahlee Asuncion, Univ. of the Philippines Diliman

The Philippines is considered one of the most populous countries worldwide as it ranks 12th in the world's populations, 7th in Asia and 2nd in Southeast Asia. In 2015, the population is 102.9 million where 51.7 million are female while the male is 51.2 million. From 2006 to 2014, the females have consistently higher labor force participation than men. In fact, a 0.7 increase was recorded from 2013 (93.2%) to 2014 (93.9%).

This paper looks into: a) the trends and patterns of female labor force participation (FLFP); b) the key factors (drivers and barriers) influencing the FLFP rates; c) the impact of the FLFP on national labor productivity; and d) government policies that boost the FLFP rate.

The data suggest that there is a significant disparity of employment between males and females in terms of salary, type of work, industry/sector where they work among others. The changing role of women, availability of flexible work arrangements, high female labor supply, educational attainment, family size and income, and expansion of the service sector are among the drivers of FLFP. However, cultural values, reproductive role of women, lack of access to basic services such as health, and labors laws such as the maternity leave benefit, serve as barriers of FLFP. Hence, even if there are government policies in place that will boost the FLFP rate (e.g., Republic Act 9710 Magna Carta of Women, employment of women under the Labor Code, etc.) there still exist a problem on the full participation of women in the labor market and how to narrow the gap between the males and females in the world of work

Research into how women network in order to improve their careers, Wilma Garvin, Univ. of East London

Research has been undertaken by interviewing women to gain knowledge about how they use networks and the extent to which the networks have helped them with their careers. The women interviewed are all professional women and a narrative approach has been taken.

The aim of this research is to:

- 1 investigate the role of women's networks and the extent to which networks have helped women to advance their careers
2. investigate whether informal or formal networks have resulted in greater success in career development to leadership roles

Networking can be seen as a specific career competency which is critical in this era of the boundaryless career (Arthur, Inkson, & Pringle, 1999; DeFillippi & Arthur, 1994) which is characterised by mobility and flexibility and the importance of knowledge and networks (Inkson, 2008 cited in Cartwright and Cooper, 2008). Networking presents a proactive approach by the individual to develop and maintain personal and professional relationships with others for the purpose of mutual benefit in their work or career (Forret and Dougherty, 2001). According to Baker (2000, p150) "No one can succeed or be promoted without building good relationships. No one. a glass ceiling exists for anyone who lacks relationships."

The results of the research indicate that the women have benefitted from the networking that they have undertaken. They have used the networks to share information with others which they also see as presenting opportunities for reciprocation. They aim to network with peers as well as people who are more senior to them. There is a theme coming through that the networking is undertaken and several of the women are in positions where they have been organising networking activities. Their organisations support them in the organising of events but this is still done on a voluntary basis.

Potential Solutions for Improving Female Technopreneurs Self Efficacy in Switzerland, Stephen Freeman, Univ. of Notre Dame '18

While Switzerland, a high-income country, hosts a near equal number of male and female entrepreneurs, it's entrepreneurial activity is relatively low compared with the EU and the United States. The relationships between gender, technological literacy, and motivation to internationalize businesses were examined for one sample group: male and female Swiss entrepreneurs in the tech sector. Similar effects on technological literacy and business internationalization are shown for all participants and support earlier research on the relationship between gender, technological literacy, business internationalization, and an entrepreneurial venture's output. Additionally, the motivation to internationalize a business proved stronger for more technologically literate individuals than for individuals who were not exposed or exposed very little to technology during their childhood and teenage years. Implications for educators and policy makers were discussed, and areas for future

	<p>research outlined. In order to test my hypotheses, I analyzed data gathered in my study conducted between December 27th, 2014 and January 10th, 2015 with varying age groups representing different points in entrepreneurial careers within the Swiss tech industry. Twelve Swiss men and women answered questions on their attitudes, skills, career perceptions, and technological literacy. A total of twelve surveys and interviews were analyzed. My main methods of research were interview and observation. I attended conferences and entrepreneurial meetups to observe how female Swiss entrepreneurs approach tech entrepreneurship. The finding that female entrepreneurs lacked technological literacy when compared to male entrepreneurs was unanticipated. The implications of my conclusions suggest that increasing the activity of female Swiss entrepreneurs starts with education. Educating Swiss girls for technological literacy to see opportunities in all industries, and particularly the technology industry, begins by increasing access to technology education before the collegiate level. This research paper falls in track III - Gender and the construction of contemporary societies.</p> <p>‘Emotional managers’. Challenging the masculine norm within tourism management discourse, Carlos Costa, Fiona Eva Bakas, Zélia Breda and Marília Durão, Univ. de Aveiro</p> <p>Tourism is a highly gendered industry, with strong horizontal and vertical segregation of occupations (Baum, 2013). Recent research finds that the influence of gender on tourism labour is especially marked in patriarchal countries such as Portugal (Carvalho, Costa, Lykke, & Torres, 2014; Costa, Breda, Malek, & Durão, 2013). Hence, tourism is an interesting area to investigate how gender roles influence economic roles, by looking at the people who work in tourism. As economic models are now based on dual-earner family structures, global gendered ideals connect femininity with the ‘working mother’ role (Ferguson & Alarcón, 2014). Indeed, women are now perceived as the new economic resource, as the contribution of gender equity and women’s empowerment to national economic success is being increasingly recognized (Elias, 2013). However, this shift in productive roles is accompanied by persisting expectations that women are responsible for family well-being, resulting in complex gender role negotiations which impact on managerial discourse.</p> <p>Drawing on recent research conducted in Portugal, as part of a unique six-year project on gender and tourism, we analyze how tourism managers from leading private and public tourism organizations perceive gender’s role in tourism employment. The data used in this paper was gathered in 2013 by holding focus groups in all seven Portuguese administrative regions, and it represents all seven tourism sectors as defined by the Tourism Satellite Account. Questioning the ontological position that shared social realities exist, this paper presents the multiple, context-specific truths arising from content analysis of focus groups with the help of WebQDA qualitative analysis software.</p> <p>From a feminist economics angle, participants represent gendered economic subjectivities and through their accounts the ways in which gender roles influence managerial discourse are investigated. Focusing on tourism managers’ expressions of what desired managerial characteristics comprise of and how conflict situations are resolved, masculinized norms surrounding tourism managerial discourse are contested. We find that feminised characteristics such as being emotional, influence perceptions of managerial effectiveness both negatively and positively, hence creating new discourse surrounding what are ‘good’ managerial characteristics. The complexity urges for conceptual progress in economic theory, as we find that feminine managerial characteristics are progressively being incorporated into managerial discourse. This paper presents an in-depth investigation into how gender roles relate to wider social, economic and political considerations within the context of tourism managers in Portugal, and contributes to a more holistic representation of today’s economic reality.</p>
<p>16h-17h30</p>	<p>Classes sociais, migrações e desigualdades de género Moderador Chair: Sofia Neves</p> <p>Sala 3, Piso 3 Room 3, Floor 3</p> <p>Trayectorias de vida de mujeres portuguesas pertenecientes a la clase trabajadora y configuración de conciencia de clase, Daniela Eyquem, ISCSP-Ulissboa</p> <p>En la lucha contra la hegemonía opresora del patriarcado, el capitalismo y las actuales formas de colonialismo, se releva la urgencia de una nueva construcción simbólica y material de la realidad (social, cultural, histórica, económica, política, etc.) que no sea la de una elite blanca, masculina y burguesa. El establecer y revelar la existencia de los significados, sentidos y experiencias de las razas, clases y sexos cuya voz fue relegada de la construcción de una realidad “compartida”, es una de las tareas a la que se ha abocado la ciencia social los últimos tiempos.</p> <p>La comunicación propuesta presenta los resultados preliminares de la tesis de magister de la autora. Dicho estudio pretende dar voz al sujeto subalterno, en este caso, representado por la mujer</p>

portuguesa de classe operaria reformada, es decir, la mujer trabajadora en su voz madura, etapa en la que, en términos generales, no se es escuchado como actor social relevante, por lo que las experiencias vividas tanto como los significados y sentidos construidos después de una larga trayectoria de vida se tornan invisibles.

Desde una perspectiva de clase, pero también desde la particularidad de la perspectiva de género, se estudian los significados, sentidos y experiencias matriciales que configuran la conciencia de clase de mujeres portuguesas reformadas pertenecientes a la clase trabajadora, a partir de sus narrativas de vida. En el universo de subjetividades y experiencias recolectadas mediante historias de vida en cuanto técnica de investigación cualitativa, se analizan sus vivencias como mujer y como trabajadora asalariada de clase operaria y su relación con la conformación de una conciencia de clase femenina.

Interseccionalidade de gênero, raça e classe: pensamento de mulheres negras ativistas no brasil pós-Estado Novo, Edilza Sotero, CNPq Brazil

A mobilização de intelectuais e ativistas, homens e mulheres, negros foi fundamental para introdução de reivindicações voltadas para resolução de problemas da população negra brasileira após o fim da Ditadura Vargas (1937-1945). Por considerar que aquele era um momento privilegiado para intervenção política, a crítica em torno dos problemas da sociedade brasileira, feita por ativistas negros, era também acompanhada de um curso de ação. Das várias iniciativas de mobilização que surgiam em diversas regiões do país, formou-se uma nova articulação de lideranças que imprimiu um ritmo de constante agitação intelectual e política, especialmente entre os anos de 1945 a 1948. O discurso estava focado na divulgação e luta contra barreiras raciais impostas aos negros brasileiros, especialmente ligadas a situações de discriminação racial nos centros urbanos. Apesar de a presença de mulheres negras nas organizações surgidas em meados da década de 1940 já ter sido apontada em estudos que tratam do período, o assunto não foi abordado de forma que possibilitasse a reconstrução do pensamento e da contribuição específica delas para a estruturação da mobilização negra no Brasil. Duas mulheres negras destacam-se entre as ativistas: Arinda Serafim fez parte de diversas organizações negras no Rio de Janeiro, como o Teatro Experimental do Negro, e também era liderança das Empregadas Domésticas naquela cidade. Sofia de Campos Teixeira, professora e ativista no meio negro em São Paulo, foi uma das fundadoras do Partido Socialista Brasileiro (PSB), também integrava e chegou a presidir a Federação das Mulheres de São Paulo, no ano de 1949. O enfoque no pensamento de mulheres negras, como Arinda Serafim e Sofia de Campos Teixeira, permite a compreensão de como raça, classe e gênero eram articulados no discurso de ativistas com variadas temáticas e como essa articulação variava em cada caso específico.

Intersecção entre os estudos de sexualidade e os estudos migratórios: o caso de refugiadas e refugiados por orientação sexual no Brasil, Vítor Andrade

O processo de globalização, que apesar de não ser recente intensificou-se nas últimas décadas, tem aumentado o fluxo de pessoas que cruzam as fronteiras nacionais (APPADURAI, 1996; RIBEIRO, 2011). Esses fluxos podem ter diferentes motivações: turismo, viagens de estudo, deslocamentos forçados gerados por conflito civil ou desastre ambiental, etc. Apesar do grande número de estudos sobre migração internacional, pouca atenção tem sido dada as mobilidades humanas motivadas por orientação sexual. Cerca de 76 Estados criminalizam atos sexuais consentidos entre pessoas do mesmo sexo (ILGA, 2015), caracterizando uma perseguição política, jurídica e/ou religiosa, para além da "homofobia familiar" (SCHULMAN, 2010) presente em diversos contextos nacionais e sociais. Essas situações levam as sujeitas e os sujeitos lésbicas, gays e bissexuais a emigrarem, deslocamento denominado "sexílio" (LA FOUNTAIN-STOKES, 2004) que pode ser concretizado, em alguns países, como o Brasil, através do pedido e da concessão de refúgio. Essa pesquisa tem por objetivo refletir sobre a intersecção entre os estudos de sexualidade e os estudos migratórios, através do caso de refugiadas e refugiados por orientação sexual no Brasil. Para isso, em um primeiro momento apresentar-se-á uma revisão teórica sobre os estudos clássicos de migração, evidenciando a invisibilidade das questões de orientação sexual e, em seguida, será feito um debate acerca da literatura específica sobre deslocamento humano de pessoas que não são heterossexuais. Por fim, apresentar-se-á a pesquisa de campo referente às refugiadas e aos refugiados por orientação sexual no Brasil, evidenciando de que países essas pessoas provêm, o porquê escolheram ir para o Brasil e como se dá a sua integração, ou a ausência de integração, no contexto brasileiro com ênfase na cidade de São Paulo.

Palavras-chave: globalização; sexílio; refúgio por orientação sexual.

As migrações como espaços de desigualdade na vida pessoal, familiar e profissional das mulheres imigrantes, Estefânia Silva, Conceição Nogueira and Sofia Neves, ISMAI

	<p>Num cenário de globalização, os rostos femininos têm ganho relevância contribuindo decisivamente para moldar a paisagem humana das migrações no nosso país. Porém, o conhecimento acerca de como as mulheres imigrantes organizam a sua vida pessoal, familiar e profissional, é ainda insuficiente em Portugal (Marques & Góis, 2012), continuando patente um olhar homogéneo e que não reconhece a diversidade das experiências das mulheres imigrantes (Silva, 2015).</p> <p>A presente comunicação pretende apresentar e discutir os resultados de uma investigação qualitativa, realizada no âmbito de um projeto doutoral. Partindo das vozes de mulheres imigrantes brasileiras, cabo-verdianas e ucranianas presentes em Portugal, procurar-se-á caracterizar as vivências, os discursos e as estratégias destas mulheres na conciliação da vida pessoal, familiar e profissional, bem como, conhecer os seus modos de uso do tempo.</p> <p>Os resultados do estudo evidenciam um padrão regular e assimétrico das tarefas domésticas e dos cuidados às crianças, que coloca as mulheres imigrantes, no país recetor, em situações de maior sobrecarga, pela ausência de suporte familiar, financeiro e social. Constata-se, ainda, que a vivência da maternidade e os cuidados com os/as filhos/as conjugados com as condições e exigências de trabalho acentuam a interferência profissional na vida familiar, gerando nestas mulheres sentimentos de tensão e pressão em que as soluções encontradas passam muitas das vezes por uma interrupção, abandono da prática profissional ou pelo silenciamento e abdicar de si próprias pelos outros, o que reforça o esquema da desigualdade.</p> <p>Assim, podemos concluir que o poder político e económico do país recetor acentua a feminização dos papéis tradicionais de género onde configura uma desigual conquista das mulheres em relação aos homens no espaço pessoal, familiar e profissional.</p> <p>Palavras-chave: Imigração feminina, conciliação da vida pessoal, familiar e profissional</p>
<p>16h-17h30</p>	<p>O género nas artes e na cultura Moderador Chair: Cláudia Vaz</p> <p>Sala 4, Piso 3 Room 4, Floor 3</p> <p>Hildegarda de Bingen, a expressão do feminino no Medieval, Mirtes Pinheiro, Fac. de Letras/UFMG</p> <p>Vários historiadores conceituam o século XII como o século do Renascimento Medieval. Houve um crescimento significativo em diversos campos do conhecimento e vários nomes se destacam no período, no entanto, um nome feminino ganha mais destaque do que os outros: Hildegarda de Bingen.</p> <p>Inegavelmente a recém nomeada “Doutora da Igreja” faz jus ao título que recebeu. Foram inúmeras as suas contribuições em diversos campos do saber, desde a lingüística com a invenção do alfabeto gnoto, passando pela medicina já que em seus atendimentos médicos, utilizava-se das receitas recolhidas e aprendidas não só nos livros, mas também no seu entorno. Hildegarda reforça a idéia de que se devia cuidar do doente e não da doença.</p> <p>Em seus momentos de êxtase, Hildegarda ouvia uma voz que a ordenava que ela escrevesse tudo o que via e ouvia. Destas visões surgiu a obra: Scivias, “conhece os caminhos do Senhor”. Por ser mulher, ela precisava apresentar suas visões em público e, de preferência, na companhia de um homem que pudesse atestar a veracidade das mesmas.</p> <p>Ela ainda se destaca como compositora, além de ser a primeira autora de peça teatral do século XII, arquiteta, predadora, escritora mantendo uma vasta correspondência com várias autoridades do período como: Leonor de Aquitânia, Frederico Barba-Ruiva e Bernardo de Claraval, dentre outros.</p> <p>Sua perspicácia, atenção e cuidado, sobretudo com as mulheres do seu entorno, mostram a sensibilidade da monja para com os problemas que afligiam o mundo feminino. Cercado por machismo, preconceito e misoginia, Hildegarda rompe barreiras, ultrapassa os limites geográficos no qual ela convive e realiza obras até então praticamente vetadas às mulheres de seu tempo.</p> <p>Hildegarda é inegavelmente a luz de inspiração divina do medieval.</p> <p>Mainstream e hiddenstream: dialética na subalternidade das duas tradições na pintura “Bed”(cama), de Rauschenberg, Angélica Cruz e Maria José Magalhães, Uminho/FPCEUP/CIEG</p> <p>O objetivo desta comunicação não é explicar detalhadamente as conotações de género e classe nas formas de arte, mas ilustrar a sua existência e a sua importância na construção de uma hierarquia em arte e como duas tradições, mainstream e hiddenstream, nos falam da cultura em que foram produzidas. Situando-nos num pensamento pós-moderno, segundo o qual não há uma verdadeira e única forma de olhar, o que seria mais cómodo, mas outros modos de olhar, como nesta obra de Rauschenberg, em que olhamos a partir de um ponto de vista de um "outro" que não está lá enunciado, e partindo do princípio de que o que vemos só vive em nossos olhos, pelo modo como as imagens nos olham.</p> <p>Palavras-chave: Arte, género, hiddenstream, mainstream.</p>

	<p>Entre o primitivo e o contemporâneo: representação da mulher em a confissão da leoa, de Mia Couto, Alba Durães, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais</p> <p>Na obra “A confissão da leoa”, escrita por Mia Couto, há uma representação do comportamento de mulher em uma aldeia moçambicana. Nesse romance, o perfil de comportamento social feminino é levado à última consequência sob a visão da narradora-personagem Mariamar. O papel feminino mistura os aspectos primitivos para o papel destinado à mulher aldeã com a visão da narradora aparentemente disposta a romper com aquele lugar de mulher submissa ao homem e reclusa à vida privada. Essa dubiedade torna-se objeto significativo de investigação, tendo-se em vista as reflexões nas últimas décadas acerca da reconfiguração dos papéis sociais da mulher, e, conseqüentemente, do homem. Através deste artigo, pretende-se verificar como essa narrativa põe em evidência as diferenças de gênero em aldeia primitiva de África com suas relações sociais complexas e enigmáticas e como se refletem as ideias de mudanças e liberdade simbolizadas pela personagem Mariamar. Sob o olhar das questões de gênero, neste início de século XXI, pretende-se verificar como ocorre a remodelação de comportamento obra. Dessa forma, por meio de contribuições da Literatura, seria possível delinear como podem ser as influências nos comportamentos sociais ainda herdados das tradições e mitos da cultura africana, na maneira de se identificar papéis de gênero.</p> <p>Palavras-chave: Gênero. Representação. África. Mia Couto.</p> <p>Vastidão e aprisionamento feminino em Noites no Circo, de Angela Carter e A Cidade Sitiada, de Clarice Lispector, Kátia Oliveira, UNESP</p> <p>Pretende-se nesse trabalho discutir como a questão de gênero é representada na literatura. Apontar as diferenças e proximidades entre a autora inglesa Angela Carter e a brasileira Clarice Lispector em suas obras. Noites no Circo (1984), discute questões como o processo de modernização, o amor, a perspectiva dos marginalizados, as relações humanas e a liberdade feminina. Para colaborar com o efeito de libertação, a autora livra-se de ambientes fechados que faziam parte do cenário de seus rances e opta pelo espaço exterior. E ainda opta pela protagonista Fevers, a mulher com asas, que em si carrega uma poderosa imagem de libertação e transformação feminina. A protagonista tem consciência do que representa: "I only knew my body was the abode of limites freedom". (CATER, 1985, p. 41). Em A Cidade Sitiada (1949), Lucrécia é uma mulher “sitiada”, ela não é apresentada ao leitor como sujeito da sua histórias, mas, mas em vez disso, um objeto narrado: “[...] se precisasse urgentemente chamar, não poderia; perdera enfim o dom da fala.” (CLARICE, 1998, p. 68) É uma estrangeira no mundo onde habita e com o qual não interage, cercada, exilada por muros da cidade: “Seu medo era o de ultrapassar o que via.” (CLARICE, 1998, p. 89). As descobertas das protagonistas estão ambientadas no processo de modernização no final do século XIX e início do século XX. Enquanto na Inglaterra a mulher nasce com asas e livre, no Brasil a mulher ainda continua presa no sistema de sociedade patriarcal. Diante do exposto, pretende-se nesse trabalho comparar o modo que Angela Carter e Clarice Lispector conseguem discutir a questão de gênero na literatura e transpor as linhas do patriarcado na sociedade.</p>
<p>16h-17h30</p>	<p>Família, sexualidade e relações íntimas Moderador Chair: Helena Sant’Ana</p> <p>Sala 5, Piso 3 Room 5, Floor 3</p> <p>Poliamor numa perspectiva genderizada – Discriminação e preconceitos na voz de mulheres em não-monogâmias consensuais, Daniel Cardoso, FCSH/UNL – ECATI/ULHT</p> <p>O poliamor surge nos anos 90 do século XX como uma identidade associada a um conjunto de práticas de não-monogamia consensuais. Visto numa perspectiva alargada, as pessoas poliamorosas vivem fora do “círculo encantado” aceitável que Gayle Rubin (2007) articulou. Porém, e graças à genderização por detrás do ‘duplo padrão sexual’, o gênero tem uma forte componente na forma como a transgressão da mono-normatividade afecta a vida das pessoas poliamorosas. Estes impactos são variados, e cruzam tanto o questionamento das masculinidades hegemónicas e validação de posturas de maior equidade de género (Cascais & Cardoso, 2012; Sheff, 2005), como também a rearticulação de novas hegemonias, masculinidade e desequilíbrios nas relações de poder em contexto de intimidade (Sheff, 2006).</p> <p>O corpus de investigação sobre as atitudes sociais face ao poliamor têm vindo a crescer nos últimos anos, e confirmam a existência de discriminação contra pessoas poliamorosas (e.g.: Grunt-Mejer & Campbell, 2015; Hutzler, Giuliano, Herselman, & Johnson, 2015; Johnson, Giuliano, Herselman, & Hutzler, 2015), inclusive por entre a comunidade LGBT (Cardoso, 2014).</p> <p>O presente estudo exploratório parte de um inquérito por questionário aberto, disseminado por</p>

entre a comunidade poliamorosa portuguesa via bola de neve nas redes sociais. Apresentamos um recorte dos resultados, a partir das respostas dadas por pessoas auto-identificadas enquanto mulheres e/ou no espectro de feminilidade, sobre as suas experiências de discriminação, as suas percepções sobre as normas sociais genderizadas vigentes no que diz respeito a não-monogâmias consensuais e as suas estratégias de gestão dessas experiências. A partir dos relatos dados, é possível entender que há uma intensa gestão de conflitos entre família, amigos e relacionamentos íntimos, e a percepção do sexismo como algo constante nas suas vidas. Um elemento central é a condenação do agenciamento feminino, expresso no tropo da mulher poliamorosa ludibriada, e no da mulher poliamorosa hipersexual.

Teledildónica: a revitalização tecnológica do “imperativo coital”, Maria Faustino

O conceito teledildónica foi popularizado por Howard Rheingold em *Virtual Reality*, em 1991. Era, então, uma experiência de pensamento, que ficcionava como possibilidade futura o contacto sexual apesar da distância.

A ficção de pensamento partilhada por Rheingold encontra hoje concretização empírica, sendo a teledildónica uma realidade comercialmente disponível, que encontra na tecnologia háptica a sua condição de possibilidade. O seu funcionamento padronizado implica que os aparelhos - normalmente vendidos separadamente e desenhados diferentemente como receptáculo para os genitais masculinos, e como instrumento penetrativo para os genitais femininos -, operem através de bombas de ar e sensores de velocidade e pressão que permitem uma resposta coordenada aos movimentos de cada um.

A teledildónica espoleta um campo fértil de problemas quanto à representação da relação sexual: como é compreendida e promovida a interação sexual, num contexto de supressão do contacto directo, corpo a corpo, entre os sujeitos - mas onde, ainda assim, se verifica reciprocidade no estímulo físico? Que representação da relação sexual é mobilizada pelos dispositivos e suas retóricas de publicitação? Foi esta a questão que norteou o estudo que apresentamos.

O universo empírico considerado compreendeu os conteúdos discursivos apresentados nos sites de três marcas comerciais – Kiroo, LovePalz e Lovense - ao longo do mês de Julho de 2015. A análise das retóricas presentes nos três sites aponta para a reiteração do primado da penetração vaginal. Apesar do ambiente de alta tecnologia, e das possibilidades de destabilização da normatividade heterossexual, o campo empírico analisado reforça a ideia de interação sexual radicada no “imperativo coital” (Jackson, 1984; Gavey, 2005).

O sentido dos direitos nas relações de intimidade ou a caixa de Pandora, Benilde Moreira

No sistema social, a vontade das pessoas se unirem numa ligação íntima não é regulada pelo direito. Porém, as relações que se estabelecem a partir da intimidade, já são objeto de ingerência legal. Está aqui em causa a esfera pública e privada. Dos domínios que aqui se aludem emergem tensões resultantes das relações de poder estabelecidas no quadro familiar, reveladoras, muitas vezes, de desequilíbrios e cenários de violência de género. Os confrontos revelam-se, agora, num terreno mais alargado vindo à tona da esfera pública as discussões violentas, ofensas e agressões físicas ou psicológicas. Tudo o que, antes, se encontrava resguardado no seio do lar é observável pelos olhos do “outro”. O lar adquire uma dimensão pública. A fronteira entre o “eu” e o “outro” revela discursos oscilantes da literacia de direitos. Assim, pretende-se demonstrar o sentido dos direitos e a sua exequibilidade, no seio de relações de poder na intimidade. O sentido dos direitos significa que, nas relações íntimas, o indivíduo revela ter consciência da titularidade dos seus direitos, bem como, o ter direito a utilizá-los. O mesmo acontece com o “outro” que sabe e conhece que o direito protege as humilhações e a violência ocorridas na intimidade. É nesta linha divisória que a caixa de Pandora solta temíveis falas emocionais. Por um lado, o “eu” receia a vergonha da vulnerabilidade pública, os sinais de fragilidade, a indignidade à vista de todos. Por outro lado, o “outro” percebe a conduta imoral e condena-a mas receia denunciar e agir como realizador de um verdadeiro sentido de direitos. É necessário clarificar que o debate científico do exercício das relações de poder na esfera privada. É crucial que o plano jurídico adquira um verdadeiro sentido de direitos, capaz de mitigar os sentimentos mais negros de uma caixa de Pandora nas relações de intimidade.

Os novos pais nas redes sociais, Angela Sartor and Clara Araújo, Univ. do Estado do Rio de Janeiro

Este artigo pretende apresentar parte da pesquisa que está sendo realizada para a tese de doutorado “Novos homens/novos pais: começam a serem rompidos os estereótipos de gênero?” O objetivo da tese é ouvir o discurso de homens/pais que romperam com padrões estereotipados de comportamento, e que estão num período de mudanças, alterando sua maneira de estar no mundo e compartilhar a vida; é observar as transições e os processos de transformação, visando entender em

	<p>que espaços se manifestam. Um desses espaços é a internet, mais especificamente as redes sociais. Numa busca através do google e utilizando tags como pai, papai, paternidade, foi possível encontrar muitos blogs. Blogs de Pais que querem se expressar através de textos, desenhos e vídeos, buscando dividir suas experiências. O que propomos é uma análise dessas manifestações: o que pretendem, qual o perfil que apresentam, valores que defendem, e receptividade dos internautas. Embora existam páginas conservadoras, é grande o número de postagens defendendo posições igualitárias, de envolvimento afetivo e ativo no trabalho de cuidado. Um dos parâmetros para medir a abrangência de um blog são os comentários, e a sua quantidade pode ser um sinal da influência do autor e penetração em seu público alvo. O que se percebe, lendo os comentários postados nos blogs de pais com grande envolvimento na paternidade, é que a grande maioria não é feita por outros homens/pais, e sim por mulheres, o que pode indicar que o público que está dialogando com esses “novos pais das redes sociais” talvez sejam as mães em busca desses “novos pais”.</p> <p>A Questão de “Género” na Relação Conjugal: a Violação no Casamento, Isa Antónia, Instituto Politécnico do Porto</p> <p>A questão da violação no casamento (“rape-in-marriage”) tem sido ignorada pelo Direito. De acordo com as tradicionais concepções do contrato de casamento resultam para a mulher, entre outros, o dever de “débito conjugal” entendido como o dever de ter relações sexuais com o seu marido. Deste modo, quando falamos em qualquer acto de violência psíquica ou física sobre a mulher, este acto é reconduzido ao crime de violência doméstica, mas raramente esse acto é o de violação. Pelo contrário, muito comuns são os insultos constantes ou agressões físicas como socos e pontapés, os quais sendo qualificados como maus-tratos psíquicos e físicos cabem na previsão de crime de violência doméstica nos termos do artigo 152.º, n.º1, al.b), Código Penal.</p> <p>Aos tribunais não chegam acções criminais por violação do cônjuge marido sobre a cônjuge mulher, mas somente situações configuráveis como violência doméstica lato sensu. Para além do facto de se encontrar cristalizada na sociedade portuguesa, uma concepção de que a imposição do homem, por via da força, sobre a sua esposa não representa um crime de violação, mas tão-só o exercício de um direito marital que resulta da celebração do contrato de casamento, existe o problema da prova.</p> <p>Por virtude do casamento resulta um feixe de direitos e de deveres para ambos os cônjuges, numa lógica de simultaneidade. O principal é o dever de respeito, mas este parece decair perante o dever de manutenção de relações sexuais.</p> <p>Consideramos ser abrangente às relações afins, ou seja, à “união de facto” cuja vida marital diária e quotidiana é em tudo idêntica ao das pessoas casadas, ressalvados os aspectos legais patrimoniais e sucessórios.</p>
--	---

<p>16h-17h30</p>	<p>Direitos, cidadania e identidades Trans Moderador Chair: Bernardo Coelho</p> <p>Sala 6, Piso 3 Room 6, Floor 3</p> <p>TRANSRIGHTS - Cidadania de género e direitos sexuais na Europa: vidas transgénero numa perspectiva transnacional, Sofia Aboim, ICS-ULisboa</p> <p>Financiado pelo Conselho Europeu de Investigação (ERC), o projecto TRANSRIGHTS (http://transrightseurope.com) investiga as vidas das pessoas transgénero bem como os aparatos institucionais que as enquadram em cinco países europeus: Portugal, Reino Unido, França, Holanda e Suécia. No âmbito da perspectiva comparativa que enquadra a investigação, são desenvolvidas quatro linhas centrais de indagação. Primeiro, as políticas de género e os direitos sexuais são escrutinados à luz da oposição ancestral entre igualdade e diferença, na medida em que estes termos se têm mostrado insuficientes para, numa perspectiva sociológica crítica, problematizar o binarismo de género e a sua contestação. Segundo, através da comparação das vidas das pessoas trans (sejam transexuais, transgénero ou outras) em cinco países europeus pretende-se escrutinar a forma como essas mesmas vidas são construídas e condicionadas (ou viabilizadas) por diferentes aparatos institucionais (legais, médicos, activistas, etc.). Terceiro, mobilizando uma perspectiva interseccional que não ignora a desigualdade social e económica, considera-se a imigração de indivíduos trans para a Europa, bem como o seu lugar marginalizado, muitas vezes levando ao trabalho sexual, numa ordem de género que impõe ainda padrões de normalidade assentes num sistema binário (masculino vs. feminino). Finalmente, pretende-se identificar as lacunas entre as políticas, os direitos e as categorias realmente mobilizadas para a auto-identificação enquanto pessoa trans. A análise das vozes das pessoas trans, considerando a sua diversidade, a par do efeito das políticas sobre a materialidade das vidas e das formas de construção da individualidade, dentro e fora dos cânones europeus e ocidentais, é fundamental. Em suma, o objectivo não é o de levar a cabo uma monografia sobre diferentes grupos de pessoas trans, mas o de, através delas enquanto representativas de uma</p>
-------------------------	--

	<p>das fronteiras mais complexas no campo do género, alcançar uma compreensão profunda das mudanças operadas nesta área, observando as questões da cidadania e dos direitos. A relevância e convergência dos objectivos delineados é comprovada pelos resultados obtidos através do trabalho de pesquisa efectuado já em Portugal e no Reino Unido.</p> <p>Transgredir as ordens do género: algumas pistas para (re)pensar as identidades trans, Sara Merlini, ICS-ULisboa</p> <p>O estudo das vidas trans diz muito sobre como os processos de diferenciação operam na (re)definição da ordem de género binária. As transgressões, variações e transições de género – seja em termos performativos ou discursivos – permitem-nos questionar como a rejeição/contestação da ordem pode muitas vezes resultar no reforço ou alargamento das distinções instituídas. Contudo, será a mutabilidade emergente dessa diferenciação suficientemente substantiva para produzir uma transformação do centro?</p> <p>Partindo do pressuposto que a identidade é performatividade constituída, um efeito que se manifesta num regime de diferenças (Derrida, 1988; Butler, 2004), procuramos compreender em que medida as identificações mobilizadas por vinte pessoas trans – entrevistadas no âmbito do projeto financiado pelo ERC, TRANSRIGHTS (http://transrightseurope.com) – contribuem para superar uma construção social do género fora da oposição masculino/feminino.</p> <p>A interação com a ordem heteronormativa, seu apparatus binário e dualista, não é unívoca. Há diversas posições e discursos – muitas vezes ambivalentes – para explicar como e porquê as diferenças de género são desempenhadas (e desejadas). Em algumas trajetórias a transgressão de género é um processo de permanente construção de fronteiras; noutras, é mais como uma passagem, um ponto de transição necessário para a conquista de reconhecimento cívico e social. Tendencialmente, a importância de ser reconhecido, a sua associação com a materialidade corporal e a necessidade de recorrer às referências normativas de masculinidade e feminilidade existentes limita a construção do género fora das fronteiras tradicionalmente definidas.</p> <p>As construções identitárias analisadas gravitam assim em torno de um núcleo semântico e performativo dominante que estabelece os vetores sobre os quais os processos de identificação são constituídos. Mesmo quando procuram ultrapassar as fronteiras definidas pela heteronormatividade dominante, as pessoas trans criam alternativas que simultaneamente completam e reafirmam a ordem de género instituída. Não obstante, enquanto força dinâmica na reprodução cultural, a transgressão opera como o excesso que fornece coerência e constrói os limites existentes. Nas palavras de Bataille: “organized transgression together with the taboo make social life what it is” (1957:65)</p> <p>Palavras-chave: Identidades trans; Transgressão; Transição; Ordens de Género</p>
--	--

<p>16h-17h30</p>	<p>Identity, (re)production of gender stereotypes and politics of gender Moderador Chair: Cláudia Casimiro</p> <p>Sala 7, Piso 3 Room 7, Floor 3</p> <p>Challenging the politics of gender – Roller derby in russia, Ulrike Ziemer, Univ. of Winchester</p> <p>Rejuvenated on the backbone of third wave feminism, roller derby is one of the fastest growing female full-contact team sports in the world. There are currently more than 3,000 registered teams in the world, most of them in the US (2,069) USA and in Europe (760). While roller derby has conquered most Western parts of the world, there are only a few teams in post-socialist countries. In Russia, for example, there is only one roller derby team in Saint Petersburg. In recent years, Saint Petersburg has emerged as a cradle of conservative politics. The city was at the forefront of a recently adopted law banning homosexual ‘propaganda’ and has an unpleasant association with far right politics and hate crimes. Thus, the emergence of roller derby in Saint Petersburg – a women’s sport inclusive of all sexual identities – is a little puzzling. As Russia’s recent record on gender equality and feminism has not been great, how then can the arrival of roller derby as a physically demanding and ‘risky’ sport, transcending ideas of traditional femininity be understood in terms of Russia’s current gender politics where feminism is largely rejected as a ‘Western idea’? To answer this question, in this presentation I will explore present gender politics and feminism in Russia through the prism of the development of roller derby in Russia. While in Western Europe and North America, roller derby has appeared as part of a feminist celebration of women’s empowerment, putting its own stamp on society through regular media exposure, in Russia, roller derby has only featured in two online publications to date.</p> <p>Knowing from the North: Indigeneity as a Political and Epistemic Position - Reflections on Gender and Identity, Sanna Valkonen and Jarno Valkonen, Univ. of Lapland</p>
-------------------------	---

During recent decades, the North has become into the focus of global debates related to global warming, environmental change, socio-cultural adaptation, issues of postcolonial governance and strategies and neoliberal governance. At the same time the legitimacy of state powers to govern Northern peoples and environments has been questioned by both the environmental movements and international and local indigenous movements. The northern indigenous peoples have obtained own structures of self-governance and their activities take more and more place in non-state transnational channels where they fight for their rights in order to construct their societies.

In our presentation we elaborate the idea that the North is not (only) geographical margin which stands or transforms depending on the sociopolitical actions targeted to it. We approach European North as a particular place and position of knowing, being and acting. This means that we regard the North as special postcolonial epistemic position from which many contemporary societies' questions of being and belonging, such as re-inventing traditions, ethnic revival, identity and gender politics are opened and concretized as more crystallized. What comes to research this means the following: concepts like identity, ethnicity, gender, indigeneity, nationhood or governance are generally considered to being able to offer universal answers to questions of being and belonging. When considering these concepts through northern gaze, it can be discussed if being and belonging could be explained and understood beyond and over these concepts. What kind of gendered consequences this kind of reasoning have when building contemporary indigenous societies?

The concept of motherhood among teenagers, adult and old women, Amparo Moreno, Dolores Pérez, Helena Pérez de la Merced, Belén Cabello and Bárbara Álvarez, Univ. Autónoma de Madrid

Being a woman and being a mother has been inseparable. From our point of view, the analysis of this relationship includes four crucial theoretical issues: 1) the relationship between identity of women and motherhood, 2) the idealized maternal experience versus actual experiences of motherhood, 3) the stereotypes of "good" and "bad" mother and 4) the maternal "instinct" versus diversity of maternal behaviours. When it comes to identity, stereotypical representations of woman and mother coincide given the role that caring behaviors play in the definition of women and mothers (Gilligan, 1982).

The fundamental research question focused on knowing how women of different ages saw and reflected about motherhood. Thus, we were interested in analyzing the process by which ideas, beliefs and prejudices about woman identity and motherhood are socially transmitted from a patriarchal culture still in force. From another perspective, confronting ideas from women who have different experiences of motherhood, and even teenagers who have not yet been mothers is a novelty in the field and may shed new light on the feelings and representations of motherhood.

To this end we interviewed four groups of women: teenagers, 30 years old women, 50 years old and 70 years old women. The in deep interview lasted 30 minutes approximately and it was structured in three parts: identity, general view of motherhood and representation of a hypothetical future motherhood. Results showed that participants played an active role in building their conceptions of woman and motherhood. Also, in our sample, age and historical context of development produce some significant changes in visions about the role of a mother. In any case, the role of mother was well valued and, at the same time, a somewhat idealized view of motherhood was stated.

Keywords: WOMEN IDENTITY, REPRESENTATIONS OF MOTHERHOOD, DEVELOPMENTAL CHANGES (AGE RELATED CHANGES).

Are men from Mars and women from Venus? The (re)production of gender stereotypes in Portuguese online dating profiles, Cláudia Casimiro, ISCSP-ULisboa

This paper opens with a general account of the role of the internet as a matchmaker, discussing primarily the strategies employed by users when constructing their online dating Profiles. It then focuses on social representations of gender, sex roles stereotypes, and in the differences between male and female dating advertisements. The goal of the paper is to explain the gender dynamics characterizing the process of online dating self-presentation, particularly in the cultural context of Portugal. The main research question which guided the study was: to what extent do Portuguese men and women adhere to established traditional gender roles in the composition of their online dating Profiles? To gain new knowledge about the subject, sub-questions emerged: to what extent do users self-disclose and what kind of information do they show in their presentation messages? Which options do male and female daters choose for self-characterization regarding physical appearance, personality traits and socioeconomic status and social capital? What do portraits and images uploaded reveal? The paper concludes with the idea of the persistence versus change of gender stereotypes and lastly presents considerations for a future research agenda.

Keywords: Gender, stereotypes, profiles, online dating.

	<p>Gender in the studies of Mathematics, Informatics, Natural Sciences and Engineering at the University of Applied Sciences Koblenz (Germany), Yvonne Wilke, Univ. of Applied Sciences Koblenz</p> <p>The University of Applied Sciences Koblenz seeks to promote women and social equality by implementing gender aspects in the curricula, the teaching and the presentation of studies in Mathematics, Informatics, Natural Sciences and Engineering (MINT1). Research findings give evidence that young women are very much interested in MINT but in Germany the numbers of female students in these study paths is still only around 26%². Moreover, in the European Industrial Sector only 13% of the researchers are female, in Germany there are around 19%³. The gender gap in the MINT sector in Germany traces back to traditional values and traditional gender roles that reproduces social inequalities.</p> <p>By realizing gender projects in the MINT faculties we aim at establishing equal opportunities for women and men in this specific area in order to overcome social inequalities and class divisions. In addition, including Gender in the different pathways of MINT will challenge the established and male dominated MINT sector and facilitate women's access to study and working opportunities in this field. We want to achieve this target by (amongst others) offering a MINT mentoring programme for female students, increasing the number of female professors in the MINT studies and by advanced Gender training programmes for the scientific MINT staff.</p> <p>Our central question is: Why and how to implement sustainable gender strategies in the teachings and the management of MINT studies? We discuss this research question by</p>
--	--

<p>16h-17h30</p>	<p>Violências de Género Moderador Chair: Diana Maciel</p> <p>Sala 8, Piso 3 Room 8, Floor 3</p> <p>Violência contra mulheres e os desafios da igualdade de género na Guiné-Bissau, Cleunismar Silva, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas INEP</p> <p>O presente trabalho tem como objetivo analisar as causas sociais e culturais da violência contra as mulheres na Guiné-Bissau, com vista a perceber como as relações sociais e culturais teceram formas de controlo, violência, submissão e exclusão das mulheres tanto no espaço público como privado. A metodologia utilizada consistiu na análise qualitativa de discursos, práticas e percepções. Para a recolha dos dados utilizou-se a técnica de entrevistas semiestruturadas aplicadas às instituições estatais, organizações da sociedade civil. Também se recorreu à técnica de roda de diálogo com mulheres e raparigas vítimas de violência que permitiu e possibilitou o exercício de pensar compartilhado e favoreceu as condições de espontaneidade, partilha de experiência, comunicação e reflexão. O estudo apontou um conjunto de causas que desencadeiam a violência contra as mulheres na sociedade guineense. Estas causas podem ter suas origens em práticas culturais ou sociais que resultam de um sistema de organização social onde a tradição, os usos e costumes prevalecem ainda muito forte. Igualmente, de um conjunto de fatores estruturais que na ausência ou perante as fragilidades das políticas públicas de acesso aos direitos recaem com maior impacto negativo sobre as mulheres e raparigas. Os resultados obtidos permitiram concluir que: o casamento precoce e forçado, a violência doméstica, a mutilação genital feminina, a violência sexual e a permanência de relações desiguais no âmbito familiar com ausência de poder de decisão das mulheres associados ao baixo nível de escolarização das mesmas e à cultura da impunidade fortalecida pela corrupção, instabilidade política e fragilidade do sistema de justiça são as principais causas da violência contra as mulheres na Guiné-Bissau.</p> <p>Expressar a intervenção com mulheres vítimas de violência através de narrativas visuais, Raquel Felgueiras, Angélica Lima Cruz, Rita de Oliveira Braga Lopez e Maria José Magalhães, CEINAV, FPCEUP</p> <p>Esta comunicação insere-se no projeto internacional CEINAV - Cultural Encounters in Intervention Against Violence - e tem por objetivo apresentar os resultados da análise de narrativas visuais, produzidas por mulheres que experienciaram violência doméstica e também percorreram os caminhos da intervenção em Portugal.</p> <p>De uma forma inovadora, o CEINAV inclui na sua estratégia de investigação um projeto de arte participativa, que pretende dar espaço às participantes para refletirem de forma visual e simbólica sobre a intervenção de que foram alvo. Através da construção de narrativas visuais procurou-se levantar questões ao nível das emoções e sentimentos que preencheram esse processo de intervenção, assim como evidenciar os aspetos em que este não foi ao encontro das suas necessidades de proteção, segurança, reconhecimento e justiça.</p> <p>O projeto criativo foi estruturado em três fases. Numa primeira fase, procedeu-se à distribuição do "Kit Criativo", com vista à recolha de materiais visuais a serem usados na segunda fase. Esta consistiu</p>
-------------------------	--

na realização de um trabalho na modalidade de workshop. Na terceira fase, o material produzido durante as duas primeiras fases, foi submetido a uma metodologia de análise e interpretação de imagens.

Seguindo os passos sugeridos por Gillian Rose (2005), a análise e interpretação destes trabalhos permitiu-nos identificar 3 categorias chave: clausura, libertação e resignação. As narrativas visuais foram possíveis através de um processo de consciencialização e empoderamento das participantes, resultante das diferentes etapas do projeto criativo, que descreveremos também nesta comunicação. Para efeitos de garantia da confidencialidade e anonimato, em termos de apresentação, serão apenas exibidas aquelas imagens em que nenhum dado poderá identificar as autoras.

Palavras chave: narrativas visuais, violência, intervenção, mulheres.

A homofobia, uma verdade mistificadora?, António Cascais, CIC.Digital - Centro de Investigação em Comunicação, Informação e Cultura Digital

Ao transitar do campo epistemológico e semântico da psicologia para o terreno político, o termo de homofobia não só sintetizou numa única palavra uma forma de discriminação, estigmatização, perseguição e mesmo de violência simbólica e física nos seus múltiplos aspetos e dimensões, como fez uma carreira de sucesso ao tornar-se modelo para outras formas de opressão (lesbofobia, transfobia, bifobia). De forma tão expedita quanto pouco refletida, fizeram-se sobrepor inicialmente os processos de estigmatização, exclusão e discriminação homofóbica a idênticos processos respeitantes ao racismo, à xenofobia, às discriminações de género e de classe, sobretudo quando esses processos se acumulavam nos mesmos indivíduos ou grupos. A presente comunicação propõe-se provar que, a despeito disso, o carácter matricial que o termo desse modo adquiriu nunca foi produtivamente submetido a um exame crítico, nem mesmo quando emergiram conflitos entre sujeitos políticos que reivindicavam a especificidade irredutível da sua opressão particular e denunciavam o efeito unificador do termo que, conferindo um estatuto modelar à homofobia, diluía numa falsa uniformidade cada uma das demais opressões específicas e acabava por desarmar politicamente o combate contra elas. Com recurso a um uso alargado e criativo da grelha crítica da interseccionalidade, a presente comunicação visa analisar a validade do pressuposto, operativo mas não explicitado, de uma homologia de estrutura opressiva que autoriza a sobreponibilidade das formas de violência, simbólica e física, de que é objeto cada grupo oprimido, um em relação aos outros e, inclusive, à violência de género em geral e pelo qual é imputável uma estrutura heteronormativa indiferenciada e uniforme que se limita a transpor-se de um para outro grupo alvo.

Homophobic bullying in a secondary school: what is changing?, Dália Costa e Cristina Vieira, ISCSP/Uaberta/CIEG

Being a gender violence practice that the victims want to hide, homophobic bullying in schools must be better known and understood. To develop an innovative, age-appropriate and contextually rooted prevention plan to tackle it, we have used a participatory methodology based on focus groups of students (both sexes, than 13 years old and more, voluntarily participating after an invitation) facilitated by an expert on youth and sexuality.

In school context, teachers are very important in the fight against homophobia. Nevertheless, students themselves are in the best position to change violent practices and to regulate them, through social sanction regulating what can and what cannot be done, so redrawing the limits of acceptance regarding homophobia.

Results shows that bullying that occurs is using the word gay as something derogatory; it is linked to gender stereotypes; the most bullied are those boys and girls whose behavior did not conform with gender expectations.

Secondary school teachers and police officers have the notion that pupils are often the victim of homophobic bullying. In order to deal with it, they develop preventive measures – but these measures are not specific in what concerns homophobic language, homophobic behaviors from bullies, victims, stand-byers and these measures are not assessed in the impacts on pupils and teachers. In Portugal, none teacher, in primary or secondary schools have specific training on tackling homophobic bullying.

Focus groups analysis will be presented and discussed as manifestations of change in the construction of contemporary societies, specifically the change on gender norms among young people in schools, shaping the legitimate behaviors, the allowed or consented relations, the limits of visibility and invisibility and the rights and wrongs about asking for help.

Postcolonial Feminism and Intersectionality in a Comparative Analysis of Interventions in Violence Against Women and Children, Carol Hagemann-White, Maria José Magalhães, Rita de Oliveira Braga Lopez e Vera Inês Costa Silva

This study is a part of the transnational project Cultural Encounters in Interventions Against Violence (CEINAV), which is funded by HERA. This project takes a dual approach on interventions against violence across Portugal, Germany, UK and Slovenia; it provides an analysis within and between countries of both the professionals' discourses and the survivors' intervention narratives. This paper will focus on how the feminist movements in the above-mentioned countries has shaped policies and practices of interventions against domestic violence and child abuse and neglect. As previous studies suggested (Htun and Weldon, 2012), our data shows that countries where feminist and women's movements are stronger (Germany and UK), also have more developed and effective policies aimed at combating violence against women (VAW). Feminist and women's movements have been crucial in bringing VAW to the international political agenda (visible, for example in WHO, United Nations' and EU policies). Moreover, these movements have also contributed to the development of mainstream discourses and policies supporting women's rights and the eradication of VAW (Walby, Towers & Francis, 2014). However, our study also shows that neoliberalist policies have been increasingly limiting the breadth of the intervention against VAW by focusing on notions of risk and viewing victims as individuals disconnected from their social and cultural contexts. In fact, these neoliberal policies of intervention do not take into account the power dynamics of gender, class, race, ethnicity, and sexual orientation (to name a few), which are crucial to understand and eradicate violence against women and children. Our analysis of the interventions across the four countries is based on feminist postcolonial theory (Spivak, 1988, 2006; Collins, 2001; Crenshaw, 2001) and listens to the voices of women and children from cultural minorities (Magalhães, Hagemann-White, Lopez and Silva, (2015).

Key-words: post-colonial feminisms, violence against women and children, state policies

Sexta-feira, 27 de Maio | Friday, May 27th

Linha de Investigação 1 | Research Line 1

Género, feminismos e estudos sobre as mulheres | Gender, feminisms and women studies

9h30-11h	História das Ideias e das Teorias Feministas Moderador Chair: Manuela Tavares
	Sala 2, Piso 2 Room 2, Floor 2
	A Idade Média: tempo privilegiado de memória feminina , Cláudia Brochado, Univ. de Brasília <p>Os chamados women's studies têm dado grande contribuição à produção do conhecimento nas últimas décadas e desses estudos partiram importantes reflexões que passaram a questionar a forma de organização dos estudos históricos, filosóficos, sociológicos, etc. Questionou-se paradigmas, introduziu-se novos conceitos, noções e categorias de análise que fizessem possível pensar as novas questões trazidas por esse campo de estudos. Parte desses trabalhos se dedicou a apontar o problema da invisibilidade feminina na história, associando-o às relações de poder definidas por uma cultura patriarcal, pouco receptiva à expressão feminina nos seus mais diversos âmbitos. No entanto, superado esse esforço inicial de revelar um problema central, buscou-se observar as mulheres como sujeitos de memória e, para tanto, o acesso aos registros de mulheres do passado mostrou-se fundamental. No que diz respeito à Idade Média, foi possível constatar não só uma expressiva quantidade de registros escritos femininos, mas de estar presente em muitos deles uma crítica à política sexual do período, como pode ser constatado nos textos femininos inscritos na chamada querelle des femmes, como os de Isabel de Villena ou Christine de Pizan. Nesta comunicação queremos observar as condições que permitiram uma forte expressão da palavra feminina nesse período, revelando ser a Idade Média um tempo privilegiado para a constituição dessa memória.</p> As implicações da sororidade e da transgressão como princípios metodológicos de pesquisa , Edla Eggert, CNPq <p>A realização de pesquisas que evidenciam o trabalho de fazer artesanato por mulheres, provoca-nos a pensar modos de fazer pesquisa. Propostas metodológicas instigadas por estudos feministas nos liberam a fazer ensaios tanto na aproximação aos estudos empíricos e feitura de textos. É com uma bagagem que recolhe experiências de pesquisa do trabalho artesanal de mulheres e dos estudos que evidenciam conceitos da sororidade e da transgressão, que buscamos alguns fios e recortes de pesquisas realizadas no âmbito da produção do artesanato brasileiro. Pretendemos analisar os aspectos que podem ser criativos na produção acadêmica e na produção do artesanato. A sororidade e a transgressão têm para nós a compreensão do pacto político na busca de metodologias que vislumbram a criação, a resistência e a transformação dos fazeres acadêmicos junto as pesquisas de campo. A crítica a academia que tem nos enrijecido por meio das múltiplas burocracias nos encaminha para transgressões que temos chamado de Instalações Científico-Artesanais – ICA onde artesãs acadêmicas se confundem com artesãs costureiras, ceramistas, tecelãs, entre outras. Analisamos os encontros que temos produzido ao longo de 4 anos onde o fazer artesanal se faz presente no ato rebelde da produção conhecimento. E esperamos poder partilhar com outras investigadoras o espírito da rebeldia do ato criativo artesanal.</p> Constituição do discurso pornográfico feminista , Luana Souza, PARIS XIII/UNICAMP <p>A participação das mulheres na produção de filmes pornográficos, a partir dos anos 1970, implicou a formação do sujeito político mulher (pornográfica) feminista à constituição de um lugar de enunciação das mulheres para as mulheres no discurso e na história da pornografia. A discursivização da pornografia feminista produz elementos que a permite significá-la como um projeto político. E, por tal, possui como proposta construir um novo modo de dizer a pornografia, ressignificando o dispositivo pornográfico, por meio da desconstrução e do rompimento com a pornografia mainstream, desestabilizando a centralidade do gozo, do prazer, do desejo do homem, em prol do protagonismo das mulheres nessas esferas. O projeto pornográfico feminista é tido ainda como resposta à posição feminista antipornografia na qual se reivindica a interdição dos materiais</p>

	<p>pornográficos uma vez que a ação da pornografia é de conferir uma identidade sexual degradante às mulheres. A partir do lugar teóricometodológico da Análise do Discurso materialista, proponho, com este trabalho, uma análise da constituição do discurso pornográfico feminista para observar as especificidades de seus processos discursivos, bem como as relações de força com os discursos pornográfico mainstream e antipornográfico. Para tanto, analiso os manifestos pornôfeministas, sites e blogs das cineastas, bem como reportagens que circularam na internet. A análise de certas regularidades no discurso pornográfico feminista sustenta a formação de um espaço de enunciação das mulheres que funciona como práticas de resistência e denuncia, por meio das quais os novos modos de dizer a pornografia dão lugar à ruptura com os sentidos dominantes e a interdição histórica das mulheres na produção pornográfica é tensionada.</p> <p>PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Pornografia feminista. Mulheres.</p>
--	--

<p>9h30-11h</p>	<p>New practices of research and new subjects Moderador Chair: Maria do Mar Pereira</p> <p>Sala 4, Piso 2 Room 4, Floor 2</p> <p>Intra-action, agency and dementia: New feminist materialisms challenging biomedical understandings of Alzheimer’s disease, Ann Lotherinton, Univ. of Tromsø, The Arctic Univ. of Norway</p> <p>In the morning of 20th May 2014 Sandy Bem, a former Cornell psychology professor dies. Carefully she chose the day and methods, and did it herself. She was 70 years old and had Alzheimer’s disease. The decision was made when she was diagnosed five years earlier. She had calculated her prospects and decided to take her own life before the disease took it from her. This story stands out as an extreme result of being diagnosed with dementia. However, the thought is not uncommon for people who meet a paternalistic biomedical health- and care apparatus that sees and communicates the disease as a monster eating its way into the brain and eventually leaves the person completely cognitively impaired – as a vegetable.</p> <p>In this paper I will present an encounter between New Feminist Materialism, i.a. Karen Barad’s ‘agential realism’, and dementia. The purpose is to explore how radically different ways of thinking and reasoning potentially may have far-reaching consequences in practice. Feminist materialist thinkers, such as Barad, Haraway, Hekman, Hemings, Alaimo, van der Tuin, have challenged our way of thinking about the world, the relationships between human and non-human agents, nature-culture, language and reality etc. Some have also applied these new theoretical lenses to concrete practices (e.g. indigenous studies, environmentalism, disability studies), yet few have explored the possibilities an embodied, material intra-action approach may have on our way of thinking about the prospects in life for persons living with a disease like dementia, and consequently relating to it. My aim is to do this and reconceptualise dementia with feminist materialist theory. This will not demolish the effects of the disease but demand another way of thinking ethically and preforming practice, and potentially make life with dementia worth living.</p> <p>Messy’ knowledge: Insider/outsider practices of reciprocity in gender and tourism research, Fiona Bakas, Univ. de Aveiro</p> <p>Addressing the theme of reflexivity within feminist epistemology, this paper examines the dynamics of reciprocity and positionality in research through an intriguing first-hand account of a dual insider/outsider tourism researcher’s experience. Reciprocity is based on the belief that researchers should continuously review their position of power in the production of knowledge and relies on both the researcher and participants negotiating complex social situations. Social reproduction, also known as the feminized side of the economy and defined as the “fleshy, messy, indeterminate stuff of everyday life” (Katz, 2001, p. 711), is itself ‘messy’ to investigate, especially within a patriarchal context where the mere mention of ‘feminism’ evokes negative responses.</p> <p>This paper draws on six months of ethnographic fieldwork spent in two ethnographic sites in Greece, Crete and Zagori. Both sites are known for their handicrafts and tourism development, and the researcher engaged with ten participants (male and female) in each ethnographic site, visiting them at least on a weekly basis for a couple of hours or more. Participants were all handicraft makers who sold their items mainly to tourists.</p> <p>In my quest to co-create knowledge with participants, the significance of two issues in researching gender in a patriarchal context, became apparent. The first issue was explaining the research in terms acceptable to participants, which was intensified by my insider-outsider status as a Greek with Nordic appearance, and also how to conduct myself in a way appropriate to the context I was in. The second issue relates to feminist methodology’s aim not to be exploitative, which was manifested in an intense desire to reciprocate the help participants were giving me in completing the research.</p>
------------------------	---

	<p>Indeed, Stacey (1988) points out how feminist ethnographic research can expose research participants to an even greater risk of exploitation by the researcher than positivist methods. The researcher's feelings of guilt at having 'used' participants for her personal gain were faced through actions of reciprocity, are also analysed.</p> <p>Whilst each research situation is different, it is important to continue reflecting on and writing about these issues, both because reflexivity is a tenet of feminist research and also because discussion about ethical dilemmas can lead to fresh insights on how to address these challenges (Huisman, 2008). Exploring the ways in which a dual insider-outsider identity influences research topic representation and how reciprocity influences knowledge production, this paper addresses the messier realities and dilemmas of tourism and gender fieldwork.</p>
--	--

<p>16h-17h30</p>	<p>Feminist “waves”, Activism and Gender Inequality Moderador Chair: Maria do Mar Pereira</p> <p>Sala 2, Piso 2 Room 2, Floor 2</p> <p>Feminist activities in the Czech Republic: Beyond academism versus activism, Blanka Nyklová, Czech Academy of Sciences</p> <p>Do third wave feminisms necessarily exclude or reject the second wave feminism? In the presentation, I will try to show that it is not the case. I will concentrate on the second wave feminism in Turkey and claim that the second wave can be understood by certain methodological contributions of the third wave feminism. This approach is an effort to rethink the period with a conceptualisation of performative resignification in Butlerian terms.</p> <p>In this effort, the question of “how the category of woman in a particular feminist context transformed the political arena in the late 1980s in Turkey” is tried to be explored. Based on nineteen interviews with the active participant circles of Feminist and Kaktüs, which are the most significant feminist circles of the period, the contribution of third wave feminism will be used to answer this question with two significant dimensions.</p> <p>Firstly, I will claim that using the category of woman by the second wave in Turkey, in other words, resignification of the term, emerged as a questioning of the normative womanhood in the leftist discourse prior to 1980s. Followingly, I will discuss how the term “woman” is subversively resignified with a valued set of meanings through reiterations in the case of consciousness raising groups.</p> <p>In parallel to the resignification process of the term “woman”, I will secondly claim that this process simultaneously emerged as a deformation in the normative ways of doing politics. To be able show it, I will focus on some performative transformations related with the time of the revolution, the idea of emancipation of the working class and the position of the knowledge for doing politics. By doing so, I will point to the relation between the resignification process and performative politics of the period.</p>
-------------------------	---

Linha de Investigação 2 | Research Line 2

Políticas, instituições e cidadania | Policies, institutions and citizenship

<p>9h30-11h</p>	<p>Gender and the State: Critical perspectives on law and public policies Moderador Chair: Paula Campos Pinto</p> <p>Sala 5, Piso 2 Room 5, Floor 2</p> <p>X marks the spot: Expanding gender options in passports and other travel documents”, Christine Quinan and Marjolein van den Brink, Utrecht Univ.</p> <p>Sex is one of the few identity markers systematically registered by nation-states and non-state actors. While registration is almost always based on a binary system (male (M) or female (F)), both administrative registration practices and biological and legal understandings of sex as binary are currently subject to debate. In many contexts, LGBTI organizations have initiated this debate, often drawing upon human rights standards, including the unofficial Yogyakarta Principles. However, no country has yet decided to abolish sex registration as such, instead introducing partial modifications, such as the possibility to change one's legal sex without physical changes or without expert declarations. In some nations, the options M and F have been extended to include other possibilities</p>
------------------------	---

	<p>on legal and travel documents (e.g., X, third gender, intersex, nonspecific), and in others, the necessity to decide on the sex of intersex babies has been lifted, either temporarily or indefinitely. These institutional and structural changes are often initiated with reference to human, constitutional, and/or fundamental rights and freedoms. With a particular focus on the X (or any other third option) in passports, this paper will explore how these sorts of changes affect people (regardless of gender) in terms of human rights, particularly when traveling and crossing international borders. Attention will also be paid to how this translation of abstract human rights norms affects (experienced) wellbeing.</p> <p>Antifeminism in the United States: Phyllis Schlafly against the constitutional equality between the sexes, Sandra Dufour, Univ. of Burgundy</p> <p>When one is studying the issue of the rights of women, it is also crucial to examine the movement against it. In the United States, one woman has been particularly active in her fight against the second wave feminists: Phyllis Schlafly and her crusade against the ratification of the Equal Rights Amendment (ERA) over the 1970s.</p> <p>Although this woman managed to reconcile family life and her career, she advocated women not to do the same. She is the author of twenty-one books, she has six children, was a candidate at the House of Representatives in Illinois in 1970.</p> <p>Phyllis Schlafly has paradoxically constituted the main opponent to the second wave feminists and to National Organization for Women (N.O.W) in particular. She was partly responsible for the failure of the ERA in 1982.</p> <p>Proposed for the first time in 1920, after the right to vote for women, and finally voted by Congress in 1972, it should have been ratified by three-fourth of the states to become an amendment (38 states).</p> <p>For N.O.W, the battle was easy, especially as Americans in the polls had expressed their will to vote for it. However, Phyllis Schlafly endeavored to make it fail, firstly by creating the organization “Stop ERA” in 1972. According to her, it would force women to go to work, to engage into the army, it would open marriage to homosexuals and even impose the desegregation of public restrooms.</p> <p>This woman’s strategy consisted in drifting the attention of the debate on questions that newspapers would love, emphasizing the disagreements between women and feminists themselves. Over the 1970s, real “catfights” (between feminists and their opponents and also between feminists themselves) would be covered by the media, contributing to discredit the movement and make the ERA fail.</p> <p>According to this author: « The catfight has become the dominant newspeg about the progress of the women’s movement and the competition to ratify the ERA was cast as the catfight par excellence ».</p> <p>This paper will tackle the content of the debate, show also how this woman, with her commitment in the opposite side, managed to bury a major amendment in the crusade for the rights of women in the United States.</p> <p>Welfare States, global crisis and family policies. The cases of Spain and Norway, Elizalde San Miguel, Begoña, Díaz Gandasegui, Vicente, Díaz Gorfinkiel, Magdalena, Univ. Carlos III de Madrid</p> <p>This paper examines the policies and resources regarding the care of children under three years of age in two European countries that represent two different models of the Welfare State, on the one hand Spain, framed in the Mediterranean or familist model and, on the other hand, Norway, representing the Scandinavian model. The care of children under three years is a matter of particular relevance since it directly influences worklife balance strategies and also gender and social equality. These aspects are analysed using the most relevant theories about the principles and motivations of these Welfare State models. We also examine the existing resources in both countries and the challenges that must be faced as a result of the social transformations occurring in recent decades and, specifically, the modifications in family policies and resources during the current financial crisis.</p>
<p>9h30-11h</p>	<p>Desafios para a igualdade de género na educação Moderador Chair: Helena Pereira de Melo</p> <hr/> <p>Sala 6, Piso 2 Room 6, Floor 2</p> <p>Desafios para a equidade de género na educação brasileira: A formação docente, Sandra Unbehau, Depto. de Pesquisas Educacionais - Fundação Carlos Chagas</p> <p>Até três décadas atrás, o gênero não era visto como prioridade pelo sistema educacional brasileiro e, portanto, só veio a tomar vigor como problema de pesquisa na educação ao final da década de 1990.</p>

Fúlvia Rosemberg¹ (2001), em um balanço daquele período sobre a educação formal, mulher e gênero, avaliou que a produção científica pouco havia contribuído até aquele momento para a compreensão dos dilemas da educação brasileira, e mesmo a produção feminista subaproveitara as pesquisas em educação. Nesta comunicação pretende-se apresentar um recorte de estudo mais amplo que procurou obter uma compreensão dos aspectos envolvidos na inclusão das questões de gênero na formação de professores, especificamente em cursos de pedagogia oferecidos por universidades públicas brasileiras. Por meio de entrevistas, um total de onze docentes-pesquisadoras/es participaram deste estudo, três deles eram homens, ligados a universidades públicas, onde ensinam na pós-graduação e em cursos de graduação; elas e eles também eram líderes e colíderes de grupos de pesquisa, em programas em que o gênero é um dos principais temas de interesse. O enfoque trata de uma das evidências obtidas: tem havido avanços na introdução de gênero na formação de professores, com este tema recebendo uma abordagem transversal em disciplinas regulares, bem como na proposição de disciplinas eletivas ou opcionais e cursos de formação continuada. Nota-se, no entanto, a falta de acordo em estabelecer o conteúdo de gênero como uma disciplina obrigatória nos currículos de formação inicial. Este aspecto sinaliza um desafio conceitual e político para o campo de pesquisa, bem como para as políticas educacionais no que se refere à inserção das questões de gênero na educação.

A Condição Feminina no Brasil: pesquisa e intervenção com estudantes do Ensino Médio do IFRJ, Sílvia Maior e Mariana Mello Souto Maior, IFRJ

No Brasil, somente com a Constituição Federal de 1988 a igualdade entre homens e mulheres se consagrou como um direito fundamental. Ao longo do século XX as mulheres conquistaram graus crescentes de educação em todos os níveis de ensino, aumentaram as taxas de participação no mercado de trabalho, mas ainda estão pouco representadas em posições tipicamente bem remuneradas e possuem mais dificuldades para alcançar cargos de chefia; sofrem discriminação salarial, além da dupla jornada de trabalho; ainda são vítimas de discriminações, preconceitos e violência física e simbólica; possuem baixíssima representação na política apesar de serem a maioria da população e do eleitorado.

A violência contra a mulher possui números alarmantes na sociedade brasileira. Em 2012 foram notificados 50.617 casos de estupro, mas estima-se que haja, no mínimo 527 mil tentativas ou casos de estupros consumados no país por ano, dos quais apenas 10% são reportados à polícia. O índice de feminicídios aumentou 17,2% na última década com o registro médio de 5 mil mortes por ano.

A partir da reflexão sobre a desigualdade de gênero e a condição de subalternização experimentada pelas mulheres na sociedade brasileira que se reproduz nas distintas instituições sociais, entre elas a escola, este trabalho tem como objetivo a problematização do papel da escola na promoção da igualdade de gênero tendo como referência a experiência da equipe de professores de Sociologia do Instituto Federal do Rio de Janeiro (campus São Gonçalo e campus Maracanã). Com uma proposta de debate e intervenção na realidade cotidiana vivenciada por estudantes do Ensino Médio a pesquisa analisou a percepção da comunidade escolar sobre questões relacionadas a gênero e mostrou como a sociedade patriarcal reflete o cotidiano escolar e revela barreiras sociais que dificultam a sua desconstrução, tornando mister uma educação pela igualdade entre os gêneros no Brasil.

O enfrentamento a violência contra mulheres – Universidade e redes, Rita Freitas e Nívia Valença Barros, Univ. Federal Fluminense

Esse artigo busca refletir acerca da rede de enfrentamento à violência contra mulheres, tendo como locus de pesquisa o município de Niterói - Rio de Janeiro - Brasil. Nosso olhar, neste trabalho, se volta para a análise do processo de revitalização da rede de enfrentamento a violência contra mulheres na cidade de Niterói, traçando como se processa a participação de seus atores, os objetivos delineados e as formas de implementação. O Projeto que fundamenta este estudo (Programa UFF Mulher) tem, em sua história, focalizado a violência contra a mulher e também busca apresentar como o enfrentamento a estas violências estão implicadas a luta e organização das mulheres. Partindo da noção de uma ecologia dos saberes, no sentido descrito por Boaventura Santos, considera-se que a universidade tem importante papel a contribuir no estabelecimento de relações mais horizontais com a comunidade mais ampla. Concernente com nossa preocupação de articular pesquisa e extensão. Entende-se que a complexidade dos processos de violência contra as mulheres, só pode ser compreendida a partir de uma prática e atuações interdisciplinares, interseccionais e intersetoriais. A participação da Universidade Federal Fluminense nesses caminhos, a partir das ações do Programa UFF Mulher – que envolve práticas extensionistas e de pesquisa, reiteram a importância da troca de saberes. O enfrentamento a violência contra a mulher envolve o diálogo e o trabalho conjunto entre diversas áreas de saberes, com intercâmbio de conhecimento e a construção de resultados integrados. Busca-se assim estabelecer a presença de canais de comunicação e interação entre a

	sociedade e as instituições envolvidas; assim como a abertura para a participação e controle social das políticas e programas, conforme é preconizado pela Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres. Pensar em um sistema de políticas para mulheres significa pensar em aprimorar formas de implementação, monitoramento e avaliação de políticas. Neste sentido, esse artigo visa contribuir para este debate, a partir do lugar que ocupamos: a universidade.
--	--

9h30-11h	<p>Igualdade, Direito e direitos Moderador Chair: Carla Martins</p> <p>Sala 7, Piso 2 Room 7, Floor 2</p>
	<p>Derechos humanos, igualdad y equidad. Debates en torno al empoderamiento de la mujer, Helena Varela, Univ. Iberoamericana</p> <p>A partir del análisis multidimensional de la vulnerabilidad de las mujeres, se abordarán los principales debates en torno a cómo mejorar su situación en América Latina. Ello se hará desde una perspectiva crítica, planteando que no se trata de abrir más espacios a las mujeres, sino de modificar el concepto mismo de poder. Se analizará la <i>kiriarkía</i> como una forma de mantener relaciones sociales basadas en la dominación y la subordinación desde la figura del “dominus” (señor).</p> <p>La revisión de las experiencias exitosas será el punto de partida para valorar críticamente los avances logrados por las mujeres. El objetivo es analizar hasta qué punto, mientras se mantengan estructuras de poder patriarcales, los espacios conquistados por las mujeres no dejan de ser un espejismo, que en realidad no permiten eliminar las condiciones de riesgo y vulnerabilidad en que se encuentran. Ello se hará a partir del debate en torno al concepto de poder, con el fin de identificar los cambios que se tendrían que dar para poder hablar de derechos humanos con perspectiva de género.</p> <p>Julgamentos da Justiça das Quotas Baseadas no Sexo e do Mérito das/os Beneficiárias/os, Helena Santos, ISCTE-IUL/CIS-IUL</p> <p>Em 1999, a proposta da Lei das Quotas, medida que procurava combater as desigualdades de género existentes na política portuguesa, gerou fortes controvérsias sociais, contrapondo-se, em geral, o acesso pelo mérito individual ao acesso pelas quotas. Na altura, procurámos perceber os processos subjacentes a estas controvérsias, através da realização de uma investigação (Santos, 2004; Santos & Amâncio, 2010; Santos, Amâncio, & Alves, 2013), recorrendo aos modelos da justiça e da assimetria simbólica de género. Verificámos que i) embora não houvesse um consenso, o perfil de competências de um/a deputado/a reuniu quase exclusivamente traços de personalidade e mais associados ao estereótipo masculino; ii) a opinião das/os participantes face às quotas parece depender do grupo-alvo, tendo-se revelado mais favoráveis às quotas dirigidas às regiões subdesenvolvidas e às pessoas com deficiências do que às quotas dirigidas às mulheres e às minorias étnicas; iii) o mérito dos/as candidatos/as beneficiários/as das quotas eleitorais foi percebido como normativo (sobretudo no caso dos participantes, que o valorizaram em abstrato), mas também genderizado (sobretudo no caso das participantes, influenciadas pelo género), assim como a justiça das quotas, percebidas como mais justas pelas participantes do que pelos participantes, mas sobretudo quando dirigidas a homens. Agora, que já passou mais de uma década desde que as quotas foram propostas, e que já foi aprovada a “Lei da Paridade” (Lei Orgânica nº 3/2006), realizámos um estudo experimental com estudantes universitárias/os no sentido de aprofundar o conhecimento sobre estas duas questões - a perceção de justiça das quotas eleitorais dirigidas a homens e a mulheres e a avaliação do mérito das/os candidatas/os selecionadas/os através das quotas, em situação de igualdade de competências - e confirmar se há uma genderização da justiça das quotas e do mérito das/os beneficiárias/os. Nesta comunicação serão apresentados e discutidos os resultados deste estudo, assim como as suas implicações.</p> <p>Travestis e transexuais: o Direito e as expressões de género, Larissa Freitas</p> <p>O presente trabalho propõe uma discussão sobre a defesa dos direitos da população travesti e transexual, evidenciando a importância do envolvimento urgente do Direito, pois há questões obrigatoriamente implicadas no universo jurídico (normativo), mas constantemente por ele ignoradas.</p> <p>O Direito Brasileiro vem avançando a passos lentos nos assuntos relacionados às questões de género e sexualidade. É nesse contexto que, o Projeto de Lei João Nery (PL 5002/2013) que versa sobre identidade de género e visa o reconhecimento da necessidade de intervenção do Estado nesse tema, vem enfrentando enorme dificuldade para ser discutido com a seriedade que merece no Congresso Nacional - o mais conservador desde 1964. As dificuldades impostas por setores conservadores da</p>

	<p>política e da sociedade acabam afetando de forma muito negativa a proteção que essa parcela da população merece. A falta de garantia de direitos básicos demonstra o preconceito e a exclusão, que age em total oposição à efetividade de importantes princípios constitucionais, tais como: a dignidade da pessoa humana, a igualdade entre gêneros e a solidariedade social.</p> <p>Este cenário de desrespeito e marginalização somado à omissão do Estado contribui para a criação um sistema de rede de sobrevivência ou de reclusão desta minoria.</p> <p>É fato que a população travesti e transexual vem sendo considerada ‘sub-humana’, não sendo merecedora dos direitos básicos de todo cidadão, mesmo que as estatísticas demonstrem a gritante necessidade de proteção dessa parcela da sociedade, já que possuem expectativa de vida baixíssima, assim como baixo grau de escolaridade, além de serem considerados portadores de patologias de acordo com o CID - a Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. Observamos, portanto, a urgência na atuação do Direito para a efetiva garantia dos direitos fundamentais da população travesti e transexual.</p> <p>Discriminação (i)legal no exercício de parentalidade das mulheres - solteiras e casadas ou em união de facto com outras mulheres, Luísa Rego, CIES-IUL</p> <p>Proposta baseia-se na investigação de um projeto de tese de doutoramento sobre “Práticas e representações de editores de jornais na visibilidade das minorias de género e sexuais” tendo como análise de caso as questões da parentalidade em Portugal.</p> <p>O período de observação centra-se em 2012-2015, quando são apresentadas as propostas de lei de adoção por casais do mesmo sexo e sobre procriação medicamente assistida (PMA). Entre janeiro de 2012 e janeiro de 2015 diversos projetos de lei foram sendo votados no parlamento português, tendo em vista eliminar discriminações que persistem na lei relativamente a casais de pessoas do mesmo sexo e a mulheres solteiras.</p> <p>A última barreira legal que persiste (Dezembro 2015) continua a ser aquela que reporta às técnicas de procriação medicamente assistida, interditas a mulheres solteiras e a casais de lésbicas; isto, apesar da lei do casamento entre pessoas do mesmo sexo ter ‘normalizado’ o estatuto das mulheres lésbicas (2010) e de o artigo 13º da Constituição da República Portuguesa declarar expressamente o Princípio da Igualdade, considerando todas as pessoas com a mesma dignidade social, “sem qualquer privilégio ou prejuízo” nomeadamente em função do sexo, condição social ou orientação sexual.</p> <p>Uma maioria parlamentar de esquerda, saída das eleições legislativas de 4 de Outubro de 2015, reintroduz na agenda parlamentar a questão da Adoção, Co-adoção e Apadrinhamento Civil por casais do mesmo sexo, fazendo aprovar os projetos de lei apresentados pelo BE, PS, PEV e PAN nesta matéria, a 20 de Novembro de 2015, na Assembleia da República. Todavia, os diplomas propostos pelos mesmos partidos sobre PMA e que neste âmbito eliminariam a persistente discriminação sobre mulheres solteiras e casais de lésbicas, acabam por não ser submetidas a votação e baixam à comissão da especialidade, a 27 de Novembro de 2015, ante a perspectiva de oposição do Partido Comunista Português. A concretizar-se esta mudança seria derrubar um dos últimos redutos legais do sistema patriarcal, na sociedade portuguesa, quando pressupõe que uma mulher só pode procriar com um homem como marido. As mulheres, os seus corpos, têm de ser tuteladas por um homem?</p>
--	---

<p>16h-17h30</p>	<p>Political rights and participation Moderador Chair: Paula Campos Pinto</p> <p>Sala 5, Piso 2 Room 5, Floor 2</p> <p>Political Online-Participation among Gender – Men’s and Women’s Lack for Motivation?, Sabrina Schoettle, Heinrich-Heine-Univ. Duesseldorf</p> <p>If the internet has paved the way for low cost and low-threshold participation in politics and social decision-making processes, then why are there still differences in online-participation between women and men? Focusing on participants, the theoretical model presented in this paper gives an explanation for the gaps in political participation among gender in institutionalized and subsequently in new forms of politics such as online-participation. It is examined, which explanatory factors of the classic sociological participation theories such as the SES-explanatory model by Brady et al. (1994) can be applied to online-participation. Hypotheses regarding online-participation will be formed based on the theoretical models explaining traditional forms of participation and gender gaps. The developed hypotheses will be examined empirically: possible reasons for existing differences between women and men will be considered; cause-effect relationships will be concluded from data of online-participation-processes in Germany, North Rhine-Westphalia, starting in December 2015. In</p>
-------------------------	---

Germany, the awareness of gender inequalities in political participation is less present and usually does not play a role in politics and public administration. Solidified masculine political structures are still dominating recent politics and policies. These structures shape political behavior: Women were prevented from engaging in politics because they were partially systematically excluded. Unequal participation among gender can lead to social inequality: If one is not politically active, one's interests find no expression in the political decision-making process. De facto, political decisions are not legitimate unless the demographic profile is sufficiently representative of all political views and genders. So far, aspects of social- and gender inequality have not been investigated meticulously enough. Results of this research could be seminal for future online tools. They could be created to enable participation of those otherwise excluded.

“Pink quotas” as solution of gender balance in the Italian political system. That’s enough?, Fatima Farina and Domenico Carbone, Univ. of Urbino Carlo Bo, DESP

The paper faces the theme of women political representation in local institutions, related to the issue of so called "pink quotas", indicating gender quotas, transversely used current expression, not often questioned. Quotas are the quantitative tool, by definition, of balancing gender composition, around which favour of and against take sides without necessarily going back to the causes of inequality and of the consolidation of the definable, by chromatic pendant, 'light blue quotas'. These last do not split between favour of and against, simply exist. In the face of a need to intervene with female quotas, this assumption, de facto, weakens the affirmation of the right to an equitable representation, due to the dependency on the derived colouring of a reserve.

So, regulatory mechanisms of (male) homosociality are not call into question, becoming the parameter of female participation itself. There is a distorting effect at cultural level and implementation, here considered as overlapping opportunities in full political participation of women, also analyzed through the results of a survey on a national sample of 540 females municipal councilors. Analyzes are based on the survey results relative to gender equality in political careers and to importance attributed to gender quotas. Starting from the protagonists of a significant portion of Italian political life point of view, the final goal is to understand their perception of equal opportunities and quotas, as representing an effective response to gender inequalities in this important participatory and social field. The paper shows that where such opportunities are more extensive and widespread, due to context or personal characteristics, gender quotas take on lesser importance. On the opposite, where this is missing, gender quotas are perceived as indispensable. What emerges is a picture far from obvious: the amount of the representation does not necessarily move into a gendered quality and equality.

Universities Supporting Victims of Sexual Violence, Jokin Carballo, Marta Luxan Serrano e Mila Amurrio Velez, Univ. of the Basque Country UPV/EHU

Young women, and students specifically, are particularly at risk of gendered and sexual violence. Furthermore, in Spain and other European countries students are an under-served population in terms of support services. There has been recent media and policy interest in sexual harassment and violence among university populations and the lack of institutional action on the issue. A lack of clear institutional procedures, care pathways and appropriate support can produce secondary victimisation amongst students who experience sexual or gendered violence, and there is also an international consensus that effective victim identification, care and support programmes can contribute towards reducing violence.

USVSV (Universities Supporting Victims of Sexual Violence) is a two-year intervention and research program started in March 2016 and financed by European Commission's Rights, Equality and Citizenship programme. The main goal of the program is to develop useful training resources that can have a positive impact in the University space in order to prevent and properly address sexual violence, by training 'first responders' on how to recognise sexual violence victims and support them after disclosure, ensuring that they are treated with respect, dignity, sensitivity to their specific needs, and have access to criminal justice avenues if they wish. It will also audit university care pathways to ensure that students are protected from repeat victimisation and secondary victimisation. .

The training model implemented aims to be sustainable by embedding it in the very structures of the universities involved (seven partners and six more associate partners from five EU countries). In order to do so, a previous research of the existing protocols in the several locations of the project is to be conducted. This paper will draw on the preliminary conclusions of this research and the initial outlines of the training model.

Género, políticas públicas e cidadania

<p>16h-17h30</p>	<p>Moderador Chair: Helena Pereira de Melo</p> <p>Sala 6, Piso 2 Room 6, Floor 2</p> <p>A assistência prestada às mulheres em situação de violência na Atenção Básica no Brasil, Cíntia Teixeira e Luciana Kind do Nascimento</p> <p>Esta pesquisa enfoca práticas de saúde e seus efeitos no cotidiano da assistência prestada às mulheres em um serviço de atenção primária à Saúde, do município de Belo Horizonte, no Brasil. A tríade saúde, pobreza e violência é estudada para avaliar como as políticas públicas são construídas e como os profissionais da saúde manejam suas práticas cotidianas. A metodologia se orienta na perspectiva etnográfica, com combinações de estratégias qualitativas de coleta e análise de dados, a saber: diário de campo; entrevistas semiestruturadas; análise documental; sessões de devolução dos dados; observações participantes e Análise do Discurso Textualmente Orientada. Dentre os principais resultados do estudo, destacam-se três pontos. O primeiro é a dificuldade de inserir na rotina de todos os profissionais da assistência à saúde as diretrizes nacionais que norteiam o trabalho de uma equipe da atenção primária. O segundo ponto refere-se à incorporação reducionista do conceito de gênero nas políticas de Atenção Integral à Saúde da Mulher, que ainda cristaliza a mulher como reprodutora e cuidadora da família. O que observamos é o uso superficial do conceito de gênero, sem a interface com as questões de classe, raça, geração, dentre outras, e igualmente a falta de articulação das políticas de saúde para a questão. O terceiro ponto refere-se a poucas ações de prevenção e promoção de saúde que tomem a temática da violência contra a mulher como tema transversal nas práticas da assistência. O estudo sinaliza a reflexão a respeito de como as práticas de saúde na atenção primária no Brasil ainda precisam aprimorar-se a fim de considerar a violência contra a mulher também como um problema de saúde pública, sobretudo devido às características de desigualdades de gênero dos países Latino-americanos. A pesquisa é desenvolvida por doutoranda da PUC Minas e conta com o apoio do CAPES.</p> <p>Los riesgos psicosociales y su impacto en el trabajo de las mujeres, Carmen Grau Pineda, Univ. de Las Palmas De Gran Canarias</p> <p>El derecho del trabajador a una protección eficaz en materia de seguridad y salud en el trabajo se corresponde con el correlativo deber del empresario de protección de los trabajadores frente a los riesgos laborales. Se trata de un deber genérico, permanente y personalísimo de éste que abarca todos los aspectos relacionados con el trabajo que puedan afectar a la salud de los trabajadores y que exige adaptar las medidas de prevención a las cambiantes circunstancias de la realización del trabajo.</p> <p>La situación de los trabajadores en materia de seguridad y salud en el trabajo se ve afectada por un buen número de factores como la cambiante estructura demográfica, la incorporación de las nuevas tecnologías y la pérdida de importancia de los sectores económicos tradicionales. Como consecuencia de todo ello, se están produciendo cambios constantes tanto en el número de puestos de trabajo de cada sector como en el tipo de trabajo disponible o en el perfil de género o edad de los trabajadores debido a la incorporación de las mujeres al mercado de trabajo y a la mayor longitud de las trayectorias profesionales, respectivamente. Y desde la perspectiva de la salud y la seguridad, es importante identificar los cambios en curso para lo que es del todo preciso aplicar un planteamiento integral y a largo plazo.</p> <p>En el contexto descrito, interesa destacar que para una efectiva implementación de las medidas de prevención, uno de los retos a los que se enfrenta el tratamiento jurídico-laboral de los riesgos psicosociales en general, es la perspectiva de género que viene exigida por la aplicación del principio de igualdad de oportunidades. Efectivamente, la protección de la salud de los trabajadores no puede articularse de la misma forma para el componente femenino que para el masculino. Como es obvio, a consecuencia de las diferencias de género, los riesgos y peligros a los que están expuestos hombres y mujeres difieren significativamente. Por ello, para aplicar medidas preventivas que no dejen en situación de inferioridad a la mujer trabajadora respecto del hombre trabajador y resulten realmente efectivas hay que tener en cuenta que las mujeres se encuentran, en el desarrollo de su actividad laboral, en circunstancias diferentes a los hombres.</p> <p>En definitiva, para una eficaz prevención de estos nuevos riesgos y de sus efectos pasa, necesariamente, por considerar la perspectiva de género pues está demostrada la mayor incidencia de estos riesgos en las mujeres por circunstancias como la doble presencia o la vulnerabilidad ante los acosos debido, entre otras circunstancias, precisamente a esa doble presencia. Una perspectiva de género con base jurídica en las normas de igualdad y en las normas preventivas que hay que seguir fomentando a través de instrumentos como la negociación colectiva, protocolos o implicación de la empresa a través de normas internas. Y al análisis e impacto de todo ello pretende dedicarse la comunicación que ahora se propone.</p>
-------------------------	--

A institucionalização da mulher idosa, Amanda Lemos e Marinalva Máximo

A vida moderna impõe uma nova realidade a sociedade, o aumento da expectativa de vida, o envelhecimento populacional. O aumento do número de idosos traz consequências para família, para o Estado, para a sociedade como um todo. Para atender as necessidades específicas dessa parcela da população, o Estado é chamado a intervir subsidiando equipamentos públicos de convivência e institucionalização da pessoa idosa e a iniciativa privada vê um ramo rentável para investimento e acumulação. Nesses equipamentos podemos observar que o número de homens é superior ao número de mulheres, mas que as muitas mulheres idosas que se encontram institucionalizadas apresentam um quadro de dependência e fragilidade muito maior que homens, além de não ter espaço para exercício de sua feminilidade, sua sexualidade, seus institutos maternos. Observamos um desejo reprimido ou uma demanda não atendida em relação a ser mulher e ter as especificidades de sua natureza privilegiadas. Observamos que muitas acumulam bonecas em seus quartos, cuidando-as como verdadeiras crianças ou mantém diversos animais domésticos, também numa relação afetuosa de cuidado e zelo. Nos questionamos então, como é para mulher idosa vivenciar essa fase da vida em uma instituição de acolhimento institucional, como é para a mulher viver em uma instituição coletiva, onde muitas vezes não há contato com filhos e/ou familiares, onde é imputada a instituição a responsabilidade por sua vaidade, por seus desejos e necessidades. Esse trabalho, propõe uma reflexão sobre ser mulher, idosa e institucionalizada em uma instituição pública brasileira.

A anatomia política do câncer...uma análise cruzando gênero, trabalho e saúde, Michelle Paiva, Univ. Paris 8

O câncer é uma doença crônica e a primeira causa de mortes na França, sendo o pulmão, a localização o órgão responsável pelo maior número de mortes : 21 326 homens e 8 623 mulheres (INCa, 2015). Os estudos sobre as desigualdades sociais de saúde constataam que os operários são mais penalizados por esta doença que os trabalhadores executivos. Esses estudos revelam assim a relação entre o câncer e a posição ocupada pelos indivíduos na sociedade. Na França, o reconhecimento e indenização do câncer como doença causada pelo trabalho é possível desde 1931, data de criação dos primeiros quadros estipulando as modalidades de acesso a esse direito. Desde então, os apenas 22 quadros de doença profissional dedicados ao câncer revelam as dificuldades em integrar os progressos científicos em favor dos trabalhadores.

Ora, o que acontece então quando, além da posição social, nos interessamos ao sexo/gênero das pessoas doentes de câncer? Na nossa pesquisa nós constatamos que mesmo se homens e mulheres são indistintamente vítimas de cancer, o acesso ao status de doença profissional parece seguir uma lógica de gênero. Para os homens um acesso possível, ainda que muito complicado.

Enquanto que para as mulheres, a maior parte do tempo, se trata ainda de tornar a relação entre trabalho e cancer « pensável ». Assim, nesta comunicação tentaremos mostrar que se a relação entre o trabalho realizado pelos homens e seus cânceres é difícil de ser estabelecida, para as mulheres ela ainda persiste impensável. Iremos mobilizar o exemplo do câncer do pulmão e do seio para ilustrar como a distinção dos órgãos afetados pelo câncer segue uma anatomia tanto biológica quanto política, na qual a (in)visibilidade do trabalho das mulheres constitui um objeto central.

As qualificações e o estatuto da população feminina idosa numa análise prospetiva, Stella Câmara, ISCS-ULisboa

Em Portugal como, de resto, na generalidade das sociedades mais desenvolvidas, tem-se acentuado o fenómeno do envelhecimento demográfico, ou seja, o aumento da percentagem relativa de indivíduos com 65 e mais anos de idade no conjunto da população total.

O envelhecimento afeta homens e mulheres. No entanto, verifica-se tradicionalmente uma feminização do envelhecimento, ou seja, existe uma maior percentagem de mulheres idosas e muito idosas relativamente à percentagem de homens nos mesmos grupos. Para isso, entre outros fatores, contribuem uma maior esperança de vida, quer à nascença, quer aos 65 anos de idade, e uma menor taxa de mortalidade, em todas as idades, nas mulheres, podendo-se assim dizer, como repete Levet (1998:44), que o "mundo dos velhos é antes um mundo de velhas".

O envelhecimento é considerado na generalidade das sociedades mais desenvolvidas como sinónimo de "agonia social", normalmente acompanhada pelo decréscimo de rendimentos e declínio do estatuto social antecedente. Situação que mais afeta as mulheres dado que, no seu caso, a discriminação tende a agravar-se, devido à sua maior longevidade relativa, à sua pior situação económica. Contudo, face ao aumento da escolarização e habilitações da população feminina, assiste-se a uma mudança desta situação que tem repercussões a nível económico, social e familiar.

	<p>Maior nível educacional tende a significar aumento de rendimentos, melhoria da qualidade de vida, aumento de estatuto social e maior autonomia.</p> <p>Com esta comunicação, pretendemos fazer uma caracterização qualitativa das mulheres idosas (65–74 anos), em 2031, a partir da análise do grau das habilitações literárias por forma a consubstanciar a ideia de que a um aumento quantitativo da referida população estará associado também um aumento qualitativo e suas consequências sociais (como, por exemplo, maior qualidade de vida e melhor integração social).</p>
--	--

Linha de Investigação 3 | Research Line 3

Género e a construção das sociedades contemporâneas | Gender and the construction of contemporary societies

9h30-11h	<p>Gender in arts and culture Moderador Chair: Cláudia Vaz</p> <hr/> <p>Sala 2, Piso 3 Room 2, Floor 3</p> <p>“As public as the dinner table and governed by the same rules of formal confrontation”: food and the construction of gender identity in contemporary advertising, Sonia Melchiorre, Univ. of Tuscia – Viterbo</p> <p>Commercials are not only the most effective tools to sell products in the Western world. They are the medium through which ubiquitous models and patterns of behaviour are provided and gender identities forged. It is a given, in fact, that food advertising is dominated by heterosexual and heteronormative models that are unconsciously introjected by the public that comes to see them as real and true.</p> <p>The present paper aims to demonstrate that though advertising has received a massive critical attention in the last decades, it has mainly concentrated on general issues or very specific technical characteristics. As a matter of fact, information and research about the uncanny relationship between food and the construction of gender identity in advertising are still very scarce despite the growing popularity of tv programmes on food preparation.</p> <p>Main argument of the present discussion is that food commercials have never been considered as gender related topics and have mostly been analysed in reference to social habits. By consequence, the images provided in these media productions have enhanced and emphasised the existing stereotypes related to traditional sex roles.</p> <p>Also central in this paper is the history of the construction of the association woman (‘s body) and food in several genres: Biblical stories, myths, fairy tales, etc... all well known in the Western society and re-functionalised in the parodies proposed in the patriarchal and hetero-normative discourses of contemporary advertising. Publicists, mostly white, well-educated, smart men, still rely on this simple association in their highly creative and innovative messages, as they are, more or less unconsciously, aware of the fact that also modern Adams cannot resist temptation.</p> <p>The present proposal finally includes some reflections on eating disorders and body dissatisfaction that, according to recent studies, appear inextricably linked.</p> <p>Feminisations of artistic work: Ways and reasons, Marie Buscatto, Univ. of Paris 1 Panthéon Sorbonne</p> <p>While all legal and formal barriers limiting women’s access to art worlds have disappeared in “western” countries, getting access to artistic work, maintaining oneself in one’s art world, and getting recognized as an artist remain more difficult for women than for men in all observed art worlds - music, cinema, literature, theatre, dance, visual arts or circus.</p> <p>Recent empirical research has identified several key social processes which cumulate over time to produce gendered differences between women’s and men’s career paths – gendered networks, norms, stereotypes, roles and conventions. But research has also shown that women do get more and more access to artistic work and to artistic recognition over time, thanks to several tools and resources which they use, consciously or not, to do so – art schools, families, collective and individual “feminine” strategies...</p> <p>This talk will be based on numerous empirical examples drawn from several art worlds - music, cinema, literature, theatre, dance, visual arts or circus-, and founded on quantitative and qualitative research conducted in diverse western countries – mainly France, USA, Greece, Austria, Great Britain, Switzerland, Israel, Canada or Finland -.</p> <p>This talk will describe both social processes which cumulate over time to produce gendered differences between male and female artists, AND resources, strategies and tools which women, consciously or not, use to transgress such gendered limiting processes in order to become and to remain artists over time, and sometimes, even to become famous worldwide artists.</p> <p>In conclusion of our talk, this specific and stimulating example will help us enrich our understanding of feminisations of top-level jobs in western countries in the last fifty years.</p> <p>Twice - Culturally and Sexually- Othered Naked and Silent Oriental Woman, Esengul Tekin, Istanbul Bilgi Univ.</p>
----------	---

This study will focus on the oriental woman discourse constructed in the 19. Century by the oriental artists through portraits. How the oriental woman has been positioned in the post-colonial discourse; how she had been introduced (?) / represented (?) / given voice (?) by the West in accordance with the political and cultural interest of his; and so, how she has been Othered two times: first being from the East, this is geographically and culturally othering; and the second for being woman, this is the sexually othering, will be the main discussion of this paper. A quotation or metaphor from Homi Bhabha "East is woman, woman is east" is also showing us that both the East and the woman have been placed to a secondary place by the hegemony of Western man and in conclusion the oriental woman has been convicted to be the other of the other by the colonizer. In orientalist portraits, the woman has been portrayed, more correctly silenced and negatively represented as being naked, exotic, silent, as always being either at harem or hamam as a sexual object, as dancing or sitting not including in any work, as being lazy and mystical and of course as being the slave of the man (as portrayed at slave markets). According to the Western discourse, the East and oriental woman have been identified harshly with the sexuality. As Flaubert also mentions, the oriental woman is lustful. (...) To this end, the oriental woman image has been constructed in accordance with the power relations. Orientalism as being a male dominant discourse has put the oriental women to an inferior position. He humiliated her, we, as being women which has been always looked down on by him and also for being from the East.

Money, artistry and gender equality: performing space in film publicity, Carina Kullgren, Univ. West

The aim of this presentation is to discuss the difficulties with realizing gender equality in the Swedish film industry. Although the world of film has a reputation of being, in some respects, quite open-minded or unconventional, there still have been severe problems with implementing gender equality for film workers. Years of struggle for equal conditions and possibilities have led to some, but insufficient, progress.

To approach the issue I have collected material (notes and recording from observations, media texts etc.) from public occasions in order to identify which perception of equality are hegemonic in the industry, and how it is positioned among other questions considered urgent and important in the field.

Film festivals and similar events can be considered part of the public places where the industry's self-sightedness is presented, for the film-interested public as well as for filmmakers. When the industry goes public - at festivals, galas, debates, and in interviews - it also articulate and spreads its self-image and perceptions of production conditions. At these occasion's representatives of the industry define their understanding of what film work actually is all about, how film workers are supposed to be, think and act professionally, under prevailing conditions. Such representations, implicit as well as explicit, thus has socializing and normative functions. The discourses highlighted receive their authority and legitimacy of the representatives' position and their right to define what are the industry's internal affairs, which gives power to the normative effects on professional practice.

Three competing intersecting discourses will form the focus of analysis: economy, artistic quality and gender equality. For several years, these issues and their internal relation have been discussed frequently, and they all appear to be equally difficult to manage and maintain. The space for gender equality in the industry is probably affected by the outcome of this struggle.

Improvising verses, creating identity: The influence of bertsolaritza on women empowerment and linguistic empowerment, Miren Sarasola, Univ. of the Basque Country

The Basque bertsolaritza is the art of singing extemporary composed songs according to various melodies and rhyming patterns.

Since oral improvisation is, essentially, a communicative act, and its main instrument is the language, the bertsolaritza has been regarded as inextricably linked to the Basque language. Thereby, this cultural practice is influenced by the language's sociolinguistic situation. Indeed, Basque is an endangered language, and then, bertsolaritza's ties to the society are inherently related to language vitality. Now, the Basque language is severely endangered in the Northern Basque Country, even if it seems that the recent efforts to revitalize the language pay off, regarding the knowledge of Basque among new generations.

In the same way, as a performance of a public nature, bertsolaritza has historically been a male domain. Nevertheless, at the same time that the bertsolaritza has acquired more and more followers among young people, more and more girls are making this practice their own, by learning to improvise, and coming to the fore as young improvisers. Singing and improvising in public requires a certain degree of empowerment, which is acquired through practice -as regards the technical aspect-, but mainly through relationships of trust that are created in the workshops where those young people learn how to improvise.

	<p>On the other hand, it turns out that through the bertsolaritza workshops, these young people create communities of practice where they identify the Basque language with fun, brain-work and enjoyment. Hence, we observe that the bertsolaritza is a cultural practice that influences the identity building, and leads these young people to a higher degree of identification as “Basque”, empowering themselves as speakers of a minority language.</p> <p>Applying the approach of feminist anthropology to sociolinguistics, we dare think that the practice of bertsolaritza can have a positive effect both on women empowerment and linguistic empowerment.</p>
--	---

9h30-11h	<p>Família, sexualidade e relações íntimas Moderador Chair: Cláudia Casimiro</p> <p>Sala 3, Piso 3 Room 3, Floor 3</p>
	<p>Desconstruir estereótipos de género: primeiro passo na prevenção da violência com crianças mais pequenas, Ana Dias, Ana Margarida Teixeira, Joana Cordeiro, Maria José Magalhães, UMAR</p> <p>A infância, enquanto “categoria estrutural permanente das nossas sociedades”, é conceptualizada como uma etapa da vida, que não desaparece mesmo que os membros que nela se incluem estejam continuamente a mudar e que ela própria varie consoante o contexto histórico e temporal (Ferreira, 2002). Assim, a infância é perspectivada como uma categoria social e etária em que as crianças são reconhecidas como atores/a social, consoante a sua capacidade de produzir simbolicamente as suas crenças, valores e representações (Ferreira, 2002).</p> <p>Esta estrutura, não pode ser pensada sem os diversos processos de socialização existentes, processos pelos quais as crianças se adaptam e internalizam a sociedade (Corsaro, 2011) como a família, a escola, os grupos de pares e os meios de comunicação que também influenciam valores e comportamentos das crianças.</p> <p>Deste modo, as crianças simultaneamente refletem e constroem noções em torno dos comportamentos que a sociedade e a cultura moldam, sendo influenciadas pelos modelos estereotipados na sociedade e consequentemente desenvolvendo comportamentos associados à categoria de género que a sociedade lhes atribui (Gomes, 2013).</p> <p>Partindo deste pressuposto, Projeto Art’Themis da ONG UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta, que é um projeto de prevenção primária que tem como principal objetivo promover a igualdade de género e prevenir a violência de género, mudando crenças e atitudes em relação a meninas e mulheres, e outros grupos discriminados socialmente, que enfrentam preconceitos como a misoginia, sexismo, racismo e homofobia. O Art’Themis introduziu um projeto-piloto no Jardim-de-Infância, desde 2014, desenvolvido com um grupo de crianças de 4, 5 e 6 anos de idade, numa escola do Grande Porto.</p> <p>Este projeto desenvolve sessões quinzenais, usando ferramentas artísticas e jogos pedagógicos, bem como o diálogo de experiências vividas, de modo a construir aprendizagens significativas tornando-se estas grandes impulsionadoras “para o desenvolvimento de comportamentos mais tolerantes e empáticos” (Costa, 2013:60) e tem como objetivos no jardim-de-infância de desenvolver auto-estima das crianças, o gosto de ser como são, respeitar as diferenças, reconhecer estratégias para a resolução de conflitos de forma pacífica, e desenvolver valores e atitudes para a construção de relações afetivas baseadas na paz e respeito.</p> <p>O importante trabalho de desconstrução dos estereótipos e dos papéis de género atribuídos pela sociedade é realizado através de um processo dialógico em respeito pela cultura das crianças e pela sua agência enquanto atores e atorais sociais. Por essa mesma razão, o Projeto Art’Themis trabalha com as crianças do jardim-de-infância, problemáticas atuais da sociedade portuguesa, como os estereótipos e papéis de género, os diferentes tipos de família, adoção por casais homossexuais, o racismo, a misoginia e a homofobia, temas que se constituem como charneira para a mudança cultural para uma sociedade sem violência.</p>

9h30-11h	<p>Género, media e publicidade Moderador Chair: Maria João Cunha</p> <p>Sala 4, Piso 3 Room 4, Floor 3</p>
	<p>Violência de género e linguagem discriminante nas imagens publicitárias: o caso italiano, Debora Ricci, Univ. de Lisboa</p> <p>Partindo da hipótese de Sapir-Whorf segundo a qual a língua influencia o nosso pensamento, a reflexão sobre a maneira de exprimirmo-nos do ponto de vista do género, leva inevitavelmente à conclusão de que a língua seja ainda e absolutamente sexista.</p> <p>A linguagem e as práticas linguísticas, baseadas num princípio de tipo androcêntrico, aparecem como</p>

veículos privilegiados para a afirmação e a reiteração de certos valores e códigos culturais. Reflectir sobre a língua, eliminar os estereótipos sexuais dos vários tipos de linguagem (da política, da televisão, das revistas, dos jornais, da publicidade, das expressões comuns), promover a formação de uma cultura da diferença de género, tudo isto é necessário e urgente para não discriminar e para dar a justa visibilidade à outra metade da sociedade, a das mulheres.

A presente comunicação focaliza-se na análise da linguagem (falada e visual) nos media, principalmente a linguagem publicitária, mostrando como esta é responsável pela formação e a conservação dos estereótipos identitários sexuais e de género e como uma natural consequência da reiteração possa ser a passagem de uma visão objectivizada da mulher à violência física e psicológica contra ela.

Na publicidade são representados principalmente dois tipos de mulher: a “mulher-esposa” dedicada ao marido e à família, sempre sorridente, boa cozinheira e dona de casa; e a “mulher-outra”, a mulher tentadora, aquela que seduz e que é só corpo e carne. Ambas mudas, sem o poder de palavra e de expressão.

Normalmente trata-se quase sempre de mulheres muito jovens e bonitas e que satisfazem os cânones actuais da beleza. Todas as outras são obrigadas a reconhecer-se e a imitar com as consequências que conhecemos: distúrbios alimentares, cirurgia estética, etc.

Vamos analisar imagens que aparecem em revistas, na televisão e em cartazes de rua, com a intenção de reflectir sobre algo que na maioria das vezes passa-nos despercebido.

O papel dos meios da comunicação na ideia de amor romântico em adolescentes, María Ruiz, Univ. Carlos III de Madrid

O amor romântico é uma construção social e cultural, com os seus correspondentes mitos como “o seu par perfeito” ou a onipotência do amor, que atua como configuradora das práticas interpessoais, sociais e individuais. Esta ideia do “romantismo” é difundida em todo mundo, graças à ficção e aos meios de comunicação das massas.

Os programas de televisão, os vídeos dos youtubers, os filmes, as revistas, as redes sociais... Através dos meios da comunicação atualizam-se e reformulam os mitos do amor romântico mas, em que medida os produtos culturais destinados a adolescentes reforçam os estereótipos de género? Têm influência no âmbito da sua sexualidade, a sua identidade ou as relações de género?

O discurso do amor romântico disfarça a igualdade das relações entre homens e mulheres, potenciando a crença no mito da “livre eleição” e na ideia do carpe diem. Contudo, na linha da anteriores investigações, na realidade os meios de comunicação lançam mensagens onde reforçam os clichês sexistas, apresentando uma erotização da submissão e entrega de mulheres, ao mesmo tempo que potenciam a agressividade e o poder de dominação no homem.

A motivação deste trabalho de investigação é compreender qual é a influência dos meios da comunicação na percepção que os jovens (homens e mulheres dos 13 aos 18 anos) têm do amor romântico e, por conseguinte, se estas ideias têm relevância na configuração das expectativas e papéis de género em futuros namoros.

Neste congresso, gostaria de apresentar os resultados do inquérito que atualmente estamos a realizar, a uma amostra representativa de jovens entre os 13 e os 18 anos, selecionada de forma aleatória a nível nacional (Espanha).

O “Mundo” visto por Elas: A Influência do Género do Jornalista na Construção do Produto Noticioso, Carla Cruz e Sofia Coelho, ISCSP – ULisboa

O jornalismo actual é fruto de mudanças significativas, devido à recomposição social das redacções. Houve três grandes alterações: maior qualificação, renovação e feminização dos jornalistas. Quanto às diferenças entre homens e mulheres na prática jornalística a literatura aponta dois modelos: 1. ‘Convergente’ (ou ‘modelo organizacional’), que defende a inexistência de um “jornalismo feminino”. As diferenças de valores, atitudes e perspectivas, são ofuscadas pela presença masculina no “clima” organizacional. 2. ‘Divergente’ (ou ‘modelo de género’) que transmite a ideia de que homens e mulheres actuam de forma diferente enquanto jornalistas. Neste ponto, alguns estudos salientam uma maior subjectividade no jornalismo desenvolvido pelas mulheres, sobretudo na cobertura de assuntos sensíveis, devido ao menor controlo das emoções. Outros trabalhos destacam diferenças na actuação das mulheres, quer ao nível da atribuição de importância aos factos, maior rigor na diversidade de fontes, como na própria decisão editorial quando chegam a cargos de chefia. De acordo com esta “discussão” partimos da seguinte questão de pesquisa: De que forma as mulheres transportam para a produção noticiosa uma percepção social da realidade distinta da dos homens? O objectivo principal é identificar as diferenças na narrativa jornalística de acordo com o género dos

	<p>autores das notícias. Este estudo recaiu sobre a cobertura do “Caso Casa Pia” pelo Jornal Público, durante o ano de 2010. Recorremos à Análise de Conteúdo das notícias e à entrevista semi-estruturada aos jornalistas envolvidos nessa cobertura. Concluimos que o “Caso Casa Pia” foi muito mais vezes tratado por mulheres do que por homens, havendo também maior presença de mulheres na secção de sociedade. Também o discurso noticioso feminino era mais “emocional” do ponto de vista da adjectivação. Vimos também que há uma distribuição equitativa de géneros na ocupação de cargos de chefia que é espelhada também em diferenças na elaboração da agenda mediática.</p> <p>Representações de Género na Publicidade Televisiva Portuguesa, Maria João Cunha e Ellen Theodoro, ISCSP – ULisboa</p> <p>As correntes contemporâneas que estudam o género assumem que se trata de uma construção social que se desenvolve através de processos relacionais. Desde os finais da década de 1980 que por exemplo de Lauretis sustenta que as relações de género são constituídas a partir de representações de género encontradas na literatura, no cinema, nos anúncios publicitários, que representam nos seus discursos papéis definidos para homens e mulheres. Também os estudos sobre representações sociais reconhecem que a sua construção pela comunicação social possibilita processos de influência. Portanto, as representações sociais de género, disseminadas pelos meios de comunicação e produzidas através de processos criativos e culturais, apresentam o potencial de impactar na conceção do género que cada indivíduo imagina que possui.</p> <p>É a partir desta intersecção dos estudos de género e de representações sociais nos media, sobretudo na televisão enquanto meio com maior cobertura de audiências, que surge este estudo, com o objetivo de caracterizar o modo como as mulheres e os homens são representados na publicidade televisiva. Pretende-se analisar a importância da publicidade televisiva enquanto espaço para a difusão de estereótipos e ideologias que impactam o pensamento social sobre género. O desenho de pesquisa consiste numa análise transversal (de tipo cross-sectional) com recurso a uma metodologia mista com Análise de Conteúdo e Análise Narrativa a um corpus de anúncios publicitários emitidos durante uma semana na RTP 1, canal da estação de serviço público em Portugal.</p> <p>Os resultados revelaram uma clara hegemonia étnica, racial e de género, apontando para valores conservadores e tradicionais de feminilidade e masculinidade que merecem ser discutidos à luz das teorias feministas e das políticas de igualdade vigentes.</p> <p>Mediação jornalística e estratégias de comunicação das candidatas às Presidenciais de 2016, Carla Martins, CIEG/ ISCSP-ULisboa</p> <p>A primeira candidatura feminina a eleições presidenciais em Portugal foi protagonizada, em 1985/86, por Maria de Lourdes Pintasilgo. Três décadas mais tarde, de modo inédito, quatro mulheres anunciam a sua candidatura às presidenciais de 2016, pressupondo-se que esse facto, por si mesmo, conduziu a uma valorização, nos discursos públicos, da “gender politics” (Norris, 1997).</p> <p>Preconiza-se que o mundo político é inseparável do espaço de mediação jornalística, para onde confluem os poderes e onde se constrói (e destrói) a visibilidade pública. Neste quadro, a apresentação tem como objetivo analisar e discutir criticamente a mediação simbólica do “corte de género” das candidaturas femininas às eleições presidenciais, procurando perceber, naquele âmbito, que enquadramentos e atributos sobressaíram no discurso jornalístico. Indaga-se sobre como são estas candidaturas representadas e contextualizados pela narrativa jornalística? Que debates e troca de argumentos estimulam no espaço público?</p> <p>Complementarmente, analisam-se as estratégias de comunicação das candidatas e as opções linguísticas a que recorrem para fazer a apresentação de si e identificar prioridades da sua campanha relacionadas com a agenda da igualdade. O objetivo desta análise visa descobrir a preponderância de elementos ou mesmo estereotipozações de género na definição das referidas campanhas de comunicação, na linha das investigações realizadas por Kim Fridrik Kahn.</p>
<p>9h30-11h</p>	<p>Maternidade, cuidados à família e educação infantil Moderador Chair: Bernardo Coelho</p> <p>Sala 5, Piso 3 Room 5, Floor 3</p> <p>Parto, subjetividade e maternidade em perspectiva comparada, Claudia Rezende, Univ. do Estado do Rio de Janeiro</p> <p>Neste trabalho, analiso narrativas de parto como reveladoras de percepções de subjetividade e de maternidade, a partir de um olhar comparativo. Examinio narrativas de parto de mulheres de duas gerações distintas – com idades entre 25-35, com partos recentes, e com idades entre 60 e 70, de segmentos médios do Rio de Janeiro, Brasil. Os dados tratados neste trabalho se originam de</p>

entrevistas, realizadas nos moldes de uma história de vida tendo a experiência do parto como eixo central. Parte-se da visão do parentesco enquanto uma forma de relacionalidade construída simbolicamente, entendendo que laços biológicos podem ou não constituir a base das relações, como sugerem os trabalhos antropológicos de David Schneider e Janet Carsten. Desta perspectiva, a relacionalidade tem um caráter eminentemente processual, variações de qualidade ao longo da vida, de modo que a gravidez e o parto tornam-se momentos revestidos de significados culturalmente estabelecidos e destacam a transformação de sujeitos, seus papéis de gênero e suas redes de parentesco. As narrativas são entendidas também pela ótica da subjetividade enquanto modos de pensar e sentir culturalmente modelados, como propõe Sherry Ortner. Discuto como as narrativas destas duas gerações de mulheres apontam para formas distintas de pensar o gênero e o papel da maternidade neste cenário, atribuído nas mulheres mais jovens a uma “natureza” feminina essencializada. Enquanto que para as mais velhas o parto era em larga medida um rito de passagem para a maternidade, para as mais jovens a gestação já é parte desta experiência, ficando o parto como experiência de superação da mulher como sujeito que deve ter controle do seu corpo.

Naturalismo e Maternidade: novos e velhos desafios para pensar o gênero na contemporaneidade, Dulce Neves, CIES-IUL

Em 1963 Betty Friedan publicou “A Mística Feminina”, uma obra clássica do pensamento feminista que analisa o processo regressivo que as mulheres nos EUA experienciaram no pós-segunda guerra mundial. Depois de um período muito dinâmico em termos das conquistas sociais nos anos 50 do século XX, produziu-se na sociedade norte-americana uma ofensiva conservadora cujo objetivo consistiu, segundo Friedan, em devolver a mulher à casa e às tarefas domésticas e reforçar um ideal feminino associado aos papéis de mãe e cuidadora. De forma semelhante, atualmente muitas feministas encaram com suspeita os fenômenos de naturalização e neotradicionalismo associados à experiência de ser mãe (Stone, 2007) bem como as reivindicações que são feitas à medida que os valores naturalistas vão reforçando o seu protagonismo na sociedade contemporânea (Badinter, 2010). A vontade de abandonar o mercado de trabalho e aderir a um modelo de “maternidade intensiva” por parte de algumas mulheres (Hays, 1996), a adesão a práticas naturalistas associadas à gravidez, parto e pós-parto, a recusa em adotar pautas rígidas para a criação e educação dos filhos, a aceitação da centralidade dos cuidados prestados a outros (em particular, aos filhos) e a possibilidade de auto-realização através deles, etc. constituem, de acordo com algumas perspectivas, novas formas de encerrar as mulheres numa renovada “mística da feminilidade”, pondo em causa liberdades e direitos conquistados nas últimas décadas. Com base em análise documental variada e em entrevistas realizadas a mães em Portugal e em Espanha, este paper pretende reflectir acerca dos efeitos do modelo de maternidade naturalizada sobre as relações de gênero, trazendo, contudo, à luz novas formas de empoderamento das mulheres que emergem precisamente das reivindicações dos movimentos pela naturalização da experiência da maternidade.

Investigando el género en Educación Infantil: ¿Qué representaciones, roles e identidades se transmiten en clase de 2 a 5 años en las aulas del siglo XXI y cómo se gestiona la diversidad sexo-género en la primera etapa escolar?, Amaia Uria, Univ. del País Vasco

En el 2013 formamos un grupo de investigación multidisciplinar de profesoras y alumnas del grado de Educación Infantil en la Escuela de Magisterio de Vitoria-Gasteiz para reflexionar sobre el concepto de género en el aula. En el curso 13/14 nos formamos en diversidad y fluidez de género y en las perspectivas transgénero y queer. A continuación diseñamos nuestra investigación realizando el guión para las entrevistas y los grupos de discusión que realizamos más adelante con tres ejes principales: el cuerpo, el género y la coeducación. En el curso 14/15 realizamos las entrevistas (5) y los grupos de discusión (5). En el actual curso 15/16 nos disponemos a analizar los datos de los que adelantamos algunas conclusiones:

- 1) Existe desconocimiento y falta de formación sobre el punto de vista citado. Se considera que coeducación significa igualdad, una concepción algo pasada de moda.
- 2) En Educación Infantil no sienten la necesidad de tratar este tema hasta que aparece “el problema”. Entonces es cuando intentan arreglarlo lo mejor posible.
- 3) Las maestras que han tenido una persona trans en clase dicen que ha sido una experiencia dura y enriquecedora que les ha cambiado la forma de pensar y de actuar.

Por consiguiente pensamos que un reto de la escuela de hoy es actualizar el concepto de coeducación formándose para poder trabajar este tema desde el primer ciclo de Infantil y superar las normas de género y el binarismo, y así poder vivir el sexo y el género desde la diversidad y la fluidez y construir identidades y proporcionar representaciones más acordes con la era actual.

Papéis de género e cuidados dentro da família, Moema Guedes, Univ. Federal Rural do Rio de

	<p>Janeiro</p> <p>Apesar dos sucessivos incrementos nas taxas de participação feminina no mercado de trabalho a tarefa de cuidado com crianças, idosos, enfermos e deficientes continua bastante concentrada nas mãos das mulheres. A intensidade deste trabalho, no entanto, varia bastante dependendo do segmento social ao qual pertence a mulher. Isso porque entre as mulheres do topo da estratificação social vigoram não apenas práticas e valores mais igualitários no campo das relações de gênero, mas se colocam possibilidades mais concretas de arcar com as tarefas de cuidado através da terceirização desses serviços a profissionais e instituições que os desenvolvem no âmbito do mercado. Esse é um quadro que vem mudando lentamente, que reflete uma cultura patriarcal, para a qual os afazeres ligados ao cuidado e o próprio trabalho de reprodução social ainda são construídos socialmente como tarefa exclusivamente da família.</p> <p>O presente trabalho propõe uma análise mais das percepções de homens e mulheres sobre o compartilhamento e a divisão de papéis diante das necessidades de provimento e cuidado dentro da família. Para tanto, algumas perguntas foram selecionadas a partir do vasto material produzido por um Survey aplicado em 2014 a todo o estado do Rio de Janeiro de forma amostral. Os cruzamentos realizados tiveram como recorte fundamental a variável escolaridade, que apresentou importantes padrões diferenciais de respostas tanto no grupo masculino quanto feminino, sendo neste último mais expressiva a diversidade observada.</p> <p>Para além das práticas cotidianas esse olhar permite uma análise dos valores e construções simbólicas que cercam a divisão do trabalho doméstico e suas diferenças dentro do próprio contingente de mulheres. Essa é uma dimensão relevante diante de um quadro no qual há um descompasso entre os intensos avanços da população feminina no mundo público e a manutenção de padrões que constroem as mulheres a continuarem desenvolvendo de forma concentrada o trabalho de cuidado.</p>
--	---

<p>9h30-11h</p>	<p>Trauma and Violence on Female Identities Moderador Chair: Dália Costa</p> <p>Sala 6, Piso 3 Room 6, Floor 3</p> <p>The Legality of Sex Change and Reconstruction of Transsexual Identity in Contemporary Iran, Zara Saeidzadeh, Örebro Univ.</p> <p>The Islamic government in Iran has legalized transsexual surgeries and introduced a legal process which leads to medical intervention in transsexual cases. This has allowed thousands of Iranian men and women to undergo sex change every year. This paper explores the social and legal discourses on sex change and transsexuality in Iran in order to examine if the legalization of sex change surgery has legitimized transsexual identity within law and society. The discourse on "gender identity disorder" in connection with sex change started in Iran in the 1960s, but has gained prominence among doctors, legal scholars and jurists in recent decades after the 1979 Islamic revolution.</p> <p>This study describes how Islamic jurisprudence operates in order to generate legal rules through its internal and self-referential communication within the legal framework of Shari'a. Sex change surgery is allowed through juristic legal opinion in response to the existing social facts and norms, on the one hand, and structural cooperation with medical system, on the other. This has amounted to legally constructed "misrecognition" of transsexuals' identity in society. Using semi-structured interviews, this essay explores how Iranian transsexuals understand and define their gender identity, while embracing modern interpretation of Islamic rules in relation to gender and sexuality. The results of the research show that although transsexuality, as an identity in its own right, is not legally recognized in Iran, sex change surgery is nevertheless permitted by fatwa. However, transsexuals' narratives demonstrate strong agency of Iranian youth in reconstruction of gender identity through reconceptualization of Islamic laws.</p> <p>Finally, the study throws light on the role of surgeons, who play a vital part in mediating the relationships of transsexuals with their families to jettison the heavy weight of stigma attached to the "trans status". Moreover, transsexuals being aware of pathologization of their gender identities use this as a strategy to overcome social pressure. That is to say, the interviews show an increasing level of self-knowledge among young transsexuals, while giving cause to question the forceful heteronormalization by the government through surgery.</p> <p>Love Songs; a means to express male dominance and sexual violence endlessly sugared by music, Katarina Karlsson, Univ. of Gothenburg</p> <p>Love is the most common subject in music and often the very reason to start to sing at all. As a singer I have almost worn out the words "I love you".</p>
-----------------	--

	<p>But a love song can also be a cloak under which power, dominance and threats are performed. This was indeed the case with the lute songs printed 1597-1620 in London. More than half of them were love songs from a male persona to a female addressee. Out of these, 189 use strategies that in varying degrees resemble the rhetoric of a criminal. In my research I have listed five strategies from not accepting a “no” to threats of violence. The songs that directly contain threats or description of violence form a subgenre known to the contemporary audience as “the comic rape”. The impact of these songs can be traced to contemporary legal texts about rape, where the woman had to express rejection before AND after the rape, to escape the suspicion that she actually enjoyed it. Interviews with psychologists, and victims of women battering today, has shown that the five strategies of the songs are still in use. Some of the songs are still performed and used in music training, without any consideration of their contents. In the paper I will show in detail (and in singing) how the song’s strategies are underscored by music and how music paves the way for violence by enhancing the sexual innuendos, thus paradoxically making the violence at the same time more inevitable and more innocent. Comparisons show that the verbal rhetoric is by no means dated, as for instance “The rhetoric of exculpation” which still permeate identity and culture today.</p> <p>Gender Violence in Turkey: The case of ‘The Betrayal to the Entrusted’, Pinar Sarigöl, Bielefeld Graduate School in History and Sociology</p> <p>Since 2002, there have been significant social and political changes in the state policies and discourses in Turkey. I see that there is a two-fold and somewhat ambivalent characteristic of this transformation. On the one hand, there is a very strong impulse towards neoliberal social and economic policies and the corresponding neoliberal governmental technologies. On the other hand, there is a strong insistence on keeping and strengthening the religious and conservative values through neo-conservative and increasingly authoritarian practices. Regarding to gender roles as well as violence/murder of the women, the JDP’s discourses and policies have strong neoconservative and neoliberal features. Moving forward, I would be particularly interested in the question of why violence and discrimination against women are on the rise despite the increase and intensification of governmental regulations for the benefit of women’s security. This is so because although the AKP (Justice and Development Party) aspires to construct a neoliberal society and subjectivities, it does not want to prevent the violence against woman despite the several possible protective mechanisms. Instead, AKP calls for the conservative and traditional sensibilities of the people. That is to say, women as ‘vulnerable species’ are entrusted to men in reference to god. According to reference, believer men should not resort violence against the female species. However, the reality of Turkey indicates the increasing public and private violence against women. It is worthy of noticing that family, population and gender policies presuppose on behind this kind of discourse practices; but I want to put it roughly, and I would like to highlight the betrayal to the entrusted women as a paradox of neoconservative project of building up ‘gendered population’, which was resulted in violence, sexual harassment, rape and child abuse more than ever.</p>
--	--

<p>9h30-11h</p>	<p>Saúde e Doença sob a lente de gênero Moderador Chair: Cristina Vieira Pereira</p> <p>Sala 7, Piso 3 Room 7, Floor 3</p> <p>Experiência de mulheres trabalhadoras rurais e mulheres vivendo com HIV/Aids no jogo político dos enfrentamentos pela vida do Brasil, Cíntia Teixeira, Luciana Kind e Rosineide Cordeiro</p> <p>Esta pesquisa enfoca experiências de mulheres vinculadas ao Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central de Pernambuco e ao Movimento Nacional de Cidadãs Posithivas nos quais, de modo distinto, engaja-se em lutas de “enfrentamentos pela vida”. Utiliza-se a perspectiva da etnografia narrativa, com combinação de estratégias qualitativas de coleta de dados (diários de campo; entrevistas narrativas, autonarrativas das pesquisadoras, sessões de devolução dos dados) e de análise (análise temática, estrutural e dialógica de narrativas). Dentre os principais resultados do estudo, destacam-se três pontos. O primeiro é "a proximidade da morte", que se expressa diferentemente entre as entrevistadas. Dentre as mulheres vivendo com HIV/aids, descobriram-se soropositivas foi um elemento que impulsionou a luta, mas também a recusa da iminência da morte. Entre as trabalhadoras rurais as narrativas foram construídas a partir de recordar os primeiros contatos com a morte de parentes e conhecidos. O segundo ponto que destacamos é sobre "discursos e silenciamento" a respeito da morte nos contextos de militância. Nos dois movimentos, de modos distintos, as mortes de companheiras de luta provocam reflexões sobre o cotidiano de participação política. O terceiro ponto discute as "desigualdades na morte". No Sertão, há a expropriação do direito à saúde por políticos locais. Entre as cidadãs posithivas vê-se a justaposição</p>
------------------------	--

	<p>de condições de vida que duplicam preconceitos: ter trajetória de uso abusivo de drogas; ser nortista ou nordestina, ser negra, ser lésbica, ser travesti, etc. O estudo sinaliza a criação de formas inovadoras de conhecer e intervir em contextos de saúde e cidadania, na medida em que seu escopo teórico-metodológico amplia e aprofunda o olhar para os processos de subjetivação política. A pesquisa é desenvolvida por docentes e discentes dos programas de pós-graduação em psicologia de duas universidades brasileiras (PUC Minas e UFPE) e conta com o apoio do CNPq.</p> <p>Percepções de mulheres ucranianas sobre os cuidados de saúde portugueses, Joana Topa, Conceição Nogueira e Sofia Neves, ISMAI/CIEG</p> <p>Desde 2001 com a publicação do Despacho n.º 25.360/2001 (Diário da República, II Série, n.º 286, de 12 de Dezembro de 2001) foi dado um importante passo na promoção do acesso universal aos serviços de saúde das populações imigrantes em Portugal. Passou a ser garantido aos/às cidadãos/ãs estrangeiras/os o direito de acesso aos centros de saúde e hospitais do SNS, independentemente da sua nacionalidade, nível económico ou estatuto legal (ACIDI, 2007). Todavia, apesar dos importantes avanços legislativos, persistem barreiras (externas ao sistema de saúde, interna ou de auto-exclusão) no acesso aos cuidados e recursos de saúde por parte dos/as imigrantes. A investigação no domínio da saúde relativa a populações imigrantes residentes em Portugal é ainda parca e exclusora de uma análise centrada no género ou interseccional. Sendo as comunidades ucranianas uma das mais representativas (16625 mulheres) em Portugal (SEF, 2011), torna-se importante compreender como é que estas populações acedem e utilizam os serviços de saúde (Dias e col., 2009).</p> <p>O objectivo desta comunicação é mostrar e reflectir sobre os resultados de um estudo que se debruçou sobre o envolvimento de mulheres ucranianas nos serviços de saúde em Portugal. Este estudo, de natureza qualitativo, envolveu a entrevista a 10 mulheres ucranianas residentes na área metropolitana do Porto que tinham sido mães em Portugal. Através da análise temática efectuada verificou-se que estas mulheres contactam com inúmeras barreiras no acesso e uso dos cuidados de saúde mas que tendem a reagir através do silenciamento e de um conformismo face às práticas ocidentais de cuidado.</p> <p>Cancro de mama: (des)construção de identidade, Helena Ferreira e Aline Ferreira, Univ. de Aveiro</p> <p>O cancro de mama é o tipo de cancro mais comum na mulher, em todo o mundo (Cordero et al, 2014). Apesar da narrativa dominante ser a reconstrução cirúrgica após uma mastectomia, levando a crer que a reconstrução é a norma, seguindo o padrão de beleza normativo de género estereotipado, um estudo de 2014, do Memorial Sloan Kettering Cancer Center de Nova Iorque revela que 58% das mulheres submetidas a uma mastectomia optam por não fazer reconstrução cirúrgica, desafiando assim as normas sociais de género. Considerando que a sociedade actual vive obcecada com a juventude e beleza, qualquer sinal de doença é obscuro e assimila-se como algo a esconder, principalmente quando essa doença significa a eliminação de indicadores externos de género.</p> <p>Partindo da ideia de que o corpo e a aparência das mulheres são uma parte essencial da performatividade da identidade de género (Butler, 1990), o presente estudo centra-se em imagens de mulheres mastectomizadas, que transmitem muito mais do que a mensagem de mulheres sobreviventes a uma doença oncológica, colocando sobretudo em evidência, que transgrediram os limites pré-estabelecidos, transpondo fronteiras, exibindo sem vergonha os seus corpos metamorfoseados, diferentes, híbridos. Naturalmente, a fundamentação teórica deste trabalho centra-se na teoria do nomadismo de Rosi Braidotti, articulando-a com as metamorfoses que os corpos femininos sofrem em consequência de uma mastectomia, e nos conceitos da teoria Queer de Judith Butler relacionando-os com o manifesto contrassexual (Preciado, 2015). Tendo em conta que a contrassexualidade tem por objecto de estudo as transformações tecnológicas dos corpos sexados e genderizados e que concebe que os corpos se reconheçam a si mesmos não como homens ou mulheres, mas como corpos falantes, considera-se que esta teoria pode possibilitar por um lado, que uma mulher aceite o seu novo corpo mastectomizado e por outro, que outras mulheres se identifiquem com ele.</p>
<p>9h30-11h</p>	<p>Gender strategies in work environments Moderador Chair: Fátima Assunção</p> <p>Sala 8, Piso 3 Room 8, Floor 3</p> <p>Gender strategies of lay men in the organizations of the Roman Catholic Church in varied cultural and institutional contexts, Katarzyna Leszczyńska, Univ. of Science and Technology, Fac. of Humanities, Krakow</p> <p>The objective of the presentation is to answer the research question of which strategies are adopted</p>

to cope with the difficulties and restrictions experienced in the space of a religious organisation by lay men working in the administrative/evangelising institutions of the Roman Catholic Church in varied cultural and institutional context (in Poland and in migratory organizations of Polish Catholic Missions in England). The paper is based on the results of qualitative research of two project grants, first including 19 in-depth interviews with biographical elements which I carried out in 2013 with religiously active lay men employed in Roman Catholic Church organisations in Poland and the second carried out in 2015-2016 with lay men employed in migratory organizations in England.

The strategies employed by the men can be interpreted in terms of individual plans of actions which organise work and serve to reduce the problems experienced in it. They can also be interpreted as institutionalised and intersectionally conditioned practices reproducing the religious organisation and gender institutions. I examine these strategies in broad categories of agency, which I view not as a voluntaristic action, but rather as the ability to make a difference in social orders, reproduce or transform them, which can be realised in reflexive and unreflexive practices, in resistance and obedience, inactivity and omission. These strategies are therefore constituted by various practices through which problems experienced in the Church are coped with.

Among the strategies for coping with barriers that I wish to analyse in the presentation, the following can be identified: hegemonic bargain and compensation, legitimisation strategies, justifying the difficulties, especially sacralisation; strategies of imitation, in which by avoiding barriers, men attempt to mimic behaviours culturally defined as feminine in their practices within work in the Church and strategies of resignation.

Gendered division of trade unions protests? Strategies, activities and outcomes of union activity of nurses and miners in Poland in the perspective of hegemonic masculinity theory, Julia Kubisa, Univ. of Gothenburg

The aim of the presentation is to analyse if gender can be the key to understand the different patterns of protest organized by miners and nurses, two occupational groups that are active in terms of trade unionism, which characteristics are based on the notions of femininity and masculinity. The gender division does not imply symmetry, as the situation of women and men on labour market and within the trade union movement is different. Therefore the presentation seeks for differences and similarities between those two groups in terms of discourse, tactics, and general strategy and outcomes of strike and protest actions within the framework of intersectional approach that enables to study both occupations and their trade unions in terms of hegemonic masculinity theory elaborated by Raewyn Connell. Can the gendered character of protests be one of the keys to understand the successes or failures of trade union movement? The theory of hegemonic masculinity is used to analyse the phenomenon of organization and reception of strikes and protests organized by nurses and miners and to show how both occupational groups and their trade unions struggle to answer the hegemonic masculinity patterns that exclude them by using subordination and exclusion mechanisms.

Gender of prestige? Experiences of male and female members of high prestige occupational groups, Olga Czeranowska, Univ. of Warsaw

Occupational prestige is one of the most researched topics in sociology. Individual's place in the social division of work has a great impact on her/his whole life and can be also treated as synthetic indicator of many other characteristics such as income or educational level. Occupational groups are also important on the macro level – according to Max Weber they are in many ways modern equivalent of status groups.

Unfortunately, in the majority of exiting studies on occupational prestige gender is 'invisible'. Some conclusions can be only drawn from the differences of prestige between feminized and masculinized occupations (devaluation theories).

The research I have conducted for my PhD thesis was concentrated on the occupational groups of high prestige. I used mixed-mode explanatory sequence designs, in which the findings of first, quantitative stage (desk research, PAPI questionnaire and media discourse analysis) was used as the basis for qualitative research. Second stage of my research plan were individual interviews with members of high prestige occupations (which I chosen in the first stage). In every group the same number of women and men were included, I was also trying to achieve differentiation in terms of age, work seniority and other characteristics of current employment. Main part of the interview scenario was connected with Interviewees' experiences as members of high prestige occupational groups, their conscience of prestige they have and their feelings about it. I was asking them about the differences in women and men careers and prestige, both in their own professional field and on the labor market in general. Other issues I wanted to cover were occupational identity and influence of work-related success on the private life and self-confidence.

	<p>Do we need more men in primary education? Masculinity in the feminized environment, Nina Farova, National Contact Centre for Gender and Science</p> <p>Feminization of primary education is a phenomenon that occurs in all of the European countries. In recent years, when we are at the European level speaking about gender equality and about advantages of mixed gender teams, lots of calls for more men in primary education is appearing. This need to have more male teachers is reflected in primary education in the Czech Republic too. In this feminized environment works the idea that we need more “right male models” and men which are already here are taken as unique and exceptional. This idea is connected with the specific type of thinking that female teachers need to be accompanied by male teachers because female collectives are seen as not such helpful (and sometimes potentially harmful) without the presence of men. The other and nontrivial question is, when we are asking for more “right male models” in schools, what type of masculinity it should be. This paper is based on qualitative research which includes the participant observation in schools and interviews with different actors of primary education in the Czech Republic.</p>
--	---

<p>16h-17h30</p>	<p>O género nas artes e na cultura Moderador Chair: Angélica Lima Cruz</p> <p>Sala 2, Piso 3 Room 2, Floor 3</p> <p>El lugar del arte en las políticas feministas, Ana Sánchez, Univ. de Coimbra e Univ. del Tolima</p> <p>En el contexto latinoamericano los movimientos sociales desempeñan un importante papel en la construcción de proyectos sociales democráticos, donde no solo están en disputa los parámetros de la democracia sino las propias fronteras de lo que debe ser definido como arena política. Estas luchas de poder implican ampliar los repertorios de la acción política y de protesta social que cuestionan la capacidad de respuesta del Estado y que en últimas constituyen lo que se considera un nuevo paradigma político; han sido diversos los caminos recorridos para consolidar estas transformaciones en la política, entendiéndola de manera más amplia, al sacarla de los confines de los partidos políticos y la institucionalidad formal, una apuesta fundamental de los movimientos feministas.</p> <p>Corpos vulneráveis e Sororidade nas Novas Cartas Portuguesas: a dimensão ética do Care na luta social e política do género no género literario, Adelaide Fins, Univ. de Coimbra e Sorbonne</p> <p>Pretendemos nesta comunicação demonstrar que as Novas Cartas Portuguesas transmitem uma pluralidade de leituras em relação às problemáticas dos estudos de género, demonstrando também que a relação do leitor(a) com a ficção provoca efeitos no nosso universo de representações de modo a aprofundarmos a nossa compreensão do mundo e do Outro. Preservar o corpo feminino da violência doméstica e sexual é afirmar a necessidade de romper com o paradigma do mesmo (patriarcal, universalista) para construir um paradigma do diferente : ser mulher é defender uma identidade outra, é resistir ao modelo falocentrico e normativo tomando existência numa categoria múltipla face à sociedade que fabrica « valência diferencial dos sexos » clausura, desigualdades, discriminações e injustiças. Neste caso, esta narrativa abre um espaço à alteridade e à identidade rizomática que não é fixa mas que inclui um movimento dialectico ricoeuriano de identidade idem/ipse que exige dignidade e responsabilidade na relação com o Outro. Obra de género literário híbrido e fragmentado com estética subjectiva e imaginário próprio à experiência feminina, ela transmite-nos valores éticos : uma moralidade que não é concebida em termos de imparcialidade e racionalidade, mas em termos de sentimentos tais como a solicitude, a empatia e os cuidados pelo Outro. Um universo feminino relacionado com os valores do afecto e a questão íntima da sexualidade. Tópicos que fazem eco às teorias do Care : « solicitude e cuidado do outro » em Gilligan e Tronto, « capacidades » em Nussbaum e « vulnerabilidade » em Worms e Peluchon. O nosso objectivo será de analisar a forte convergência entre a escrita vital das « três Marias » que revelam as problemáticas da vulnerabilidade da dependência e da autonomia com a(s) teoria(s) do Care, novo modelo de ciências sociais e humanas que inclui os trabalhos do género no novo contrato de justiça social.</p> <p>Muerte del autor, renacimiento de la autora. Proyecto autorial en la autoficción contemporánea, Ibon Etxeberria, Univ. del País Vasco</p>
-------------------------	---

	<p>Uno de los rasgos que ha caracterizado la narrativa de los últimos años ha sido la proliferación de libros de autoficción y narrativas del yo, en las que las autoras y autores se autorrepresentan en el texto narrativo, bien como personajes de la ficción, bien como trasuntos, bien en forma de voz autorial que reflexiona metaliterariamente sobre el devenir del texto de ficción cuyo narrador o narradora coincide con la autora o autor. Partiendo del análisis de un corpus de obras significativas de la literatura en lengua vasca, estetrabajo pretenderá analizar de qué manera estos textos tratan de legitimar voces autoriales no legítimas y no hegemónicas (principalmente las voces de las escritoras) en el campo literario. Para ello se analizará un corpus compuesto de las obras más significativas y de más calado de los últimos años. El análisis combinará el análisis sociológico del campo literario vasco (siguiendo las tesis de Bourdieu) con el análisis sociológico y discursivo del proyecto autorial propuesto por la sociología francesa (Maingueneau, Amossy, Meizoz).</p> <p>O Privado no Grande Ecrã. Vida comum e esfera amorosa nos anos 1940 em Portugal, Bruno Marques, Univ. Nova de Lisboa</p> <p>Com base em três longas-metragens de ficção marcantes do chamado 'período de ouro' do cinema português – O Pai Tirano (1941), O Pátio das Cantigas (1942) e O Costa do Castelo (1943) - o presente artigo pretende abordar a forma como foram tratados os papéis do feminino e do masculino na 'vida em comum' sob um regime ditatorial e em plena Segunda Grande Guerra. Para tal alguns tópicos correlacionados são trazidos à colação: como eram dramatizados no grande ecrã os rituais ligados à manifestação dos afectos, as estratégias de “sedução”, os protocolos que regulamentavam os namoros, o papel dos “pudores” e da vigilância familiar, a preparação dos noivos para o casamento, como são vividos os dilemas passionais, as relações extra-conjugais e os triângulos amorosos? Para além das análises que sublinham a “sintonia”, a “coincidência tácita” e os “ecos” que se estabelecem entre os filmes e a ideologia do Estado Novo - regime político marcadamente conservador e autoritário -, o presente artigo explora igualmente a possibilidade de serem feitas leituras contra-hegemónicas, não deixando de assinalar contradições e lacunas, nunca ignorando assim os factores de perturbação que também encontramos nestes filmes no que à moral e bons costumes dizem respeito</p>
--	---

<p>16h-17h30</p>	<p>Relationships, sexuality and homonormativity Moderador Chair: Bernardo Coelho</p> <p>Sala 3, Piso 3 Room 3, Floor 3</p> <p>Challenging Whiteness within 'Gay' Visual Culture, Giancarlo Cerquozzi, Univ. of Ottawa</p> <p>What does 'gay' look like? Although an interesting question, there is no singular response. 'Homosexuality' as a concept is historically, geographically, and temporally relative, and thus, 'gay' is not visually fixed. One visual narrative, however, has come to dominate our conception of what 'gay' looks like. 'Gay' looks white. Dominant stock stories shared by Western LGBTQ communities portray themselves to be inclusive hubs where all are welcome. Gay visual culture and counterstories shared by gay people of colour, though, dismantle these stories of inclusivity and portray Western LGBTQ communities as racially structured, and characterized by homonormativity – this is to mean whiteness, masculinity, wealth and conservatism. Images of the ideal white gay male saturate gay visual culture while images of gay men of colour are largely absent. This omission is meaningful as it normalizes homonormativity, white desirability, and white privilege within Western LGBTQ communities at the cost of marginalizing gay people of colour. When images of gay men of colour are incorporated into gay visual culture, these men are often fetishized or stereotyped.</p> <p>This study will examine the Western homosexual personage of the 2010s as depicted in <i>Winq. (Mate.) Magazine</i> – a popular gay men's lifestyle magazine that has “a targeted readership of 25,000 affluent, educated gay men”¹ in North America and Europe. This study is heavily influenced by Jasbir Puar's <i>Terrorist Assemblages: Homonationalism in Queer Times</i> and examines the visual manifestation of whiteness within gay visual culture using both Critical Race Theory (CRT) and critical whiteness discourse. These theories will help expose the implicit elements of whiteness and white desirability within visual advertisements found in <i>Winq. (Mate.) Magazine</i>. A sample size of 293 advertisements from both print and web editions of <i>Winq. (Mate.) Magazine</i> published between 2010-2013 (inclusively) have been analyzed. Only five advertisements prominently feature people of colour.</p> <p>Is there a gender effect of body mass index on sexual behavior? Exploring overweight impact on sex and relationships in a Portuguese sample, Luis Roxo, A. Virgolino and V. Alarcão, Instituto de Medicina Preventiva e Saúde Pública</p>
-------------------------	--

Medicalization of society has become a major issue over the last half-century, transforming common human events into medical conditions suitable for treatment. As discussed by Annemarie Jutel (2006), nowadays being “overweight” is not only a descriptor of physical appearance, as it has become a disease entity, used by the media and in medical settings. In line with this perspective, medicalization of sexuality defines sex in terms of the physiological capacity for intercourse. Sexual experiences are supposed to follow a normative path and men and women who cannot fulfil those expectations are classified as “problematic” or “dysfunctional”. Prior studies have examined the relationship between Body Mass Index (BMI) and sexual behaviors, however findings have been mixed, reflecting the contradictions about this issue. No studies have been conducted in Portugal, in spite of the importance of social and cultural context. We draw on data from Sexual Observational Study in Portugal (SEXOS) which intended to explain how gender influences self-constructions of sexuality and intimacy. Adult men and women were invited to answer face-to-face surveys concerning socio-demographic data, self-reported height and weight, sexual behaviors, sexual satisfaction, and self-evaluation of sexual problems. Analyses were made to evaluate the effect of overweight on sexual health on both men and women. Results indicate a gender effect of BMI, with a greater impact on sex and relationships among women, despite the tendency of narrowing gender gap in personal weight worries (“feminization” of men in their body image pressure) and in sexual behaviors (“masculinization” of women in their search for sexual pleasure). Data revealed that the relation between BMI and sexual behaviors go beyond the biomedical paradigm. As each person may experience differently the pressures of being overweight, a new perspective is needed, one where being overweight is not a disease.

No Fats, No Femmes, No Curry: Examining Homonormative Gender Identity Performance on Grindr, Giancarlo Cerquozzi, Univ. of Ottawa

Numerous mobile applications have recently become available for ‘homosexual’ men looking for love, friendship, and even casual sex. One of the most frequently used applications is Grindr. Unfortunately, ‘gay’ sexuality on Grindr is largely regulated by whiteness. ‘Masc4Masc’ and ‘not into fems’ are statements prominently found on the application, alongside assertions of able-bodied preference (‘no 40+ perverts’) and assertions of explicit racism (‘NO Chopsticks or Curry’). White, masculine, and able-bodied men act as sexual gatekeepers on applications like Grindr, regulating what is ‘good’ and ‘desirable’, in addition to what is ‘bad’ and ‘disliked’. This type of behaviour has an extreme othering effect, relegating men of colour to the sidelines. This study exposes and examines how hegemonic homonormative masculinities (masculinities characterized by whiteness, physically abled bodies and masculinity) are performed, maintained, and venerated on Grindr. In using various theoretical frameworks furthered by Jasbir Puar, Judith Butler and R. W. Connell, for example, I will explore how certain types of homosexual, bisexual and trans* men become bad homosexuals and the homosexual other while on Grindr. In order to make this study relevant to a Canadian context, a critical analysis has been conducted on a local sample of 839 Grindr profiles, all of which were collected in Ottawa over a span of several days.

These results of this study are not surprising, yet startling all the same. White masculinities and homonormativity are largely maintained, furthered and desired within this Grindr sample. Personal claims to masculinity and whiteness, and the mention of their desirability, were performed both lexically and visually.

When confronted for their racist, ableist and White sexual ‘preference’, users reacted quite negatively. These findings will highlight how hegemonic masculinities are dislocated from racism, ageism and femmephobia via ‘sorry’ statements and labels of sexual ‘preference’.

Care and domestic work in times of crisis: overturn or reinforcement of domesticity?, Matxalen Iza, Amaia Agirre and Marina Sagastizabal, Univ. of the Basque Country

The economic crisis has led to changes in the structure and dynamics of the labor market: rising unemployment rates, deregulation and precariousness. This has affected the distribution and significance of care and domestic work, in several senses. On the one hand, for men, in some cases, employment’s loss of centrality in their daily lives means that they are more involved in care and domestic work, which brings opportunities for a more equal distribution and for its re-signification. In other cases, however, traditional gender roles are reinforced to compensate the deviation of their behavior in relation to the “male-breadwinner” model. On the other hand, for women, the loss of centrality of employment implies a greater commitment in the domestic sphere, which is confirmed by the data produced from Time Budgets carried out by The Basque Statistics Office-Eustat (1993-2013). In the paper, we will analyze women’s involvement in care and domestic work in the (economic) crisis context, in relation to the time devoted to its execution as well as its meaning. The aim is to identify both trends, the overturn of domesticity and its reinforcement. We define

	domesticity as the allocation to women of occupations and responsibilities of domestic domain. Data used for the analysis comes from an ongoing research that is being developed in The Basque Country (Spain) and has been produced through the combination of quantitative techniques (Time Budgets) and qualitative ones (interviews). The conclusions provided by the study of the Basque reality might offer some indications for a better understanding of gender inequalities in the domestic domain in Mediterranean countries at times of crisis.
--	--

16h-17h30	<p>Relações e representações de gênero Moderador Chair: Carla Martins</p> <p>Sala 4, Piso 3 Room 4, Floor 3</p>
	<p>História Oral da participação feminina no Movimento Estudantil entre 1966 e 1968, Vanderlei Machado, Univ. Federal do Rio Grande do Sul</p> <p>O presente estudo busca historicizar a atuação das mulheres no Movimento Estudantil durante a ditadura civil-militar brasileira, notadamente no período compreendido entre 1966 e 1968. Trata-se de um recorte de um projeto de pesquisa mais amplo intitulado “A história das mulheres que os livros didáticos não contam: as lutas femininas contra a ditadura militar no Brasil”, realizado no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Busca-se nessa pesquisa historicizar a atuação das mulheres em diferentes formas de resistência à ditadura. Após perceber que os livros didáticos de História utilizados pelos/as estudantes de escolas públicas brasileiras não fazem referências à atuação feminina no Movimento Estudantil buscamos preencher esta lacuna construindo uma narrativa histórica a partir de entrevistas de História Oral. Com esse objetivo, foram lidas e fichadas cerca de 30 entrevistas realizadas pelo Projeto Marcas da Memória, todas com mulheres que, de algum modo, atuaram na resistência à ditadura civil-militar. Nas entrevistas buscamos perceber diversas questões, tais como a forma como a repressão agia sobre as mulheres, a maneira como se organizavam as/os estudantes - tentando observar as relações de gênero que permeavam tal organização-, além de questões familiares e de representação do corpo feminino. Buscamos, portanto, através das memórias das militantes, identificar as funções atribuídas às mulheres no Movimento Estudantil, bem como as relações de gênero que nele se estabeleceram no período entre 1966 e 1968.</p> <p>Relações de Gênero e Poder: Assentamento Jacaré Curitiba, Alto Sertão Sergipano- Brasil, Patrícia Rosalba, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe</p> <p>O artigo é parte integrante dos resultados do projeto de pesquisa aprovado pelo edital de 32/2012 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq/Brasil. O texto tem como objetivo apresentar dados sobre as relações de poder entre homens e mulheres assentados/as de reforma agrária que vivem no assentamento Jacaré Curitiba, localizado entre os municípios de Poço Redondo e Canindé de São Francisco, alto sertão, no estado de Sergipe. Partimos de uma perspectiva interdisciplinar, na qual, o foco teórico centra-se no uso do gênero como categoria de análise. Sobre o conceito de gênero utilizamos autoras como Scott (1990), Grossi (1998), Costa (2008). Outros/as autores/as das ciências sociais como Delgado (2005), Oliveira (2004) e Prado Jr (1994) foram fundamentais para a elucidação de discussões sobre a questão agrária no Brasil. Nesse sentido, a investigação utilizou alguns procedimentos metodológicos, a saber: pesquisa bibliográfica, entrevista e observação participante. Os resultados preliminares destacam que o acesso a terra é condição fundamental para a sobrevivência das mulheres assentadas, por outro lado, existe por parte das/os entrevistadas/os total desconhecimento dos direitos básicos e sociais fundamentais para a permanência na terra. As formas de violências cometidas contra as mulheres são naturalizadas no corpo e na fala destas e ratificam-se através do silenciamento dessas questões no contexto do assentamento.</p> <p>Práticas Culturais e relações de gênero: vector de inclusão ou exclusão?, Clementina Furtado, Univ. de Cabo Verde</p> <p>Os imigrantes continentais residentes em Cabo Verde possuem uma grande diversidade cultural bastante diferente da sociedade acolhedora. Como resultado são associados aos actos de feitiçaria, falta de higiene ou comportamentos inadequados, por um lado, e, por outro, esses acusam os nacionais de serem poucos respeitosos das regras. As práticas diferentes acabam por criar alguns debates na sociedade cabo-verdiana, sobretudo quando se fala da relação entre os casais e da posição do homem e da mulher no casamento/união. No caso dos casamentos mistos, espera-se algumas mudanças comportamentais das mulheres cabo-verdianas que se unem a esses imigrantes. O objectivo é analisar a percepção e os impactos desta diversidade/diferença para esses imigrantes e</p>

a sociedade de acolhimento e avaliar os seus impactos na interacção/inclusão. Igualmente analisar as relações de género, e sua influência na reconfiguração identitária. Esta análise terá como suporte as políticas públicas de igualdade de género em Cabo Verde, bem como os seus efeitos, na mudança de mentalidades, seja entre os nacionais, seja entre os residentes. De realçar que decorre no país a campanha ElePorEla (HeFor/She), ou seja, homens na luta pela promoção da igualdade de género, onde todas as instituições da sociedade estão envolvidas, incluindo os imigrantes e as diferentes confissões religiosas e é importante fazer uma ponte com esta campanha. Para este trabalho propõe-se a análise documental e estatística, a aplicação de questionários, junto de pessoas e responsáveis pelas instituições que lidam com a temática igualdade de género e imigração em Cabo Verde.

<p>16h-17h30</p>	<p>Identidades e representações da mulher Moderador Chair: Helena Sant’Ana</p> <p>Sala 5, Piso 3 Room 5, Floor 3</p> <p>A Mulher Hindu, Pedro Matias, ISCSP-ULisboa</p> <p>Os estudos do género conjugado no feminino no contexto indiano e nas comunidades transnacionais da diáspora revelavam a impureza temporária das mulheres durante o período do ciclo menstrual e sua função no lugar da patrilinearidade que ocupavam; revelam agora o papel mais activo da mulher hindu sobretudo no contexto mágico-religioso que tanta influência tem no domínio do quotidiano, fazendo com a versão clássica de religião que assenta na separação das águas entre o domínio do sagrado e do profano não seja aplicável ao contexto etnográfico hindu. Posto isto, Rosa Perez convida-nos à leitura de Madeleine Biardeau [1981] e a avançar para um outro nível de conceptualização do feminino, em particular, o domínio da Deusa (1994: 107). Esta figura do panteão hindu, com a qual as mulheres são associadas, é marcada pela sua ambivalência. Se, enquanto entidade solitária é potencialmente destrutiva, quando integrada num casal, torna-se fecundante, equilibrada, garante da perpetuação da família e da sociedade em geral.</p> <p>Como conclui Rosa Maria Perez: “Ora esta dualidade, pois já sabemos que o estatuto da mulher também é ambíguo, faz da devi uma expressiva metáfora do feminino” (Perez 1994: 108 destacado meu).</p> <p>De facto, é necessário introduzir a sinópsis - obrigatória - de Madeleine Biardeau L’Hindouisme: Anthropologie d’une Civilisation [1981]. E a referência primeira à mulher surge no subcapítulo “L’amour, devoir des femmes” (Biardeau [1981] 1995: 77-87). A leitura das Leis de Manu por Biardeau remete-nos para uma concepção da mulher definida em função do homem, de quem depende, e secundariamente como mãe. A função reprodutora está subordinada à satisfação do desejo, tornando kama o svadharma da mulher (Biardeau[1981] 1995: 77-79).</p> <p>Gender wars in videogames: a representação de protagonistas femininas em videojogos, Joana Freitas</p> <p>Com a crescente centralidade de personagens femininas em videojogos associados a estúdios com muita visibilidade comercial, é possível notar uma dinâmica de comunicação e troca de conteúdos acerca deste fenómeno entre utilizadores em diversas plataformas digitais (Jenkins: 2006), como também uma maior incidência sobre o mesmo na área dos estudos de género. No livro editado por Henry Jenkins e Justine Cassel em 2008 – Beyond Barbie & Mortal Kombat: new perspectives on gender and gaming, os autores observam como o género é cruzado com os diversos e amplos contextos da jogabilidade e produção de jogos disponíveis actualmente, e notam o crescimento significativo do número de raparigas e mulheres jogadoras. No entanto, ainda é incerto e, conseqüentemente, necessário investigar o quão extensas são as diferenças de género no que os jogadores querem; se as mulheres estão a encontrar experiências de jogo que são atractivas para elas, bem como se papéis de género equilibrados estão a ser representados. Nota-se também uma inclusão crescente do campo dos videojogos dentro dos estudos feministas, bem como a questão do género dentro de game studies. Esta exposição irá abordar algumas destas plataformas e debates em torno da representação binária do género, em paralelo com a inclusão de outras comunidades que participam nestas discussões (Gaymer e LGBT). Irei focar-me em três personagens femininas principais, a respectiva construção e representação a nível físico e psicológico, observando o imaginário musical que as acompanha e como é que este se interliga com as mesmas: Quiet de Metal Gear Solid V: Phantom Pain (Konami, 2015), Aveline de Grandpré de Assassin’s Creed III: Liberation (Ubisoft, 2012) e GladOS de Portal e Portal 2 (Valve, 2007 e 2011).</p> <p>A construção da identidade para a mulher negra, Amanda Lemos</p> <p>Eu sou negra, meus pais são negros, meus avós eram negros, meus tios, primos e demais parentes</p>
-------------------------	--

são negros. Mas, eu não tinha consciência disso. Talvez os homens de minha família tenham se reconhecido negros com mais facilidade que as mulheres, ao serem lembrados diariamente (de maneira pejorativa, é claro, mas, lembrados) pela polícia, nas entrevistas de emprego, nas suas ocupações laborais, mas, eu não. Minha mãe sempre fez de tudo para manter meu cabelo impecavelmente alisado, minhas amigas eram brancas, frequentei cursos de idiomas e formação complementar, estudei em boas escolas, sempre trabalhei em grandes empresas, sempre ouvi dizer que as religiões de matriz africana eram malignas. Cresci ao som do “show da Xuxa”, querendo ser “paqueta”, sonhava ter uma coleção de Barbies, lânguidas, magras, brancas. Cresci num universo que não me remetia à minha ascendência, ao povo que deu origem a minha família e a nossa história. Cresci com uma ideia destorcida de mundo, de identidade, ganhei minha primeira boneca negra ao completar 33 anos de idade, lutei muito contra a textura do meu cabelo, apesar de parecer estranho, nunca parei para pensar no significado político de ser a única negra em uma sala de aula ou nos espaços de trabalho, parafraseando outra negra, “durante a minha vivência enquanto mulher e negra, não vi apresentados a mim mulheres como eu sendo produtoras de conhecimento, protagonista de espaços de poder. Para mulheres como eu, só restava os subempregos e a clandestinidade”.

Mas, o que parece ser um cenário positivo e promissor, pode acobertar o racismo e sexismo já conhecido de outrora. O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o respeito e valorização galgado a séculos pela mulher negra.

<p>16h-17h30</p>	<p>Narrativas de Violência de Género Moderador Chair: Dália Costa</p> <p>Sala 6, Piso 3 Room 6, Floor 3</p> <p>Violencia de género y narrativa audiovisual: análisis de los anuncios de sensibilización, Boris López e Awatef Ketiti, Univ. Playa Ancha</p> <p>El continuum de violencia hacia las mujeres, finalizado en el acto brutal del femicidio, la apropiación de su fuerza de trabajo (especialmente reproductivo), el acoso callejero, la instrumentalización sexual a través de la publicidad y la prensa, son conflictos vigentes en las realidades sociales en Chile y España. El discurso hegemónico es representado en la prensa y la publicidad, bastiones de un modelo patriarcal, neoliberal y colonial, donde las mujeres son representadas como objetos de deseo masculino. Ante esta realidad, las campañas televisivas de sensibilización contra la violencia de género se han convertido en una importante estrategia en la lucha contra este fenómeno social. Los actores de la sociedad civil que intervienen en el ámbito de la igualdad en Chile y en España han desarrollado, durante los últimos años, un discurso audiovisual de denuncia y sensibilización que se inscribe en una nueva estrategia de activismo social. Utilizan recursos tecnológicos y medios audiovisuales para contrarrestar los discursos mediáticos hegemónicos que reproducen la violencia simbólica y social.</p> <p>Los objetivos del estudio son, por una parte, analizar desde un enfoque colaborativo y comparativo las dinámicas y estrategias de los movimientos de mujeres para hacer frente a la violencia de género a través de las campañas de sensibilización y de promoción de una cultura de igualdad en España y en Chile; por otra parte, se pretende analizar el discurso narrativo audiovisual de los anuncios de sensibilización, tanto en lo relativo a los contenidos tratados como a la manera de abordarlos desde los diferentes recursos del lenguaje audiovisual. Se enfatizará nuestra mirada, asimismo, en las herramientas retóricas y visuales empleadas para construir este contra-discurso mediático que denuncia, explícitamente, la exaltación de la violencia en la narrativa audiovisual dominante. El corpus del estudio está formado por una selección de anuncios divulgativos producidos por algunas organizaciones de la sociedad civil en España y en Chile durante la última década (2005-2015).</p> <p>Violencia contra mujeres discapacitadas: cinco historias de dolor y resistencia, Andrea García-Santesmases e Asun Pié Balaguer, Univ. de Barcelona e Univ. Oberta de Catalunya</p> <p>La violencia contra las mujeres con discapacidad sigue unos mecanismos particulares que la diferencia de la violencia que sufren las mujeres en general, y que hace que las medidas legislativas e institucionales de protección no se adapten a su situación. Se trata de una violencia invisible e invisibilizada, que acontece mayoritariamente en el ámbito doméstico y residencial y que actúa sobre personas en situación de gran vulnerabilidad.</p> <p>Esta problemática ha sido tradicionalmente estudiada desde una perspectiva paternalista que fija a las mujeres con discapacidad en el rol pasivo de la víctima. Por el contrario, la investigación que hemos realizado, busca posicionarlas como sujetos con agencias y posibilidad de transformación social. Hemos realizados cinco historias de vida con mujeres de distinta edad, origen social, nivel cultural y tipo de discapacidad. Estas mujeres han ido construyendo sus relatos a partir de la reflexión</p>
-------------------------	--

	<p>sobre las distintas violencias que han sufrido, y sobre las respuestas y resistencias que han desarrollado para sobreponerse.</p> <p>El objetivo central ha sido iluminar las microresistencias cotidianas empleadas por las informantes con el fin de analizar las tensiones existentes entre hegemonía y subalternidad presentes en sus relatos. Situar dichas microresistencias dentro de un campo de fuerzas es lo que nos permite comprender las relaciones hegemónicas. Justamente esta generación de nuevas subjetividades, su formación y materialidad en cada uno de los procesos analizados, es lo que nos interesa constatar. Esta comunicación muestra los principales de esta investigación cualitativa y sus principales aportaciones metodológicas.</p> <p>Actitud de las víctimas de violencia de género a la hora de interponer denuncia y de testificar en juicio, Fernando Seijas, Fac. de Derecho, Campus Sur</p> <p>El objetivo principal de esta comunicación es analizar la actitud de las víctimas de violencia de género a la hora de interponer denuncia y de testificar en juicio. Las hipótesis de partida son: 1) las víctimas son más reacias a denunciar ciertas clases de violencia (la de carácter habitual) que otras (la ocasional); y 2) su decisión de testificar viene condicionada por factores personales, familiares e institucionales. Para la elaboración de la comunicación utilizaremos los expedientes de la Fiscalía de Área de Santiago de Compostela (Galicia, España) relativos a delitos de violencia contra la mujer: un total de 582, correspondientes a los años 2005 a 2012. Dichos expedientes indican que el 81.3% de los procesos se iniciaron con denuncia de la víctima o con atestado policial acompañado de denuncia de la víctima. Factores como las consecuencias de las sanciones penales para toda la familia o el miedo a una quiebra familiar definitiva explican el bajo porcentaje de procesos iniciados con denuncia de familiares. La víctima declaró como testigo en, aproximadamente, un 85% de los casos. El porcentaje disminuyó ligeramente en los procesos iniciados por su propia denuncia (84,23%) y más acentuadamente cuando media denuncia de un tercero (71,42%). La concurrencia de un atestado policial o de una denuncia interpuesta por familiares produjo el efecto contrario, incrementando la presencia de víctimas-testigos en el proceso (91,66% y el 100% de los casos, respectivamente). Disgregados por tipo de delito, esos datos muestran que, mientras en los casos de maltrato ocasional un 26% de las mujeres se acogió a su derecho a no declarar, dicho porcentaje descendió a un 23,07% tratándose de maltrato habitual. Tres parecen ser los factores responsables de las distorsiones en el testimonio de las víctimas: las circunstancias socioeconómicas y familiares y la cohabitación con el agresor.</p>
<p>16h-17h30</p>	<p>Trajetórias de vida, Corpo e Sexualidade Moderador Chair: Diana Maciel</p> <p>Sala 7, Piso 3 Room 7, Floor 3</p> <p>Relações amorosas/ sexuais contemporâneas: gênero, corpo e geração, Rosângela Soares</p> <p>Este trabalho busca analisar as relações amorosas e de sexualidade em sua articulação com gênero, corpo e geração a partir do filme Medianeras – a era do amor virtual em Buenos Aires, dirigido por Gustavo Taretto (2011). Com duas personagens principais (Martin e Mariana) e com uma narrativa articulada à cidade de Buenos Aires, o diretor traça um recorte de uma geração inserida em cidades grandes. Um homem e uma mulher que, paradoxalmente, sentem-se solitários numa sociedade em rede. O filme confronta a solidão de cada dia de Martin e Mariana, e também uma nova forma de comunicação, a imersão na cultura virtual. O cinema é uma possibilidade de pensar a vida contemporânea. Tendo esse filme como mote, minha aposta é que ele é produtivo para pensar sobre como o corpo, as relações de gênero, o amor e a sexualidade se expressam na cultura. Num sentido mais pedagógico, que articula cinema e educação, poderíamos questionar: O que esse filme nos ensina sobre corpo, gênero e outras invenções contemporâneas sobre amor e sexualidade? Inserido no campo dos estudos pós-críticos que tem colocado a diferença, a linguagem e os processos de subjetivação em foco em diferentes estudos, aliada aos processos metodológicos trazidos pela etnografia de tela, o texto busca analisar as modificações operadas na relações de gênero e do corpo a partir das novas configurações das relações amorosas e da sexualidade.</p>
<p>16h-17h30</p>	<p>Experiências de gênero nas sociedades contemporâneas Moderador Chair: Cláudia Casimiro</p> <p>Sala 8, Piso 3 Room 8, Floor 3</p> <p>Os impactos da Marcha das Margaridas na visão de mundo e na prática social das mulheres do meio rural, Soraia Guimarães e Raquel Quirino, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG</p>

A presente pesquisa vinculada ao Mestrado em Educação Tecnológica do CEFET-MG, investiga as relações de gênero no meio rural e evidencia a Marcha das Margaridas como um movimento social organizado formado por um grande número de mulheres do meio rural para reafirmarem-se como sujeitos de direitos. A marcha visa assegurar reformas políticas para fazer o Brasil avançar no combate à pobreza, a fim de proporcionar mudanças no enfrentamento à violência contra as mulheres, na defesa da soberania alimentar e nutricional e na formação de uma sociedade sem preconceitos de gênero, de cor, de raça e de etnia, sem homofobia e sem intolerância religiosa. Propondo mudanças, denunciando, reivindicando, negociando ações e políticas públicas, que favoreçam na construção de um desenvolvimento sustentável com justiça, democracia, por uma sociedade igualitária, apresenta-se, neste trabalho, em um levantamento teórico preliminar, a origem da Marcha das Margaridas, suas conquistas e seus objetivos de formar sujeitos políticos e sociais, contribuindo para alteração na visão de mundo e a prática social das mulheres da cidade de Porteirinha, norte de Minas Gerais. Independente do espaço que a mulher esteja inserida no âmbito “trabalho” retrata-se a dupla jornada de trabalho da mulher do campo também tem seu trabalho duplicado e, muitas vezes, sua contribuição produtiva e econômica torna-se invisível na trama das relações sociais. Como estratégia de resistência, as mulheres camponesas vêm demarcando fortemente o espaço político por meio dos movimentos sociais e sindicatos, na busca da conquista de seus direitos e para a diminuição das desigualdades sociais no campo. A Marcha das Margaridas como movimento social de base feminista e rural contribui para a quebra de paradigmas enraizados na sociedade e altera a forma de pensar, a visão de mundo e a prática social e trazem conquistas substanciais para as mulheres do campo.

A construção do conhecimento a partir de narrativas biográficas em militâncias queer e/ou feministas, Fernando Rosa e Maria José Magalhães, ISCTE -IUL, CIES

Pressupondo que a identidade social é derivada de um discurso pedagógico regulado no contexto de relações de poder que ocorrem em redes sociais de interação, o gênero e a sexualidade fazem parte da identidade social e resultam de uma performatividade experienciada pelo próprio indivíduo (Butler, 1990). O/A ativista queer e/ou feminista, inserido/a em movimentos sociais, forma deste modo uma percepção sobre o mundo a partir das interações que estabelece nesse contexto, sendo esta percepção focada num modelo consciente de resistência face ao modelo de dominação (Connel, 1987). Nesta comunicação, partimos da distinção entre a voz e mensagem, para efetuarmos uma diferenciação entre identidades sociais e discursos pedagógicos (Arnot e Reay, 2007). Conforme nos refere Bernstein (1981), o discurso pedagógico deve prestar atenção não só aos discursos produzidos por quem está sujeito ao poder, mas também ao percurso histórico da sua marginalização.

Recorrendo a dez entrevistas narrativas com ativistas queer e/ou feministas, diferenciados no que se refere ao tipo de organização, mas também a diferentes contextos geracionais, tentamos identificar variáveis semelhantes no que se refere à percepção do conhecimento experienciada na decorrerência dessa militância.

O estudo foi feito a partir de uma grelha teórica e metodológica multivariada e interseccional que possibilitou o cruzamento das várias variáveis, que influenciam a natureza do conhecimento produzido no ativismo, resultando o mesmo de influências como a origem social, a diversidade de contextos de intervenção, a articulação da militância com outras esferas da vida social (Crenshaw, 1993).

A análise das narrativas produzidas a partir do percurso destes/as feministas e ativistas-queer enuncia que a forma como avaliam a transformação social está diretamente relacionada com a percepção das disposições sociais (Lahire, 2005) que ocupam em determinado momento da sua militância, mas também da análise que fazem da mudança social experienciada no decorrer, e decorrente, das experiências vividas.

Entre cuerpos: transformismo y representación visual en el Carnaval de Barranquilla, Danny González Cueto, Fac. de Bellas Artes de la Univ. del Atlántico

Las imágenes que se difunden sobre el Carnaval de Barranquilla han invisibilizado a los homosexuales, planteando una imagen equívoca a partir del hombre rudo que se disfraza de mujer durante las fiestas populares. La representación visual sobre el carnaval demuestra que prácticamente a distintos niveles, este colectivo tiene el papel protagónico en la preparación y en la puesta en escena, incluso armando a las “reinas”. Pero días previos, los homosexuales se toman las calles de la ciudad, en un desfile nocturno que han denominado “Guacherna Gay”. Entre cuerpos propone un debate sobre la representación visual de la homosexualidad en las fiestas populares, a partir de una lectura crítica audiovisual y visual desde lo público.

<p>16h-17h30</p>	<p>Masculinities Moderador Chair: Miguel Vale de Almeida</p> <p>Sala 9, Piso 3 Room 9, Floor 3</p> <p>Heteronormativities, Models of Masculinities and Sexual Experiences: A study of Moroccan Young Men in Europe, Vulca Fidolini, Univ. of Strasbourg</p> <p>This paper analyses hegemonic models of masculinity among a group of young Moroccan migrants in Europe. More particularly, the paper will show how young men's sexual accounts contribute to draw hegemonic ideals of heteromascularity (Anderson and McCormack 2014). My presentation will exploit results from an ethnographic research led with 68 young Moroccan men – between 2011 and 2014 – both in France and in Italy. In its first part, the paper will show how different ways of staging (mettre-en-scène) masculinity are used by these young men in order to create different sexual scenarios (Gagnon & Simon, 1973). Then, it will show how these scenarios are re-oriented according to specific dynamics of homosociality (Flood, 2008) and also through the reference to particular models of 'ideal wife'. In this part of the paper the main problems that emerged during my fieldwork are also introduced and the question of the "normative account" is outlined. The second section of the paper introduces a young interviewee, Hicham, whose case will be analysed in order to show, empirically, the impact of the normative account on his sexual experiences and construction of masculinity. In particular, the case of Hicham is used to enable me to define the implications that heteronormativity can have on reporting sexual experiences in the context of a research interview, especially when dealing with the influence of heteromascularity's hegemonic models on sexual accounts. The case of Hicham will reveal the central value conferred by interviewees to the marital sphere and its heteronormative-patriarchal structure in order to 'correctly' accomplish hegemonic models of masculinity in migrant milieu. Crossing different issues of the research line III, this paper aims at showing the deeply relation established by this population of young Moroccan adult to hegemonic heteronormative patterns of masculinity, and how these reference models shape and define their rhetorical way of presenting, negotiating and acting masculinities.</p> <p>"Real men don't eat quiche": The representation of masculinity and meat consumption, Hellen Keller, Humboldt-Univ. zu Berlin</p> <p>Burger King's "Mancadamy", Slim Jim's "An education in male spice loss" and Ginster's "Feed the man" are just a few of the growing number of commercials offering a solution to the crisis in masculinity: men must eat more meat to preserve their masculinity. Without meat men turn into feeble creatures unable to stand up to the demands of women – so the story goes, not only in commercials but also in cooking magazines for men like "Beef". In my talk I want to shed light on the linkage between meat consumption and masculinity by using Raewyn Connell's concept of Hegemonic Masculinity because I assume that meat consumption is an important feature of hegemonic masculinity in Western societies. According to Connell's concept, hegemonic masculinity is always based on the subordination of femininity and other so-called subordinated masculinities (e.g. gay masculinity). Both aspects are evident in the masculinity-meat discourse, as I will show. In the first part of my talk I will demonstrate how meat consumption is portrayed as manly by integrating sexist images and by therefore emphasizing women's subordinated status. I will draw on Carol J. Adams work, which is known for laying open sexist images in meat advertising. Subsequently, I will focus on the representation of male vegetarians in relevant material to show that these men are represented as lacking essential male qualities and can therefore be described as a group of "subordinated masculinities". I will conclude by examining pro-vegetarian and pro-vegan material to show how it deals with the threat of perceived emasculation due to meat abstinence. I will demonstrate that in contrast to pro-meat material, pro-vegetarian material portrays vegetarianism as being compatible with hegemonic masculinity. This is mainly achieved by holding on to other problematic aspects of hegemonic masculinity such as the devaluation of women.</p> <p>A single man – a nonstandard man? Research on masculinity of men who have no partner, Emilia Paprzycka, Warsaw Univ. of Life Science</p> <p>This pronouncement shall concern on men living without a partner, either permanently or temporarily. While designing the research, the perspective of sociocultural gender was taken into consideration. It was an essential tool of data analysis, its interpretation, and reduction. The purpose</p>
------------------	--

of this research was to recognize how culturally formed gender organizes the behavior, needs and patterns of conjugal and family life of men who, from the traditional masculinity pattern perspective, fulfill untypical social roles and play new roles from the contemporary masculinity model perspective. Trying to achieve this particular aim was caused by the conviction that fulfilling these roles may vary according to the type of sociocultural gender (gender identity). The following questions were asked: 1.) What type of sociocultural gender is represented by single men and what follows, how do they define their masculinity and what cultural patterns do they refer to? 2.) How does sociocultural gender diversify single men's attitude towards single life and being in a relationship? The answers to these questions will be provided on the basis of findings of qualitative research conducted on single men and quantitative research carried on representative group of Polish single people. The research shows that single men are most often undifferentiated and feminine men, followed by male men. Androgynous men are single the least often. As a summary a typology of various forms of executing a single man role will be presented. The typology was formed on the basis of comparison of various types of men isolated at different stages of the analysis. It was based on the following criteria: sociocultural gender identity, approach to being single, defining a single man, the reasons for leading a single life, activity in looking for a partner, preferred womanly features.

"Heteronormativity": a key issue of the French religious contemporary landscape, Marion Maudet, EHESS, IRIS

The French society is characterized by a process of "secularization" which affects numerous aspects of religious life in various ways but also reconfigures the relationship between religion and other social spheres, such as gender and sexuality (Casanova, 2006). Both sexuality and religion are affected by important reconfigurations of social relations: individualization, subjectivization and diversification of religious and intimate trajectories are some of the most important evolutions of these past decades (Bozon, 2013 ; Hervieu-Léger, 1999). It clearly appears that nowadays believers do not precisely know and follow religious norms. They indeed exercise an "agency" that enables them to reinterpret, reject or instrumentalize these norms (Rocheport et Sanna, 2013). In this presentation, I will first show that the differences observed between believers and non-believers vary depending on gender. Furthermore, I intend to demonstrate that, on the field of sexuality, the influence of religion has moved from drawing a clear line between believers and non-believers on numerous practices and representations (for instance: the age of the first sexual relation, practices of masturbation, prostitution, pornography but also discourses on fidelity and procreation) to fuzzier boundaries with differences going down to the single issue of heterosexual norms. Discourses and specifically discourses promoting heteronormativity appear to be what really matter nowadays for religious people.

To do so, I use the three main quantitative surveys on sexuality in France (Simon 1970, Analyse of sexual behaviors in France 1992 and Context of sexuality in France 2006) which, despite religion not being their main focus, contain several questions on the subject. My study focuses on Catholics and Muslims, the two religious groups that gather enough people to obtain statistical significant results.

Mama's Boy: Feminist Mothering, Masculinity, and Life in an Interracial Family, Catherine MacGillivray, University of Northern Iowa

As an academic feminist and mother of a now 17-year-old boy, Merlin, I have been concerned since his birth with putting up a good fight-- participating in what has been called "the beautiful struggle"-- around cultural expectations for white, middle-class masculinity versus my own feminist ideals. I have stumbled around issues as seemingly slight as whether or not to cut the bows off the onesie hand-me-downs given to me for him by a friend whose daughter had gently used them previously, to noticing with concern my own implicit and often unconscious desire to cultivate him to successfully take his place in the system of white, patriarchal capitalism and domination. And throughout, I have read and thought about my mothering in my guise as feminist scholar, starting with a conference presentation I gave several times when he was still very small, entitled "Feminist Mothering of/and Masculinity."

Now he is 17, with a voice and a view of his own—or is it? In this conference presentation, which I will make with my son Merlin, we propose to share the text of an interview around these issues that I have done with him, as well as the results of an interview that he has done with me in turn, with a view to understanding how he has been constructed and has constructed himself as a white male, and me as a white feminist mother. We will also show the short, award-winning video he made in primary school about masculinity and the color pink, entitled Fading Away from the Stereotypes, which was shown in a film festival in Canada and recommended to readers in both BUST magazine and on the blog Feministing. In addition, we will explore the issues of race and class that have come up within our own family since I remarried an African American man, and he and his two African

	American sons have joined me and my white son and daughter in a so-called “blended family.”
--	---

16h-17h30	<p>Family, sexuality and intimate relationships Moderador Chair: Sofia Aboim</p> <p>Sala 10, Piso 3 Room 10, Floor 3</p> <p>From a masculine practice to a feminine responsibility: evolution of contraceptive methods in regard to gender in France (1960s-2010s), Cécile Thomé, EHESS (Paris)</p> <p>Until the legalization of medical birth control forms, the most common method of family limitation for heterosexual couples was withdrawal. According to representations, back then, “real” men were those who could control themselves enough to prevent their wives or partners from getting pregnant (while women had to deal with abortions). In France, the pill and the IUD became legal in 1967: since then, they have gradually become the most common contraceptive methods (chosen by around 60 % of women from ages 15 to 49). Contraception is now a feminine responsibility, and men mostly do not feel concerned anymore. It is this gendered shift that this paper plans to highlight and explain. This work draws both on French sociological quantitative and qualitative studies and on oral history methods. To understand the evolution of contraceptive and sexual representations, norms and practices, I conducted interviews with men and women whose sexual activity has begun before 1968 and with different generations of people who became sexually active since then, allowing an intergenerational qualitative comparison. I also use quantitative data (the three main quantitative studies on sexual behavior conducted in 1970, 1992 and 2006, and a more recent one – 2010 – on contraceptive behavior) to demonstrate this evolution.</p> <p>In particular, I want to show that the generalization of contraception did not only produce “sexual freedom” for women but slowly redefined gender roles within the sexual frame, putting women in charge of health and care and men in charge of pleasure only (their own and women’s). Focusing on condom use will also allow us to show that even a masculine device is now often a feminine responsibility, in particular among younger generations. More broadly, this paper aims to demonstrate how examining a medical and sexual evolution through a gendered perspective (masculinity models, gender roles...) enlightens its comprehension.</p> <p>Keeping mothers at home: marriage bar in the UK, 1918 – 1960, Martine Stirling, Univ. of Nantes</p> <p>Between the wars, at a time when a growing number of educated women were taking up jobs in administration and the tertiary sector, a discriminatory practice which came to be known as the marriage bar excluded hundreds of thousands of women from employment the moment they decided to wed. They were, quite simply, forced to hand in their notice and leave their job. For most, this move was irreversible as they were never able to reintegrate the work market even once their children were grown up. For the others, it meant going back to their old jobs on short-term contracts and on lower pay. But in either case, this rule implemented by an ever larger number of employers and respectable institutions such as the Civil Service and the BBC stood in sharp contrast with developing legislation towards gender equality.</p> <p>At a time when the first WMPs were busy promoting women's rights and fighting for a fairer deal for female employees, this question arose on a regular basis in parliamentary debates but no real action followed and the interest it generated was limited.</p> <p>This paper proposes to examine the mechanism of the marriage bar, its impact and its ambiguity in the context of the political and parliamentary discourse of the time but also within the wider framework of a certain perception of female participation in the workforce in Britain.</p>
------------------	--